

Cristiane Lumertz Klein Domingues

POESIA INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

POESIA INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL

Cristiane Lumertz Klein Domingues

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, na área de concentração de Teoria da Literatura.

Dr. Vera Teixeira de Aguiar
Orientadora

Porto Alegre

2011

Fantasia de autor

Digo que a poesia
é um modo de ser
criança – cria
para onde quer.

As frases têm pernas:
os poemas convidam
ao som e às imagens
das palavras amigas.

Fernando Paixão

Dedico esta tese ao meu marido Éverton, pelo incentivo sempre amigo; aos meus filhos, Leonardo e Gabriela, fontes de força e inspiração, porque eles são o presente mais precioso que Deus me deu.

AGRADEÇO

à professora Vera Teixeira de Aguiar, pela competência com que orientou a minha tese, e o tempo que generosamente me dedicou, transmitindo-me os melhores ensinamentos possíveis, com paciência, lucidez, grande conhecimento e confiança. Pela condição que me facilitou a uma pesquisa que está de acordo com todas as minhas aspirações desde que trabalhava com criança, estou-lhe muito, muito grata;

à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela acolhida; aos professores, sempre tão dedicados; aos colegas, pela amizade e aos funcionários Isabel, Mara e Gissa, pelo empenho para que tudo funcionasse muito bem;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual esse trabalho não seria possível.

SUMÁRIO

RESUMO	8
SUMMARY	9
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 A POESIA PARA INFÂNCIA	14
1.1 LITERATURA INFANTIL E DESCOBERTA DA INFÂNCIA.....	14
1.2 ESPECIFICIDADE DA POESIA INFANTIL.....	24
1.3 TENDÊNCIAS TEMÁTICAS E EFEITOS PROVOCADOS NO LEITOR.....	43
2 A PESQUISA	54
2.1 CAMINHOS.....	54
2.2 RESULTADOS.....	58
2.3 POETAS.....	60
3 OS POEMAS INFANTIS NO RIO GRANDE DO SUL	96
3.1 TENDÊNCIAS TEMÁTICAS.....	96
3.2 POEMAS EM FOCO.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	141
ANEXO 1: POESIA INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL: antologia.....	142
ANEXO 2: POESIA INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL: catálogo.....	198

RESUMO

O trabalho intitulado **Poesia infantil no Rio Grande do Sul** tem por objetivo levantar os poemas infantis no Estado, bem como os autores que se dedicaram a escrever para o público infantil, de modo a organizar um catálogo exaustivo dessa literatura. Para tanto, o trabalho inicia com o estudo do surgimento da infância, estabelecendo uma relação com o aparecimento da produção literária infantil e com a história da narrativa e da poesia infantil no Brasil e no Rio Grande do Sul. Em seguida, são tratados conceitos de poesia e especificidade da poesia infantil. Finalmente estuda-se o *corpus* da pesquisa por tendências temáticas e seus efeitos no leitor. A partir do referencial teórico, faz-se a seleção e a análise dos poemas elencados das obras do *corpus* e, em seguida, apresenta-se uma antologia de poemas em anexo. Tal seleção baseia-se nos estudos realizados no referencial teórico; foi selecionado um total de 48 poemas, divididos em seis tendências temáticas. Em novo anexo, apresentam-se listas das obras encontradas de poesia infantil produzidas no Rio Grande do Sul, organizadas segundo data de publicação, autor, local de edição e editora.

Palavras-chave: poema, poesia infantil, antologia poética.

ABSTRACT

The paper entitled **Poetry for children in Rio Grande do Sul** (1882-2011) trends and thematic anthology intends to seek for authors who have dedicated to writing for children, in order to collect poems addressed to children written in our state, to organize a catalog completeness of this literature. Therefore, this work begins with the study of the origins of childhood, by relating the rise of literature for children with the history of narrative and poetry for children in Brazil and Rio Grande do Sul. Later on, the concept of poetry and the specificity of children's poetry is studied, as well as the corpus of themes and trends that moves the young reader. From the theoretical reference, the selection and analysis of the poems listed in the corpus of works is done. Then, as a result of the research, it is presented a anthology of poems, which is enclosed. This selection is based on theoretical studies and resulted in a total of 48 poems, divided into six thematic trends. Also enclosed, there is a list of pieces of children's poetry written in Rio Grande do Sul, organized by date of publication, author, place of publication and publisher.

Keywords: poem, poetry, children's poetry anthology.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A intenção deste trabalho é fazer um panorama da poesia infantil no Rio Grande do Sul, e organizar uma antologia poética a fim de auxiliar o professor em sala de aula, no que tange a escolha de obras de poesia infantil. Tal temática foi interesse de estudo da pesquisadora desde o período em que atuava como professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Muitas vezes, durante o trabalho em sala de aula, sentia-se a necessidade de ampliar o repertório poético da profissional e de aprimorar a forma de abordar poesia com os alunos, de maneira a cativar de forma mais efetiva o pequeno leitor. Pela ocasião de uma especialização em *Leitura, Teoria e Prática*, realizada de 2003 a 2004, vários foram os estímulos e, ao longo do período, estabeleceu-se contato com poetas infantis não conhecidos e que fizeram aflorar, assim, antigas aspirações relacionadas à promoção de um trabalho mais consistente com literatura na escola. Nesse momento, surgiu o desejo de fazer Mestrado em Literatura Infantil, para, posteriormente, dar aula a futuros professores sobre Literatura Infantil. Dessa forma, poder-se-ia auxiliar no trabalho desses profissionais com aulas baseadas em conhecimentos adquiridos durante os estudos e na experiência de sala de aula de mais de dez anos.

No curso de Mestrado, foi possível trabalhar no projeto de pesquisa da Dr. Vera Teixeira de Aguiar intitulado Centro de Literatura Interativa com a Comunidade (CLIC): um projeto de formação de leitores e mediadores de leitura, que fazia parte do Centro de Extensão Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na vila Fátima em Porto Alegre/RS. Tal trabalho foi objeto de estudo da dissertação da pesquisadora, que focou o contato entre a criança do Centro de Literatura Interativa com a Comunidade e o poema e comprovou a hipótese inicial de que a leitura de poesia aprimora a expressão oral, a leitura e a escrita, mesmo sem ter intenções de ensinar conteúdos. Ao longo do período como bolsista, foram ministradas as seguintes oficinas para crianças entre sete e quatorze anos: *Literatura e Imagem*, *Literatura e Poesia*, *Literatura e Biblioteca*, e participou-se de reuniões semanais do grupo de pesquisa. Durante o período de trabalho no projeto de pesquisa do Centro de Literatura

Interativa com a Comunidade, notou-se que o gênero poético agradava muito o público infantil, mas que a escola não oportuniza com frequência o contato com esse tipo de texto. Então, confirmou-se a convicção da necessidade de continuar a pesquisa sobre poesia iniciada no Mestrado na tese de Doutorado. Dessa vez, porém, optou-se por outro enfoque, para dar subsídios aos professores para trabalharem com poesia junto ao público infantil, compreendido como a criança que pertence ao período pré-escolar, correspondente à idade entre 3 a 6 anos, e os escolares, em idade entre 7 anos a 10 anos. A pesquisa é, portanto, dirigida ao professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que passa a ter material literário disponível para o planejamento de seu trabalho.

Justifica-se a escolha da poesia infantil a partir de experiência e atuação em sala de aula, quando se percebeu a falta de contato com a poesia, tanto por parte do aluno quanto do professor. O que se observa é que o professor não gosta o suficiente de poesia ou não possui conhecimento para trabalhar com o aspecto lúdico do poema, o que leva à indiferença em relação a esse tipo de texto. Dessa forma, o professor não tem interesse em cativar seu aluno para gostar de ler e, muitas vezes, utiliza o poema para trabalhar conteúdos. Por tais motivos, observados na prática em sala de aula, pensou-se que seria interessante começar a pesquisa com aquilo que a nossa região publicou para a criança. Acredita-se na importância de um levantamento das obras editadas no Estado e na possibilidade de disponibilização de uma antologia temática. O levantamento de dados foi realizado de forma exaustiva, com o objetivo de encontrar o máximo possível de obras e poetas, o que resultou em um total de 100 obras e 31 poetas.

A pesquisa foi realizada em bibliotecas de escolas particulares e públicas, acervos de universidades e na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. A escolha das bibliotecas teve como critério seu acervo de livros de literatura infantil e seu trabalho realizado com o gênero. Foram visitadas oito instituições: Biblioteca Central Irmão José Otão, DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Biblioteca Lucília Minssen e as bibliotecas das escolas: Colégio Metodista Americano, Colégio Marista Champagnat, Colégio Anchieta e Colégio Farroupilha. O objetivo de tal levantamento era tentar encontrar o máximo possível de obras poéticas infantis e poetas do Rio

Grande do Sul, a fim de se obter um panorama da poesia infantil no Estado. O próximo passo foi organizar uma listagem com os poetas e as obras encontradas durante o levantamento de dados.

Em posse de todo material recolhido em bibliotecas e museus de Porto Alegre, o estudo começou com a construção de uma base teórica. Essa etapa do trabalho pretendia estudar o poema e entender sua composição e suas tendências temáticas, bem como os efeitos que a leitura provoca no leitor e o aspecto fônico do texto, importante no poema infantil por ser um dos elementos que mais agradam a criança. Para embasar as ideias, foram utilizados alguns teóricos. Contribuíram para elaborar as tendências temáticas Aguiar (2001), Coelho (2000) e Capparelli (2003); na compreensão do aspecto fônico, foram consultados Lotman (1978) e Bordini (1986); para entender o condensamento e a força das palavras, foram utilizadas ideias de Bordini (1986); sobre a oportunidade de a criança desenvolver a imaginação, estudos de Paz (1982) serviram como base; por fim, as lacunas que a voz ficcional silencia serão tratadas de acordo com Iser (1979). Para facilitar o entendimento dos aspectos teóricos abordados, recorreu-se à estratégia de exemplificar e, por isso, logo abaixo dos estudos arrolados, aparecem poemas que são analisados à luz das teorias em questão.

O primeiro capítulo intitula-se **A POESIA PARA INFÂNCIA** e apresenta aspectos teóricos da pesquisa, estudos que abordam questões sobre o surgimento da literatura infantil atrelado ao surgimento da noção de infância e a história da narrativa e da poesia no Brasil e no Rio Grande do Sul.

No segundo capítulo, intitulado **A PESQUISA**, o primeiro item trata sobre como foi realizada a busca por biografia e bibliografia dos poetas em museus e diversas bibliotecas de Porto Alegre. O item seguinte relata os resultados da pesquisa, que lista 100 obras de poesia e 31 poetas. A terceira seção trata da biografia dos poetas, ano e o local do nascimento, formação, local de trabalho e obras publicadas pelo autor. Após a biografia, são numeradas obras poéticas infantis com alguns comentários acerca do tema central da obra.

O terceiro capítulo, chamado **OS POEMAS INFANTIS NO RIO GRANDE DO SUL**, cataloga seis tendências e as respectivas obras que se encaixam melhor nelas, de acordo com o tema dos poemas. O subcapítulo intitulado “Poemas em foco” registra alguns poemas das obras eleitas de acordo com as temáticas abordadas, a fim de

exemplificar alguns elementos da teoria descrita no capítulo 1, tais como *aspecto sonoro, condensamento e força da palavra, imaginação e lacunas do texto*.

Diante de uma centena de obras, estabeleceu-se um trabalho seletivo, escolhendo-se alguns textos de acordo com as seis temáticas e com os efeitos que provocam no leitor durante a leitura; essa seleção, por sua vez, deu origem à antologia de poemas. O anexo compõe-se de uma antologia de poemas divididos em seis tendências: folclore, sentimentos, problemas sociais, vida cotidiana, animais e natureza; essa divisão também está de acordo com o efeito que o texto provoca no leitor: lúdico, humorístico, de nonsense ou lírico. A escolha dos poemas não contempla as primeiras obras do catálogo *Flores do campo*: poesias infantis, de José Fialho Dutra, publicada em 1882 e *Festas escolares*: poesias cívicas, de Francisco Martins Cardoso Filho, publicada em 1945, pois, como se observou, não atingem a criança, uma vez que a linguagem e os temas não estão na mesma sintonia que as obras subsequentes.

No segundo anexo, apresenta-se o catálogo com dados das obras encontradas durante a pesquisa, possibilitando ao professor uma ampla visão do que tem sido escrito para infância desde a primeira produção de José Fialho Dutra, com a obra *Flores do campo*: poesias infantis, de 1882. As obras estão listadas de 1882 até os dias de hoje. Todo o material arrolado está disponível nesse catálogo, que organiza as obras em ordem de publicação, por autor, local de edição e por editora, para tornar mais fácil o acesso do professor que desejar encontrar alguma obra.

A pesquisa quer atingir o trabalho com poesia do professor, para que ele consiga cativar seu aluno e estimulá-lo a apreciar esse tipo de texto que, sabe-se pelas experiências observadas, é pouco trabalhado nas escolas e, quando utilizado, acaba se tornando pretexto para ensinar conteúdos. Deseja-se, com tal iniciativa, subsidiar o professor com material poético produzido no Rio Grande do Sul e organizado do ponto de vista temático.

1 POESIA PARA INFÂNCIA

Acredito que cada vez que saímos
de um livro, saímos diferentes,
mesmo que não o notemos.
(Caio Riter)

1.1 LITERATURA INFANTIL E DESCOBERTA DA INFÂNCIA

Antes de definirmos literatura infantil, faz-se necessário uma demarcação de seu alcance e uma fixação de seus limites. Isso porque ela está intrinsecamente ligada à história em quadrinhos, ao teatro infantil, a diversões públicas ou a jogos para criança. Segundo Zilberman (1979), os limites da literatura infantil são fixados pelas suas particularidades. Trata-se de um tipo de texto que, muitas vezes, possui conteúdo onírico e elementos mágicos, considerados importantes para os pequenos; demonstra preocupação em apresentar o maravilhoso e o universo em miniatura, em uma tentativa de reproduzir o universo semelhante ao do relato fantástico, e possui a intenção de libertar a criatividade infantil. Além disso, quando o autor se dirige à criança, ele faz uma adaptação do que escreve no que se refere a assunto, forma, estilo e meio.

Ainda, conforme Zilberman (Ibid.), os livros destinados à criança possuem uma configuração específica que transparece em todos os elementos do texto. O assunto do texto considera a compreensão de mundo e as vivências do leitor infantil, ao abordar temas, ideias ou problemas, de modo a estimular o leitor a elaborar suas próprias conclusões. Já a forma, por sua vez, apresenta enredo, com personagens que facilitam a identificação com a criança, e descrições, que adotam o suspense através da intensificação da ação e da aventura. O estilo apresenta-se com um tipo de redação de acordo com as particularidades do estilo infantil, com estruturas sintáticas próprias à expressão oral e máxima valorização da expressão afetiva sobre a conceitual. Tal recurso não significa a simples transcrição do discurso infantil, uma vez que a leitura leva à ampliação do domínio linguístico. Por fim, o meio garante as condições de

atração da obra, através da presença de ilustração, tipos gráficos e da escolha do tamanho e do formato do livro, pois o recurso visual é imprescindível para aceitação positiva da obra pela criança.

O texto literário infantil é, antes de tudo, literatura. Então, mesmo quando destinada aos pequenos, pode agradar e encantar o adulto, da mesma forma como faz com a criança. Muitas vezes, a obra produzida para a criança não agrada o pequeno, por ser muito elementar e pobre, por ter textos curtos, de poucas frases, e por se preocupar em evitar sílabas complexas, o que demonstra que o escritor subestima a capacidade infantil. As chances desse tipo de leitura ser divertida, comover e levar à fruição estética são remotas. Como afirma Góes (1984), a literatura infantil não deve ter tom moralizador, a partir do qual a virtude é sempre recompensada e o vício castigado. A criança percebe essa intenção e, como resultado, muitas vezes perde o interesse pelo texto. Outro ponto que pode desagradar o leitor mirim é a linguagem carregada em diminutivos, com tom adocicado e falsa simplicidade. Outro pecado é o didatismo, que aparece quando o texto quer passar lições e ensinamentos específicos, disfarçados de recreativos.

A questão do início da literatura infantil foi sempre muito debatida e discutida dentro da relação entre o conceito de infância e o surgimento de obras dirigidas especificamente à criança. Sabe-se que foi no final do século XVII e no início do século XVIII que a literatura infantil surgiu, juntamente com a atenção à faixa etária a que se destina. O pesquisador francês Ariès (1981) discorre em sua obra sobre o período da infância e sobre a forma como, no século XVIII, a criança começou a existir em suas particularidades, visto que, anteriormente, não era valorizada. Note-se que, nos períodos anteriores, a sociedade apresentava-se indiferente à criança, revelando que ela não fazia parte de seu mundo. O desinteresse com o pequeno aparecia nas manifestações artísticas, em que a criança era representada como um adulto em miniatura, sem nenhuma consideração pelas características infantis. A criança era vista com um "anjo adolescente", que participava das missas como coroinha. Essa visão angelical da criança manteve-se nos séculos seguintes fortemente embasadas na infância de Jesus.

O século XVIII promoveu o aparecimento de uma nova história para a criança, marcada pela renovação do tratamento com a infância. Foi o período em que a criança começou a ser considerada pela ciência como um ser diferente do adulto, com

capacidades e necessidades próprias. O momento guiou a infância em um novo caminho, que primava pela individualidade e estabelecia um lugar digno para os pequenos no convívio familiar. Tal mudança foi tão representativa, que a família burguesa modificou a organização da casa para acomodá-los melhor, disponibilizando um quarto somente para eles e separando-os dos adultos.

Toda a sociabilidade do convívio familiar e doméstico ocorrida nas famílias no século XVIII favoreceu o desenvolvimento da leitura, devido à necessidade de inserir a criança na escola e alfabetizá-la. A nova orientação do sentimento de infância proporcionou o relaxamento da antiga disciplina escolar e uma melhor organização das turmas escolares. Ariès (1981) atribuiu à expressão “sentimento da infância” não o mesmo significado de afeição pela criança, mas um reconhecimento da particularidade infantil, ao diferenciar-se a criança do adulto. A individualidade infantil passou a ser respeitada pela instituição escolar através da formação apropriada para as diferentes idades, e as salas deixaram de acomodar crianças de todos os níveis e passaram a agrupar turmas de maneira diferenciada.

Apesar das mudanças na sociedade e na escola, o século XVIII produziu livros infantis marcados por um forte apelo didático e destinados à promoção de valores morais. Nesse contexto, não surpreende que os livros fossem escritos por professores e pedagogos. No Brasil, a literatura infantil nasceu no século XIX; antes disso, não havia produções brasileiras dedicadas à infância, e as edições disponíveis eram portuguesas. Nesse período, produzia-se literatura escolar e, ao mesmo tempo, traduziam-se clássicos da literatura infantil de muitos países. Como escreve Arroyo (1968), algumas obras brasileiras surgiram para criança, na Bahia. Em 1861 Constantino Amaral Tavares publicou *Lições para meninos*; no ano de 1864, foi publicado *O livro do povo*, de Antônio Marques Rodrigues, obra lida durante gerações em todo nordeste. Com autoria definida, o livro *Episódios da história da Pátria*, do Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, com episódios contados à infância, surgiu em 1868. Para meninos, a editora Garnier lançou em 1869 a *Enciclopédia da infância* (vários volumes sob esse mesmo título), que ficou sem autoria definida. Em 1872, no Maranhão, César Augusto Marques publicou um pequeno volume intitulado *A meus filhos*. Em 1881, Gabriela de Jesus Ferreira França publicou o *O livro dos meninos* e, nesse mesmo ano, *Contos brasileiros*. Os livros de Adelina A. Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, *Contos infantis*, tiveram sua 1ª edição em Portugal, em 1886.

O período de transição entre o Império e a República foi rico para criação de livros brasileiros. Salem (1970), cita Carlos Jansen como um dos precursores do gênero. Jansen era um europeu radicado, inicialmente, no Rio Grande do Sul e, após algum tempo, no Rio de Janeiro, e foi muito conhecido por ser um estimulador da cultura nacional. Em 1891, para dotar o infante com textos condizentes as suas necessidades, Jansen publicou o livro *Aventuras pasmosas do celeberrimo Barão de Munchhausen e Contos para filhos e netos*. No decorrer da década de 1950, traduziu e adaptou clássicos para a juventude, tais como *As mil e uma noites*, *Dom Quixote*, *Viagens de Gulliver* e *Robinson Crusóé*. Além das produções de Carlos Jansen, houve o aproveitamento de contos de fadas europeus, publicados por Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), nascido no Rio de Janeiro. Pimentel publicou *Contos da carochinha*, em 1894, *Histórias da avozinha* e *Histórias da baratinha*, em 1896. Os livros foram considerados de muita qualidade na época, por terem sido escritos em linguagem solta, livre e espontânea, com características orais do português brasileiro.

Muitos outros se dedicaram à literatura infantil, como Olavo Bilac (1865-1918) e Manuel Bonfim. Bonfim publicou em 1910 o livro intitulado *Através do Brasil* e colaborou nas principais revistas do País. *O Tico-Tico*, primeira revista infantil que surgiu no Brasil, foi inaugurada em 1905. Mesmo persistindo na ideia de educar, ele tinha preocupação em adequar o escrito à criança. Coelho Neto (1864-1934) nasceu no Maranhão e publicou, em 1911, *Alma*, compêndio educativo destinado às meninas, e em 1912, *Mistério de Natal*. Thales Castanho de Andrade (1890-¹), cuja “dedicação à literatura infantil foi intensa” (Ibid., p. 71) nasceu em Piracicaba; em 1917, escreveu *Saudade* e, em 1918, escreveu *Filha da floresta*. A obra de Thales de Andrade foi totalmente aprovada pela crítica e fez enorme sucesso.

Com Monteiro Lobato, rompe-se o círculo da dependência de padrões vindos da Europa. Isso porque o autor aproveitou a tradição folclórica e foi capaz de transcender o pedagógico, marca forte da época. Monteiro Lobato (1882-1948), nasceu em São Paulo e publicou seu primeiro livro infantil em 1920, *A menina do narizinho arrebitado*, que foi relançado em 1921, como *Narizinho Arrebitado*. O livro era o mesmo, porém com novas aventuras e uma linguagem mais dirigida às crianças, além de formas atraentes, marcadas pela oralidade:

¹ Não foi localizada a data de morte do autor.

Lobato trazia já no seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil [...]. (ARROYO, 1968, p. 198).

Como afirma Aguiar (1994), o livro *Narizinho Arrebitado* fez enorme sucesso entre as crianças. A partir dele, o universo literário infantil foi renovado através da atualização de personagens (como as dos contos de fadas tradicionais), temas (como a segunda Guerra Mundial), cenários (como os Estados Unidos) e ideias (como as de desenvolvimento industrial e emancipação econômica), e da criação do universo do Sítio do Pica-Pau Amarelo, uma associação entre o meio rural e o mundo dos avanços tecnológicos. Na elaboração de sua obra, o autor adotou uma linguagem coloquial, e deu voz à criança através da boneca Emília. "Saliente-se que Lobato é o primeiro escritor a encarar profissionalmente sua função, pois concebe a literatura infantil como um projeto orgânico e, daí, a coerência de sua obra" (Ibid., p. 80). Paes e Aguiar possuem a mesma opinião quando se referem ao texto de Lobato, salientando sua preocupação em falar com a criança de forma divertida:

Coube a Monteiro Lobato [...] mostrar que o humor é o principal ingrediente dessa literatura, que antes dele vivia encalhada na sentimentalidade e no moralismo dos piores lugares comuns. [...] Lobato deu finalmente às crianças brasileiras aquilo que a alegria de viver delas sempre reclamou: o gosto de rir. (PAES, 1993)

Zilberman e Lajolo (1991) salientam que, no período entre 1920 e 1945, desenvolve-se a produção literária para criança, com o aumento do número de obras, do volume das edições e do interesse das editoras pelo mercado de livros infantis. Nessa época, porém, destacam-se quase que somente as produções de Monteiro Lobato. No período entre 1945 e 1960, aconteceu um período de retrocesso no que diz respeito à criatividade, visto que as obras produzidas repetiram exaustivamente o modelo de Monteiro Lobato. As obras desse período, em sua maioria, incorporaram os procedimentos aplicados pela cultura de massa. Nessa época, apareceram escritores como Viriato Correia (Maranhão, 1883- 1967), que se dedicou à literatura infantil e publicou: *Varinha de condão* (1928), *Arca de Noé* (1930), *Era uma vez...* (1908), *História do Brasil para crianças* (1934), *Cazuza* (1938), *No reino da bicharada* (1931),

Quando Jesus nasceu (1931), *A macacada* (1939), *Os meus bichinhos* (1931), *A bandeira das esmeraldas* (1945) e *Meu torrão* (1935). Humberto Campos (Maranhão, 1886-1934) publicou *Histórias maravilhosas*. Guilherme de Almeida (Campinas, 1890-1969) publicou *João pestana* (1941) e *Sonho de Marina* (1941). Paulo Menotti Del Picchia (São Paulo, 1892-1988) publicou *João Peralta e pé de moleque* (sem dados de publicação), *No país das formigas* (1939), *Viagens de João Peralta e pé de moleque* (sem dados de publicação). Manuel José Gondim da Fonseca (1899-1977) publicou, em 1926, *O reino das maravilhas*, depois, *Contos do país das fadas* e *Histórias de João mindinho*.

Segundo Coelho (2000), falando sobre a produção literária infantil que corresponde à fase inovadora pós-lobatiana (a partir dos anos 60/70 até o findar do século XX), existia, na época, uma forte tendência à retomada de temas antigos, em uma tentativa de fundi-los com novos processos. Nesse período, a literatura infantil expandiu-se amplamente e muitas obras foram publicadas. A década de 1970 marca o período em que os textos surgiram mais elaborados, abordando a realidade social e o cotidiano infantil, na produção talvez mais significativa da história. Deixa-se claro que o objetivo desse levantamento não é o de inventariar a literatura infantil brasileira, mas mencionar alguns autores e obras de narrativa que representam a produção dedicada à criança. A pesquisa foi baseada nos trabalhos de Coelho (2000), Coelho (1995) e Marchi (2000), que compilaram um total de 94 autores e 226 obras de narrativa infantil.

A poesia infantil brasileira, segundo Camargo (2000), surge no final do século XVIII e início do século XIX. A produção poética nasce atrelada à história da narrativa, repetindo o mesmo desenvolvimento. O que foi produzido anteriormente eram poemas manuscritos, de circulação familiar, feitos por pai ou mãe para os filhos, ou escritos em álbuns de meninas e moças. Dos poemas, um dos mais antigos é um soneto de Alvarenga Peixoto (1744-1792) dedicado à filha Maria Efigênia quando ela completou 7 anos (em torno de 1786). A obra apresenta um traço que permaneceu na poesia infantil até meados do século XX: a presença de um eu lírico adulto que se dirige a um leitor mirim para incutir a educação moral apropriada. O acervo do poeta não passava de 33 poemas. O de sua esposa Bárbara Eliodora (1759-1819), por sua vez, era composto por apenas um poema, “Conselhos a meus filhos” como se pode observar, pelo título revela-se o teor do texto:

Meninos, eu vou ditar
As regras do bem viver;
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz
Sábios é o pensar.
[...]

No Brasil, a poesia infantil emerge primeiramente com produções manuscritas por familiares e com textos ligados à escola; ambos tinham intenções de ensinar. Nas escolas, os professores da época escreviam textos em prosa e verso para utilizar nas aulas de leitura. O primeiro professor a organizar uma antologia foi João Rodrigues da Fonseca Jordão que, em 1874, publicou o *Florilégio brasileiro da infância*, reunindo poemas que, originalmente, não haviam sido feitos para o leitor mirim. Outras obras também foram publicadas, tais como *Aos Anos de uma Menina*, de Sousa Caldas (1762-1814), *A uma menina no dia em que fazia 15 anos*, de Domingos Borges de Barros (1780-1855) e *Preces da infância*, de Gonçalves de Magalhães (1811-1882). Esses poemas, contudo, conservavam uma perspectiva adulta, visando à educação moral.

Olavo Bilac (1865-1918) escreveu suas *Poesias infantis*, editadas no Rio de Janeiro, em 1904 e deixou clara a ideia de que a poesia era para educar. Seu trabalho servia para instrução primária, por ser composto por versos sem dificuldade, de linguagem e assuntos simples. Bilac queria contribuir com a educação moral da criança do seu país, conforme reforçam as palavras de Aguiar e Ceccantini: “A partir das lições de Olavo Bilac, a produção poética para infância desenvolve-se no Brasil, entretanto, ainda enfatizando principalmente os interesses do ensino, que se vale dos versos como um veículo agradável para a transmissão de lições morais e conteúdos disciplinares” (2009, p. 197).

Com Henriqueta Lisboa (1901-1985), a poesia infantil brasileira é valorizada pelo caráter literário e pela influência do Modernismo, com duas décadas de atraso. Seu livro *O menino Poeta*, editado no Rio de Janeiro, em 1943, rompeu com o pedagogismo da literatura para infância e valorizou o lirismo, ao usar metáforas, ritmo breve e investimento nas brincadeiras onomatopaicas. Henriqueta Lisboa aproveitou também o folclore, que se tornou uma das tendências marcantes da poesia infantil brasileira, ainda utilizado criativamente por poetas contemporâneos, como Ricardo Azevedo.

Segundo Aguiar e Ceccantini (Ibid.), o paradigma estético é consolidado por dois poetas modernistas brasileiros: Cecília Meireles (1901-1964) e Vinícius de Moraes (1913-1980). Cecília Meireles foi uma das principais vozes femininas da poesia brasileira. Ela trouxe para sua criação infantil a musicalidade, quando explorou versos regulares, numa combinação de diferentes metros, verso livre e jogos de sons.

Os poemas infantis de Vinicius de Moraes circulavam desde 1960, mas, somente em 1970, foram reunidos no livro *A arca de Noé*, a mais conhecida obra no Brasil na segunda metade do século XX. Como escrevem Aguiar e Ceccantini (Ibid), a popularidade do poeta é justificada pela presença de jogo sonoro, perspectiva infantil, humor, aproveitamento da poesia oral, tais como a quadra e a redondilha, rima e tratamento de temas de animais, ao agrado da criança. Outro motivo que reforça a popularidade justifica-se pelo fato dos seus poemas “A casa” e “O pato” terem sido musicados por artistas famosos.

Dos poetas do final do século XX e que seguem produzindo até o século XXI, o paulista Ricardo Azevedo (1949) foi o que mais se aproveitou do legado de Henriqueta Lisboa, no que se refere ao aproveitamento do folclore. O escritor exercita-se em múltiplos gêneros e subgêneros (narrativas longas, contos, ensaios, teses acadêmicas, poemas), sobressaindo-se nas compilações de variadas formas de tradição oral (contos populares, adivinhas, trava-línguas, frases feitas, quadras populares, ditos, "brincadeiras", entre outras).

A carioca Roseana Murray (1956) começou sua produção em meados da década de 1980 e avançou para o século XXI. Sua poesia apresentou uma vertente intuitiva e de expressão emotiva, fazendo-se presente um subjetivismo acentuado, que prezou o respeito pela criança:

(...) na Roseana Murray, é possível verificar, portanto, um trabalho poético que respeita a criança e o jovem leitor, distanciando-se plenamente do utilitarismo que caracterizou a leitura de muitos escritores do século passado... (AGUIAR E CECCANTINI, 2009, p.196).

Segundo Aguiar e Ceccantini (Ibid.), também na produção de poetas de gerações mais recentes, a preocupação com o apuro formal e a busca pela sintonia com o universo do leitor iniciante têm sido marcantes. É o caso, por exemplo, de Lalau

(1954), Ricardo Silvestrin (1963) ou Fabrício Corsaletti (1978) – poetas que, pouco a pouco, vêm ganhando voz no cenário da produção atual para criança. Os paulistas Lalau e Corsaletti, respectivamente em *Japonesinha* (2008) e *Zôo* (2005), apresentam coletâneas sobre animais, assunto que agrada o público infantil desde os mais remotos tempos. Eles dedicaram-se aos haicais, gênero pouco comum na tradição da literatura infantil brasileira. O escritor paulista José Paulo Paes (1926-1998) é o principal poeta dos anos 1980 e 1990 dentre aqueles dedicados à criança. O poeta tem sua produção voltada para o público infantil desde 1984 e assumiu a ideia de uma poesia essencialmente lúdica. A obra *Poemas para brincar* (1990) apresenta-se como emblemática e capaz de despertar empatia e cativar leitores iniciantes.

Muitas obras do século passado ainda circulam atualmente através de edições renovadas e que tentam se reajustar ao gosto dos novos tempos. A poesia infantil é, pois, um gênero que esteve ao longo dos anos em ascensão, demonstrando que cresceu na qualidade de suas produções e na preocupação com o leitor mirim. O poema infantil, na literatura brasileira contemporânea, alcançou um espaço mais expressivo quando comparado à pouca produção dos anos de 1980.

Quanto à literatura no Rio Grande do Sul, pode-se falar, a partir da década de 1870, no grupo Partenon Literário, com o qual teve início a atividade literária na, então, Província do Rio Grande do Sul. Fundado em 1868 em Porto Alegre, sob o incentivo de Apolinário Porto Alegre e com o amparo de Caldre Fião, a Sociedade Partenon Literário constituiu-se no primeiro núcleo de uma séria organização literária (PORTO ALEGRE, 1962, p. 16). Segundo Zilberman (1985), deve-se reconhecer o papel central que o Partenon, através de seus agremiados, desempenhou em quase todas as cidades gaúchas. Por essa razão, o início efetivo da literatura no Rio Grande do Sul coincide com a atuação dos escritores do Partenon, que ativaram o meio intelectual, discutindo ideias e atuando em distintos campos literários. O regionalismo, de Apolinário Porto Alegre a Alcides Maya, evoluiu sob a tradição romântica, fazendo a documentação do espaço circundante por meio de cenários típicos, da recuperação de folclore e lendas e da inclusão da forma de falar regional (CHAVES, 1982). As obras expressavam as vivências do gaúcho e suas circunstâncias, e era possível perceber o apego aos pagos, à querência, ao pampa e às coxilhas.

No Rio Grande do Sul, dentre as obras narrativas infantis escritas por gaúchos, segundo Aguiar (1979), encontram-se as histórias infantis, *Natal triste*, de Dario

Bittencourt em 1920, *Juca ratão hydróphobo*, de Augusto Gonçalves de Souza Júnior em 1929, e *Minha infância*, de Jorge Jobim, lançado em 1932. Erico Verissimo (1905-1975), que sucedeu esses autores, tinha o diferencial de procurar atender às necessidades culturais da criança gaúcha e escreveu diversas obras infantis, deixando um vasto legado literário no gênero. Em 1936, publicou *Os três porquinhos pobres*, *Rosamaria no castelo encantado* e *As aventuras do avião vermelho*; nos anos seguintes, lançou *As aventuras de Tibicuera* (1937), *O urso com música na barriga* (1938), *A vida do elefante Basílio* (1939), *Aventuras no mundo da higiene* (1939), *Viagem à aurora do mundo* (1939). A partir dele, diversos autores dedicaram-se a escrever para o público infantil gaúcho: conforme Aguiar (1979), de 1935 a 1959, 54 obras e 28 autores surgiram.

Quanto à poesia infantil no Brasil, foi publicado *Flores do campo*, de José Fialho Dutra (1855-²), em Porto Alegre, em 1882, como o subtítulo ‘Poesias infantis’. Nesse livro, o autor, segundo Aguiar e Ceccantini (Ibid, p.196), "mantém uma dicção poética adulta, desenvolvendo temas cívicos, escolares, religiosos e sentimentais, em tom exemplar e normativo". Em 1945, foi publicado por Francisco Martins Cardoso Filho, *Festas escolares: poesias cívicas*. Na opinião de Aguiar (1979, p.34), "a poesia foi o gênero literário menos praticado: apenas dois livros de poesia foram catalogados, tendo, ambos, objetivos pedagógicos". Esses livros só podem ser considerados infantis em função do seu subtítulo, “poesias infantis”, e do título *Festas escolares*, pois os poemas não apresentam características formais ou temáticas que indiquem preocupação com a criança.

Mário Quintana deu o passo inicial da poesia infantil gaúcha, em 1948, quando publicou *O batalhão das letras*, pela editora Globo. No entanto, somente nos anos 1980, aconteceu uma intensificação nas publicações de poesia infantil. Nesse momento, os textos passaram a demonstrar preocupação com o ludismo, procurando afastar o pedagogismo que comprometeu sua origem, e, dessa forma cresceu significativamente o número de obras do gênero. Como resultado das mudanças ocorridas, a década de 1990 marca o surgimento de grandes nomes na poesia infantil. Nesse período, está em ascensão a poesia mais criativa, de qualidade, que vê o mundo através do olhar da criança e apresenta como marca forte da contemporaneidade a produção poética lúdica. Produziu-se o levantamento das obras de poesia infantil, escritas por autores gaúchos a

² Não foi localizada a data de morte do autor.

partir da estréia de Jose Fialho Dutra, com a obra *Flores do Campo*: poesias infantis, em 1882, em catálogos de editoras, bibliotecas e museus, de Porto Alegre, alcançando um total de 31 autores e 100 obras. Tais obras são apresentadas em anexo com bibliografia completa de cada uma.

A poesia infantil proporciona à criança o conhecimento do real através de elementos que mobilizam as emoções do leitor, que se enxerga dentro do texto e vivencia experiências que o transformam. Ao mesmo tempo, o poema infantil oferece ingredientes necessários ao desenvolvimento da imaginação da criança através de sons e ritmos, que possibilitam a brincadeira com as palavras.

1.2 ESPECIFICIDADE DA POESIA INFANTIL

A poesia infantil possui algumas particularidades que são próprias para o público que ela deseja cativar, que é a criança. Entende-se por poesia:

Poesia é lucidez enternecida; poesia é emoção pessoal, através da linguagem. E o poeta? – Um operário da emoção social. Por emoção social entendemos uma emoção que não exaure nos confins da subjetividade, mas, por apoiar-se na língua, invenção coletiva, possui uma dimensão objetiva. Todo homem experimenta emoções pessoais provocadas por recordações, fantasias, pormenores de sua existência. Essas emoções exprimem-se através da linguagem, e também, por meio de gritos, gestos, palavrões, suspiros (TREVISAN, 1993, p. 35).

Como afirma Trevisan (Ibid., p.24 - 25), “saber deter-se no ponto preciso em que se opera a síntese, em que se realiza o beijo da palavra e do silêncio, eis a poesia. O poema não é mais do que a sombra enternecida desse encontro. Não existe palavra impune. Nem silêncio descomprometido”. A eficácia da poesia está no silêncio, momento que faz surgir o seu poder subversivo, quando ela acontece no segredo do coração, nos momentos de recolhimento que dão vida à alma. A palavra utilizada deve ser encadeada de modo a formar um estilo com certo requinte, capaz de proporcionar imagens na mente do leitor. Cada palavra que compõe o poema constitui uma realidade

e é rodeada de silêncio; dentro dela, circulam o significado, o silêncio e um lado invisível, cujo valor é expelir de si outras palavras. Paz diz que:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. O poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces, embora exista quem afirme que não tem nenhuma: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! (PAZ, 1982, p. 15)

Mesmo que o poema não seja criado através de feitiço, bruxaria ou sortilégio, o poeta desperta a força secreta contida no idioma, ao organizar as palavras nos versos. Conforme Paz (Ibid., p. 68) “O poeta encanta a linguagem por meio do ritmo”; uma imagem suscita outra, e é o ritmo que distingue o poema de outras formas literárias. A linguagem possui a capacidade de interpretar as emoções da alma, como diz Trevisan (1993, p. 58): “não basta serem belos os poemas; têm de ser emocionantes, de conduzir os sentimentos dos ouvintes aonde quiserem”. Entre poesia e emoção existe um distanciamento, “poesia é emoção em câmera-lenta emoção – saboreável” (Ibid., p. 35), pois exige um clima de degustação. Nesse sentido, a poesia é uma produção consciente da emoção. Como diz Trevisan, a poesia é a captação da realidade, uma forma de agarrar as coisas com o coração. A poesia aborda temáticas sobre o mundo e leva o leitor a questionar a realidade.

Adorno (1980) trata sobre o conteúdo da poesia, afirmando que o poema compõe-se de sentimentos universais que dão a ele status de obra de arte devido ao seu poder de configurar as contradições da existência real extraindo dela o universal e o social. Ele escreveu que: “obras de arte, todavia, têm sua grandeza unicamente em deixarem falar aquilo que a ideologia esconde” (Ibid., p. 195). Ele aborda o sentimento da lírica como algo oposto à sociedade, visceralmente individual. A sensibilidade faz questão de que a lírica seja despreendida do peso da objetividade, livre da vida prática e de qualquer utilidade. “Essa exigência feita à lírica, todavia, a exigência da palavra virginal, é, em si mesma, social” (Ibid., p. 195), pois gera o sentimento de protesto do

indivíduo contra um mundo frio, alheio, e anuncia o sonho de um mundo melhor. O poema realiza esse desejo e dá ares concretos a essa revolta ao idealizar um mundo distinto do real. A maneira de ver e de sentir própria e particularizada (idiossincrasia) do espírito lírico é um modo de reagir diante da coisificação da existência, do mundo e dos homens.

A poesia, como escreve Paz (1982), revela-se além da linguagem, ao transformar a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens, e se apresenta como uma metáfora. Desse modo, ela é um instrumento mágico, sujeito a transformar as palavras em coisas e a modificar seu sentido. A linguagem é poesia e carrega uma carga metafórica prestes a explodir quando tocada em sua mola secreta, que é a palavra. A força criadora reside no homem que a pronuncia.

Quando a poesia é dedicada ao público infantil, ela tem no caráter lúdico seu elemento fundamental. O jogo entre as palavras, assim, leva à brincadeira e convida o leitor a imaginar e estabelecer relações com o cotidiano – uma interação que atua sobre os sentidos e faz recriar a escrita. O poema seguinte, de Paes, faz um convite ao leitor: ‘Vamos brincar de poesia?’.

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

(PAES, 1991, s/p)

O poema, quando dedicado à criança, lembra um jogo, pois brinca de forma divertida com as palavras, explica Oberg (2006) ao comparar a poesia com um jogo de tabuleiro:

No tabuleiro da poesia, as palavras e os leitores se movem juntando as peças que farão o jogo acontecer, a palavra do leitor alia-se à palavra do poeta e, nessa interação, os sentidos se constroem, os versos ganham vida. [...] E, como se aprende jogar jogando, para experimentar o jogo com a poesia é preciso pôr a mão na massa, é preciso lê-la.

É importante, segundo Trevisan (1993), para iniciar uma criança na poesia, considerar o corpo do texto. Partir do corpo da poesia desperta na criança não só a sensibilidade verbal, mas também a sensibilidade geral. É importante aguçar os olhos da criança em relação às cores, apurar o ouvido e o tato. “A poesia pretende eletrizar a emoção, torná-la mais humana, posto que só o homem é capaz de desengatilhar a emoção conscientemente” (TREVISAN, 1993, p. 58). Considere-se o texto a seguir, que trata de uma boneca rasgada após uma briga entre duas meninas no momento em que ambas estão com as emoções afloradas. Da mesma forma, o poema age sobre seu leitor, despertando-lhe as emoções.

A boneca

Deixando a bola e a peteca,
Com que ainda há pouco brincavam,
Por causa de uma boneca,
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira: “É minha!”
_ “É minha!” a outra gritava;
E nenhuma se continha,
Nem a boneca largava.

Quem mais sofria (coitada!)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa estroçalhada
E amarrotada a carinha.

Tanto puxavam por ela,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estopa amarela
Que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,
Voltando à bola e à peteca,
Ambas, por causa da briga,
Ficaram sem a boneca...
(BILAC, 1996, p.303)

Ao ler o poema, a criança desenvolve seu poder criador como participante do mundo que a rodeia. Tal afirmação pode ser justificada a partir dos estudos de Lotman (1978) sobre poesia, quando o autor diz que é possível continuar a ouvir, a sentir o poema e a receber dele, mesmo depois de lido, alegria ou sofrimento. Isso porque durante todo o tempo os estímulos externos agem sobre os órgãos do sentido. Tome-se como exemplo o poema que consta a seguir, que fala sobre um jogo de bola que parece ser jogado e visto pelo leitor durante a leitura do texto.

Jogo de bola

A bela bola
rola:
a bela bola do Raul.

Bola amarela,
a da Arabela.

A do Raul,
azul.

Rola a amarela
e pula a azul.

A bola é mole,
é mole e rola.
(MEIRELES, 1979, p.16)

Ao observar um poema, percebem-se algumas especificidades próprias do gênero em geral. Segundo conceitos de Lotman (1978), tais especificidades são encontradas na poesia em geral, independente da língua de origem em que foi escrita. O texto verbal é uma das formas que a arte utiliza para comunicar uma mensagem, num processo que acontece entre emissor e receptor, e que deseja transmitir informação,

revelar opinião e emoção e influenciar. Utiliza-se a linguagem para emitir mensagens compreensíveis a indivíduos que partilham do mesmo código linguístico, ou seja, quando a língua materna é a mesma. Se a comunicação literária se organiza, de uma forma geral, voltada para seu caráter autônomo e para a significação global da arte, os gêneros possuem especificidades segundo os arranjos dos signos. O poema é elaborado a partir de um funcionamento particular de linguagem, com estruturas enunciativas, sintáticas, léxico-semânticas, fônicas, rítmico-melódicas e gráficas, que estão arranjadas em função dos sentidos que querem explorar: “A linguagem, quando utilizada pela arte, tem uma forma de organização pessoal e única, porque quer atingir objetivos específicos” (LOTMAN, 1978, p. 35).

Lotman (Ibid.) estabelece uma diferença entre linguagem natural e artística. Na linguagem natural, os signos são constantes e mantêm sempre a mesma significação, portanto, são imutáveis. Na linguagem artística, os signos são icônicos e portadores de significância mutável, ao estarem alinhados com a visão de mundo de seu elaborador e, também, de seu leitor. Segundo o teórico, os signos icônicos existem numa relação de dependência entre expressão e conteúdo: "o signo modeliza o conteúdo" (Ibid., p. 56) e transmite uma ideia de mundo rearranjada através da expressão da literatura.

Ao modelizar a realidade, a arte representa a vida por meio de um objeto particular e um objeto universal, e promove o raciocínio do leitor para descobrir as ideias que não se completam e não estabelecem conexão entre si. Isso é demonstrado no poema a seguir, em que o leitor é levado a percorrer um longo caminho até chegar ao autoconhecimento: das asas de uma borboleta até seu interior.

Quero asas de borboleta azul
pra que eu encontre
o caminho do vento
o caminho da noite
a janela do tempo
o caminho de mim.
(MURRAY, 1986, p.13)

Apesar de a arte representar a vida, ela não deixa todas as informações evidentes. Dessa forma, é necessário um trabalho de raciocínio do leitor, que vai, aos

poucos, montando as peças que compõem o quebra-cabeça, já que o texto artístico pode favorecer múltiplas interpretações. O processo de entendimento da significação do texto pode acontecer de três formas, como afirma Lotman (1978): transcodificação interna (são estruturas que definem outras de acordo com a estrutura interna, como na expressão matemática); transcodificação externa (promove a equivalência entre duas estruturas diferentes e elementos individuais, como som e grafia, como na tradução de uma língua para outra) e transcodificação externa binária, percebida como a mais importante, por permitir a interpretação. A transcodificação externa binária acontece por meio das inter-relações que o leitor estabelece entre os assuntos tratados no texto com o conhecimento de realidade que tem.

A relação entre o sistema e a possibilidade de estabelecer conexão com o mundo vivido leva à significação, que acontece a partir das inter-relações estabelecidas. O texto não é algo acabado, terminado, fechado; ao contrário, é um processo. Dessa forma, o leitor tem que participar do processo de leitura para construir o significado daquilo que está lendo. Para isso, ele utiliza todo o conhecimento prévio armazenado e proveniente de suas experiências de vida, visto que a linguagem empregada pela arte facilita a cada leitor a construção de sua própria leitura.

Na organização do poema, a linguagem é entendida como secundária, com palavras que se interligam e promovem uma pluralidade de leituras possíveis. As múltiplas possibilidades de leitura do poema compõem uma particularidade do texto artístico: promover uma compreensão diferente para cada leitor e a cada vez que se lê. Isso, por sua vez, depende das ligações extratextuais construídas durante a leitura. O poema “A casa” é um exemplo do processo de construção das informações que o leitor deve realizar durante a leitura:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa

Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na rua dos Bobos
Número Zero.
(MORAES, 1991, p.28)

A primeira especificidade da poesia é com **relação ao aspecto fônico**, como aponta Lotman (1978), através da adaptação das ideias do autor ao poema escrito para criança, por meio do entrelaçamento do *aspecto combinatório* e do *aspecto fônico*.

O *aspecto fônico* do poema acentua as repetições dos fonemas, prima pelo aspecto sonoro do texto e é a característica mais importante quando o poema é destinado ao público infantil. A ênfase na melodia, segundo Bordini (1986), tem como objetivo agradar o leitor, como fazem as cantigas de ninar que acalmam a criança pequena. Eis um exemplo de acalanto:

Boi, boi, boi,
Da carinha preta;
Pega essa menina,
Que tem medo de careta.
(MELO, 1985, p.26)

Bordini (1986), afirma que, mais adiante, quando o pequeno cresce, ele adquire a habilidade verbal, que marca o início das habilidades comunicativas. Na nova fase, o poema é desafiador no momento da leitura dos versos, e contribui para o aprimoramento das habilidades comunicativas ao jogar com as palavras através de fonemas de difícil articulação e trocas vocálicas e consonantais. Ao produzir um poema para a criança, o poeta prima pelo trabalho articulatorio, acima da real significância, e, muitas vezes, produz conjuntos de representação ilógicos, realçando a sonoridade em detrimento do sentido. Observa-se o trabalho do poeta de voltar ao folclore, mas com novos versos, atualizando a parlenda. Pode-se considerar o exemplo:

Encadeadinho

Segunda-feira
falo besteira.

Besteira nada,
falo na fada.
Se a fada é boa,
falei à toa?
Toa não ouve,
não come couve...
Que houve comigo?
Não sei o que digo...
(SEBEN, 1997, p.117)

Nenhum som tomado separadamente no discurso poético tem significância; não é possível entender o poema ao se analisar particularmente cada som, somente pela interpretação complementar, quando o leitor percebe as redes de ligação e as organiza segundo suas próprias ideias. O texto a seguir pode ilustrar esse processo, com a repetição do mesmo som palatal-lateral /lh/:

Coisas de abelha

Abelha abelhuda!
Entrou pela orelha
de uma coelha
felpuda.
(BEBIANO, 1973, p. 66)

O poema forma uma unidade rítmico-entonacional; no entanto, não dispensa uma unidade de sentido, como mostra o poema a seguir ao tentar encontrar o menino poeta:

O menino poeta

O menino poeta
não sei onde está
Procuo daqui
procuo de lá
Tem olhos azuis
ou tem olhos negros?
Parece Jesus
ou índio guerreiro?

Trá-lá-lá-lá-la
trá-lá-lá-lá-lá

Mas onde andará
que ainda não o vi?
Nas águas do lambari,

nos reinos do Canadá?
(LISBOA, 1975, p. 39)

A poesia, quando dirigida à criança, brinca com palavras, sons e sentidos em comunhão com o ludismo. Como faz Vinicius de Moraes, ao priorizar o aspecto sonoro, explorando palavras com o som /p/, que sugerem, durante a leitura, o caminhar do pato. O “P” é uma letra surda (sem vibração das cordas vocais), oclusivas, bilabial e proporciona o toque do lábio superior e inferior. Observe-se o texto a seguir:

O pato

Lá vem o Pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o Pato
Para ver o que é que há.
[...]
(MORAES, 1991, p.40)

Os sons no poema podem ser organizados segundo as figuras de linguagem *assonância* e *aliteração*, que, assim como o ritmo, ajudam a criança a memorizar o texto e agradam muito o pequeno leitor. Figuras de linguagem costuram os versos na estrofe e a fazem fluir, contribuindo para a amarração das estruturas em andamento sobre a melodia.

Observando-se a sonoridade no poema, a primeira figura de linguagem a ser destacada é a *assonância*, que é a repetição de vogais nos versos. As vogais marcam o ritmo durante a leitura, quando a vogal /u/ sugere ao leitor o barulho do vento que sopra. A vogal /u/ pertence ao grupo de timbre fechado, pelo fato de a boca ser menos aberta durante sua pronúncia. Pode-se considerar o exemplo:

Recado

Ao vento da noite
sussurro sete segredos:
tudo que tenho por fora
tudo que tenho por dentro
que o vento vá levando
minha sede de amor
pule cercas pule sebes
abra porteiros no mar

derramando meu recado
nos quatro cantos do ar
(MURRAY, 1991, p.13)

Outra figura de linguagem que dá vida ao poema através do seu aspecto sonoro é a *aliteração*, marcada pela repetição de consoantes nos versos. No poema a seguir, conta-se com a aparição do /nh/, consoante palatal - nasal:

O Elefantinho

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?

- Estou com um medo danado
Encontrei um passarinho!
(MORAES, 1991, p. 36)

Outro exemplo cita-se com o poema a seguir, que apresenta no texto palavras com /lh/, portanto, com mesma grafia e som palatal-lateral:

Bolhas

Olha a bolha água
no galho!
Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho
na rolha!
Olha a bolha!

Olha a bolha na mão
que trabalha!

Olha a bolha de sabão
na ponta da palha:
brilha, espelha
e se espalha.
Olha a bolha!

Olha a bolha
que molha
a mão do menino.

A bolha da chuva de calha!
(MEIRELES, 1979, p.67)

Já a *ligação combinatória* acontece com palavras de mesmo significado, mesmo som ou mesma grafia. Ao observar a figura de linguagem *anáfora*, que é a repetição de palavras nos versos, em relação à palavra “foca”, pode-se notar a combinação estabelecida entre as ações que a foca realiza. Eis um exemplo:

A foca

Quer ver a foca
Ficar feliz?
É pôr uma bola
No seu nariz

Quer ver a foca
Bater palminha?
É dar a ela
Uma sardinha.

Quer ver a foca
Fazer uma briga?
É espetar ela
Bem na barriga!
(MORAES, 1991, p.56)

Ainda observando a combinação entre as palavras no poema, outro aspecto a ser salientado é o da rima, que cria melodia no verso através da harmonia entre as palavras e por meio do jogo de sonoridades. O poema, porém, deve ir além do ritmo e da rima, é necessário alcançar o inaugural, isto é, descobrir no já conhecido algo novo, e, ao mesmo tempo, falar sobre o mundo infantil. A poesia fala com a criança quando revela o mundo de forma lúdica e estimula sua inventividade. Pode-se observar no seguinte poema a rima entre as palavras ‘passear-conversar’, ‘dizer-aparecer’, ‘inventar-mar’, ‘jardim-fim’, ‘escrever-ler’ e o acento as sílabas finais:

O menino azul

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.)
(MEIRELES, 1979, p.24)

No próximo exemplo, o poema promove a brincadeira com as palavras e, ao contrário do texto citado anteriormente, não apresenta comprometimento com o sentido lógico na estrutura. Observe-se a seguir:

a tartaruga
nunca sai de casa
que coisa mais chata!

camaleão:
de dia sim,
de noite não

de noite,
a zebra dorme
metade dela some
(CORSALETTI, 2005)

A criança tem interesse pela sonoridade e pelo ritmo da poesia devido ao convívio lúdico que possibilitam e por atingirem diretamente os sentidos, o que os coloca como elementos básicos no poema dirigido à criança. O poema a seguir ilustra a combinação entre palavra e sons denominada onomatopéia, e estimula a criança a

imaginar um relógio funcionando. O ritmo é dado pela palavra tic-tac, que remete o leitor ao som das horas passando durante a leitura:

O relógio

Passa, tempo, tic-tac
Tic-tac, passa, hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai-te embora
Passa, tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora
Que já estou
Muito cansado
Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac...
(MORAES, 1991, p.24)

Outro dado a considerar é a utilização de imagens simples, que facilita a compreensão infantil através das figuras de linguagem *metonímias* e *metáforas*. Tais recursos servem para dar vivacidade, sugestividade e poder de sedução à linguagem, privilegiando o aspecto sonoro. O entendimento do poema acontece na busca de sentido através das semelhanças (metáforas) ou contiguidades (metonímias), que obrigam o leitor a decifrar o lido ao ter estimulada suas operações mentais. Tanto a metonímia quanto a metáfora estimulam o desenvolvimento da imaginação durante a leitura do poema. A criança entra no jogo proporcionado pelas palavras e se diverte com o arranjo delas. Note-se que o poema a seguir compõe uma realidade por meio de *metáforas* e *metonímias* e estimula a imaginação do leitor:

Sonho de Olga

A espuma escreve
com letras de alga
o sonho de Olga.

Olga é a menina que o céu cavalga
em estrela breve.

Olga é a menina que o céu afaga
e o seu cavalo em luz se afoga
e em céu se apaga.

A espuma espera
o sonho de Olga.

A estrela de Olga chama-se Alfa
Alfa é o cavalo de estrela de Olga

Quando amanhece, Olga desperta
e a espuma espera
o sonho de Olga,

a espuma escreve
com letras de alga
a cavalgada da estrela Alfa.

A espuma escreve com algas na água
o sonho de Olga...

(MEIRELES, 1979, p.73)

Da mesma forma que a poesia, o pensamento infantil tem uma lógica metafórica que atribui maior valor à imagem. Ambos privilegiam a palavra como algo misterioso e concreto, que não só representa, mas se apresenta, deixando de ser signo para tornar-se símbolo porque foi motivada e, assim, presentificando o objeto. Esse processo de presentificação é muito comum na criança porque ela não possui noção de tempo. Para ela, é sempre presente, visto de forma contínua; por isso, o ato de reviver proporcionado pela poesia é tão familiar.

Quando o leitor sentir-se tocado para entrar no campo das representações, ele vai reparar que o discurso poético é imaginariamente sensorial. Diz Bordini (1986, p. 32): “Todo discurso evoca não as coisas, mas seus conceitos”. Tais palavras são reforçadas pelos versos:

As pessoas sem imaginação
Podem ter tido as mais imprevistas aventuras,
Podem ter visitado as terras mais estranhas.
Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou.
Uma vida não basta apenas ser vivida:
Também precisa ser sonhada.
(QUINTANA, 2005, p. 7)

Uma especificidade do gênero poético, segundo Bordini (1986), é a capacidade perceptiva que ele possibilita por meio da percepção imagética contida no **condensamento e na força das palavras**, que é a “vereda poética de desvendamento das aparências sensoriais” (Ibid., p.26). A percepção do mundo, para a criança, é bem diferente da visão que o adulto possui. Sua apreensão é emotiva e global; por isso, a poesia, com seu formato condensado e emotivo, sensibiliza-a de maneira tão forte. O poema a seguir exemplifica o condensamento e a força das palavras, pois, utilizando poucos vocábulos, consegue expressar a ideia de um lindo pássaro dançando sobre um lago congelado:

Grou de crista vermelha

Na imagem duplicada,
O grou dança de forma delicada
Sobre um espelho de gelo

Toda a floresta pára
Para vê-lo.
(LALAU, 2008)

Outra especificidade da poesia infantil trata da possibilidade que ela cria para o leitor de desenvolver a **imaginação**. A palavra imaginação aparece no dicionário com o significado de “faculdade que possui o espírito de representar imagens; capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos; capacidade de formar imagens originais; faculdade de criar a partir da combinação de ideias; criatividade ou obra criada pela fantasia” (HOUAISS, 2007, p. 1573).

Segundo Paz (1982), imaginação significa, por exemplo, vulto, representação ou figura real ou irreal que se evoca ou se produz com a imaginação. Pode-se pensar a palavra imagem como as formas do verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta diz e que compõem um poema. A realidade poética da imagem não pode aspirar à verdade: “O poeta não diz o que é, e sim o que poderia ser. Seu reino não é o do ser, mas o do ‘impossível verossímil’ de Aristóteles” (Ibid., p. 120).

O homem se traduz no ritmo, cifra de sua temporalidade; o ritmo, por sua vez, se declara na imagem; e a imagem volta ao homem mal os lábios de alguém repetem o poema. Por obra do ritmo, repetição criadora, a imagem – feixe de sentidos rebeldes à explicação – abre-se à participação. A recitação poética é uma festa: uma comunhão. E o que se reparte e recria nela é a imagem. O poema se realiza na participação, que nada mais é que recriação do instante original. Assim, o exame do poema nos leva ao exame da experiência poética. O ritmo poético não deixa de oferecer analogias com o tempo mítico; a imagem, com o dizer místico; a participação, com a alquimia mágica e a comunhão religiosa. Tudo nos leva a inserir o ato poético na zona do sagrado (Ibid., 1982, p. 141).

A forma como a linguagem está organizada na poesia infantil promove o exercício da imaginação voltado para resolução de problemas e por meio da reelaboração dos dados apresentados que formarão uma nova configuração. Favorece, portanto, o desenvolvimento da imaginação; por tal motivo, salienta-se a importância de a criança manter contato com o poema, para desenvolver a capacidade criadora infantil na conversa consigo mesma durante a leitura e através da descoberta de si como ser participativo no mundo. O mundo não é só o que se vê na realidade, mas a maneira como se pode ver; por conseguinte, o poema está repleto de informações. Assim diz o texto seguinte, que faz brotar os mais íntimos sentimentos vindos do coração:

Sonho

Um poema que, ao lê-lo, nem sentirias que
ele já estivesse escrito, mas que fosse
brotando, no mesmo instante, de teu próprio
coração.

(QUINTANA, 2006, p. 36)

Um recurso valioso revelado pela poesia é a incompletude proporcionada pela linguagem e preenchida pelo mundo imaginário do leitor. O poeta, nesse sentido, recorta elementos do mundo e os arranja de forma bastante econômica, ao usar poucas palavras para expressar as ideias. Então, como a última especificidade da poesia infantil, surgem os pontos vazios no texto, que são **lacunas que a voz ficcional silencia**. Tais vazios serão preenchidos automaticamente pelo leitor, conforme diz Iser (1979, p. 110): "Quanto maior a quantidade de vazios, tanto maior será o número de imagens construídas pelo leitor". A noção de vazio se concretiza no pensamento infantil

através da força da linguagem que o preenche e presentifica. O caráter inacabado do mundo ficcional estimula a criança a construir seu imaginário, a pensar, a transformar e a se reconhecer como um ser que pensa. Trata-se a seguir de um poema que compara o mosquito a uma serraria; o trabalho de compreender a comparação estabelecida fica para o leitor:

O mosquito

O mundo é tão esquisito;
Tem mosquito.

Por que, mosquito, por que
Eu... e você?

Você é o inseto
Mais indiscreto
Da criação
Tocando fino
Seu violino
Na escuridão.

Tudo de mau
Você reúne
Mosquito pau
Que morde e zune.

Você gostaria
De passar o dia
Numa serraria
Gostaria?

Pois você parece uma serraria!
(MORAES, 1991, p. 58)

Já que o poema possui maior força na sonoridade, é aconselhável despertar o gosto da criança pelo poético, uma vez que a mensagem atua mais sobre as sensações infantis do que sobre seu entendimento. Como no seguinte poema que faz lembrar uma vovó falando por meio do som do nhem-nhem-nhem-nhem:

A língua do nhem

Havia uma velhinha
Que andava aborrecida
Pois dava a sua vida
Para falar com alguém.

E estava sempre em casa

A boa da velhinha,
Resmungando sozinha:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem....

O gato que dormia
No canto da cozinha
Escutando a velhinha,
Principiou também
A miar nessa língua
E se ela resmungava,
O gatinho a acompanhava:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem....

depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha,
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem....

de modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,
[...]

(MEIRELES, 1979, p.73)

O som, nesse viés, deve ser mais significativo do que a matéria poética, pois é ele que vai proporcionar a iniciação poética da criança. A poesia necessita alcançar primeiro o ouvido da criança, e, mais tarde, nela desenvolver a capacidade e o gosto pela leitura do texto poético. Diz Paz:

Manipulando os sons em esquemas repetitivos, que estabeleçam correlações entre eles, o poeta criará as rimas (ou a mera correspondência de sons...) e o ritmo que darão corpo inconfundível ao poema. As crianças percebem, de imediato, nessa linguagem rimada e rítmica, uma linguagem especial que as atrai e diverte, porque no fundo se identifica com um jogo ou uma brincadeira com palavras (1982, p. 153).

A poesia infantil, nos últimos anos, vem passando por um processo de transformação no que tange o modo de tratar a criança e na forma de elaborar o poema.

Em mais de quatro décadas de exercício do gênero, muitas mudanças ocorreram e os temas abordados na poesia dirigida à criança se ampliaram.

1.3 TENDÊNCIAS TEMÁTICAS E EFEITOS PROVOCADOS NO LEITOR

Alguns autores, como Aguiar (2001), Coelho (2000) e Capparelli (2003) elaboraram trabalhos separando poemas por temas determinados, que variam de acordo com as obras. Com base em tais ideias, estabeleceu-se a organização de algumas tendências temáticas, a fim de facilitar a divisão das obras do *corpus* da pesquisa. Registrou-se a separação das tendências temáticas em seis abordagens diferentes, tais como: folclore, sentimentos, inserção no social, vida cotidiana, animais e natureza. O tema abordado e o tipo de organização do poema provocam reações diferentes no leitor em resposta a efeitos lúdicos, cômicos, líricos, pedagógicos e de nonsense. A separação das obras por tendência temática privilegiou a maior ocorrência de um tema no todo da obra.

A primeira tendência temática é o **folclore**, que sugere a volta ao passado e que aparece presentificado nos textos poéticos infantis contemporâneos com uma nova organização. O folclore é originário de manifestações populares e acompanha o ser humano desde seu nascimento. Melo (1985) divide as manifestações folclóricas em três tipos: brincos, recitados pelos pais ou amas para entreter as crianças; mnemônias, que são as repetições feitas pelas crianças para fixar algum conteúdo, como números e letras; e parlendas que são produções mais complexas recitadas pelas crianças, tais como o trava-língua. O poema “Cadê?” recria o folclore através do uso do recurso das adivinhas, em um esquema de perguntas e respostas, típico da parlenda:

Cadê?

Nossa! que escuro!

Cadê a luz?

Dedo apagou.

Cadê o dedo?

Entrou no nariz.

Cadê o nariz?
Dando um espirro.
Cadê o espirro?
Ficou no lenço.
Cadê o lenço?
Dentro do bolso.
Cadê o bolso?
Foi com a calça.
Cadê a calça?
No guarda-roupa.
Cadê o guarda-roupa?
Fechado à chave.
Cadê a chave?
Homem levou.
Cadê o homem?
Está dormindo
de luz apagada.
Nossa! que escuro!
(PAES, 2004, p.18)

Outra temática abrange a poesia que se volta para os **sentimentos**, conforme escreve Aguiar (2001), e que trata de assuntos existenciais, que mobilizam a sensibilidade do leitor e projetam-no diretamente no texto, para viver e sentir as emoções a seu modo. Os sentimentos abordados nos poemas abrangem afeto, carinho, amor, apego. A temática pode ser tratada de diversos aspectos, principalmente privilegiando os relacionamentos mais diversos entre: pais, irmãos, familiares, amigos, namorados e objetos. É o caso dos textos a seguir:

A avó

A avó, que tem oitenta anos...
Está tão fraca e velhinha!...
Teve tantos desenganos!
Ficou branquinha, branquinha,
Com os desgostos humanos.

[...]

Chama os netos adorados,
Beija-os, e, tremulamente,
Passa os dedos engelhados,
Lentamente, lentamente
Por seus cabelos doirados

Fica mais moça, e palpita
E recupera a memória
Quando um dos netinhos grita:
“Vovó! conte uma história!
Conte uma história bonita!”

[...]

(BILAC, 1996, p. 297)

O filho que eu quero ter

É comum a gente sonhar, eu sei
Quando vem o entardecer
Pois eu também dei de sonhar
Um sonho lindo de morrer
Vejo um berço e nele eu me debruçar
Com o pranto a me correr
E assim chorando acalantar
O filho que eu quero ter.

Dorme, meu pequenininho
Dorme, que a noite já vem
Teu pai está muito sozinho
De tanto amor que ele tem.
[...]

(MORAES, 1991, p. 18)

A próxima tendência temática trata dos **problemas sociais** da poesia. Segundo ideias de Bordini (1986), os poemas podem tratar das asperezas da vida e do convívio, e, assim, normas são contestadas levando em consideração o modo de ser infantil. Os poemas podem abordar assuntos como guerras, pobreza, miséria, abandono e exclusão social. Veja-se o seguinte exemplo:

São Francisco

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
De pé descalço
Tão pobrezinho
Dormindo à noite
Junto ao moinho
Bebendo a água
Do ribeirinho.

Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão
Dizendo ao vento
Bom dia, amigo
Dizendo ao fogo
Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
Levando ao colo
Jesuscristinho
Fazendo festa

No menininho
Contando histórias
Pros passarinhos.
(MORAES, 1991, p.14)

A poesia da **vida cotidiana** apresenta-se com poemas que tratam de situações comuns no dia-a-dia da vida das crianças. O tema aborda aspectos rotineiros por meio de atividades comuns que compõem nosso dia-a-dia, tais como estudar, trabalhar, encontrar amigos, conversar, etc. Podem ser encontrados aspectos variados dentro dessa temática: passeios, trabalho, escola, brincadeiras, eventos sociais, acontecimentos e visitas. Eis um poema sobre a rotina da escola:

Escola

Escola é o lugar aonde a gente vai quando
não está de férias.

A chefe da escola é a diretora.

A diretora manda na professora.

A professora manda na gente.

A gente não manda em ninguém.

Só quando manda alguém plantar batata.

Além de fazer lição na escola, a gente tem de
Fazer lição de casa.

A professora leva nossa lição de casa para a
Casa dela e corrige.

[...]

(PAES, 2002, p. 10)

No tema referente a **animais**, segundo escreve Pondé (1986) ao analisar a obra de Vinicius de Moraes, privilegiam-se os animais animizados e enfatizam-se seus aspectos descritivos, tais como suas vozes e sua natureza simples e ingênua: “Os animais, considerados como um conjunto do povo com características físicas e materiais conferem um tom carnalizante às obras de Vinicius, juntamente como o cômico das

situações e o aspecto visual e dinâmico das cenas muito semelhantes às dos desenhos animados” (Ibid.). É o caso do seguinte texto:

A arca de Noé

[...]

Ora, vai na porta aberta
De repente, vacilante
Surge, lenta, longe e incerta
Uma tromba de elefante
E logo após, no buraco
De uma janela, aparece
Uma cara de macaco
Que espia e desaparece
Enquanto, entre as altas vigas
Das janelinhas do sótão
Duas girafas amigas
De fora as cabeças botam
Grita uma arara, e se escuta
De dentro um miado e um zurro
Late um cachorro em disputa
Com um gato, escoceia um burro.

[...]

(MORAES, 1991, p.12)

A **natureza** é outro tema abordado nas tendências temáticas. Pondé (1986), ao analisar a obra de Cecília Meireles, salienta que a natureza é eleita (plantas, meio rural, clima, astros) por seus elementos próximos ao universo infantil e que melhor integram-se com ele. O clima pode referir-se a arco-íris, chuva, rio, sol, mata, céu etc., como em:

Sonhos de menina

A flor que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?

sonho
risonho:

o vento sozinho
no seu carrinho

De que tamanho
seria o rebanho?

A vizinha
apanha
a sombrinha de teia de aranha...

Na lua há um ninho
de passarinho.

A lua com que a menina sonha
É o linho do sonho
Ou a lua da fronha?
(MEIRELES, 1979, p. 36)

Outra classificação aqui utilizada é aquela que considera a poesia a partir do efeito que causa no leitor. Baseado nos estudos de Iser (1979), pode-se afirmar que a leitura de textos literários provoca diferentes reações, funcionando como uma espécie de dispositivo que permite ao leitor construir suas próprias representações, que variam conforme a forma como o texto se organiza. Abaixo, citam-se efeitos possíveis de serem provocados no leitor depois da leitura de um poema, segundo a forma em que o texto se apresenta.

O efeito **lúdico** não tem outra intenção, conforme afirma Aguiar (2001), senão divertir, oportunizando a criança a possibilidade de brincar. Os poemas que proporcionam tal efeito brincam com os sons, as palavras, os ritmos, as pausas, os sentidos, e propõem desafios para o leitor. O poema “A bailarina” pode ser interpretado pelo seu aspecto lúdico:

A bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina

quer ser bailarina

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.
(MEIRELES, 1979, p.20)

Outro efeito, como diz Cunha (1991), é o **humorístico**, quase sempre equivocadamente visto como gênero menor. O autor descreve três formas de humor: humor no jogo de palavras, ato de brincar com as palavras no poema; humor no jogo de ideias, humor que nasce de ideias e conceitos; humor na reinvenção do cotidiano, humor existente em diversas situações do dia-a-dia, e que levam a criança ao riso. Encontrar no poema palavras com sentido duplo mostra-se como recurso humorístico, é o que faz, por exemplo, Silvia Orthof:

Lua minguante

Uma lua tão fininha
O que foi que aconteceu?

Diz-que-diz que foi um anjo
Que sua unha roeu
E cuspiu um pedacinho
Na noite que há no céu
(1992, p. 4)

Segundo Aguiar (2001) o efeito de **nonsense** apresenta-se com o ilogismo, que confunde as ideias e não permite a organização lógica dos fatos ocorridos no poema, possuindo como significado algo alegre e inconsequente. Permite, pois, um tipo de leitura que provoca no leitor a sensação de liberdade, pois foge das regras estabelecidas pela vida real. O poema lembra um jogo que precisa ser ordenado, cujas ideias permanecem em suspenso, provocando tanto o riso quanto a perplexidade diante de algo tão instável e, muitas vezes, até absurdo. Azevedo diz em seu poema:

Trovinhas desajeitadas

[...]
O goleiro pegou o frango
O frango ficou contente
Os dois então, de repente
Saíram dançando tango.

[...]
(2003, p. 35)

O próximo efeito **lírico**, como afirma Hegel (1999), apresenta-se na maneira como o leitor vive alegrias, admirações, dores, tristezas, e toma consciência de si diante do conteúdo, quando afloram sentimentos, emoções, reflexões e opiniões. “[...] exprime a vida interior e que, quando assimila o exterior, serve-se dele sem precisar torná-lo concretamente perceptível” (HEGEL, 1999, p.185). O poema a seguir mostra-se como uma forma de externar uma situação interna do eu:

Gavetas

Com delicadeza
abrir as gavetas
que guardam
as palavras de seda.

Deixá-las sempre
ao alcance
de um sopro,
prontas para vôo,
para o ouvido,
para a boca.

Palavras de seda
são como borboletas
douradas
quando pousam
no coração do outro.
(MURRAY, 2001, p.10)

Já o efeito **pedagógico** se dá em poemas com forte apelo ao ensinamento de algum conteúdo escolar. Como afirma Aguiar (2001), esse tipo de texto se organiza de modo a querer ensinar alguma coisa ao leitor, demonstrando o predomínio do pedagogismo sobre a construção poética, por estar a serviço de uma intenção extraliterária: “Nesse sentido, o poema perde-se porque passa à criança a ideia de que a poesia deve ser pragmática, valendo como um recurso para alcançar algo que está fora dela” (Ibid., p.125). O grande problema é que tais poemas oferecem ao leitor uma ideia errada de arte, cuja função seria mudar atitudes. Os seguintes exemplos são eloquentes nesse sentido:

A
Algazarra das araras
O A anuncia
Que amanhece
Na Amazônia

B
O B berra no bebê,
Bate na bigorna,
Bimbalha no badalo.
Bom de barulho, o B!
[...]
(PAES, 1993, p.2)

O inverno

Coro das quatro estações:
Cantemos, irmãs, dancemos!
Espantemos a tristeza!
E dançando, celebremos
A glória da Natureza!

O Inverno:
Sou a estação do frio;
O céu está sombrio,
E o sol não tem calor.
Que vento nos caminhos!
Trago a tristeza aos ninhos,
E trago a morte à flor.

Há nevoa no horizonte,
No campo e sobre o monte,
No vale e sobre o mar.
Os pássaros se encolhem,
Os velhos se recolhem
À casa, a tiritar.

Porém fora a tristeza!
Em breve, a Natureza
Dá Flores ao jardim:
Abramos a janela!
Outra estação mais bela
Já vem depois de mim.

Coro das quatro estações:

Cantemos, irmãs, dancemos!
Espantemos a tristeza!
E dançando, celebremos
A glória da Natureza!
(BILAC, 1996, p. 303)

A criança, ao ter contato com o texto poético e com a gratuidade proporcionada pela brincadeira com as palavras, é levada a vivenciar novas situações e a adquirir a capacidade de surpreender-se, abrir-se para o que diz respeito ao mundo. Como escreve Bachelard (2006), o leitor, ao ler um poema, demonstra entusiasmo com o mundo. Por meio das palavras, o poema ajuda a criança a acreditar no mundo, a amar o mundo e, mais importante, a criar e elaborar seu próprio mundo. Parece, nesse caso, importante que o leitor-criança tenha contato com diversas obras e conheça vários poetas, para poder encontrar aquele poema que preencha melhor as suas necessidades pessoais.

2 A PESQUISA

“O livro é aquele brinquedo,
Por incrível que pareça,
Que entre um mistério e um segredo,
Põe ideias na cabeça”.
(Dinorah)

2.1 CAMINHOS

A pesquisa tem caráter bibliográfico e analítico e é formada por um *corpus* selecionado de poemas para crianças. A poesia infantil, como escreve Aguiar (2001), é a que se destina à criança e, por isso, possui algumas particularidades, com maior destaque ao aspecto sonoro. A ênfase recai sobre o aspecto sonoro por facilitar ao sujeito a retenção de imagens na mente porque cria uma relação afetiva com a criança. “A poesia infantil só estará plenamente realizada se for capaz de se aproximar do leitor, criar imagens, sons e ritmos que o façam brincar com a linguagem e descobrir novas formas de se relacionar no mundo” (Ibid., p. 131).

A opção metodológica escolhida foi o levantamento de obras de poesia infantil produzidas por autores gaúchos no Rio Grande do Sul, de modo a se traçar um amplo panorama desse tipo de obra no Estado. Segundo Aguiar (1979), "consideramos como autores gaúchos aqueles que nasceram no Rio Grande do Sul, independente do local em que desenvolveram (ou desenvolvem) suas atividades, incluindo os estrangeiros ou oriundos de outros estados brasileiros que aqui se fixaram", como Sérgio Capparelli, Celso Sisto e Gláucia de Souza. Ao considerarem-se os poetas nascidos no Rio Grande do Sul e os que se fixaram aqui, chegou-se a um total de 31 escritores, sendo sete mulheres e vinte e quatro homens.

Um dos objetivos do trabalho era encontrar a biografia de poetas gaúchos e, para tal, percorreram-se primeiramente livros de História da Literatura Sul-Rio-Grandense, dicionários bibliográficos e alguns sites disponíveis. Ainda assim, as informações eram escassas e optou-se pela pesquisa em jornais e revistas para tentar ampliar as informações referentes aos poetas. A coleta de dados foi realizada em bibliotecas e museus de Porto Alegre em dois momentos do ano de 2008. Em um primeiro esforço de pesquisa, foi feito um levantamento da biografia dos poetas em revistas e jornais, o que envolveu uma série de fontes: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Arquivo Público Histórico Moysés Vellinho, Biblioteca Central Irmão José Otão, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural e Coleção Júlio Petersen, *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*, *Revista Província de São Pedro*, *Revista do Globo*, *Diário de Notícias*, *Letras e Livros*, *Caderno de Sábado* e *Zero Hora*.

A pesquisa começou com o *Caderno de Sábado*, cujos exemplares foram encontrados na Biblioteca Central Irmão José Otão, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em 1980, surgiu a seção *Quem é Quem nas Letras Rio-Grandenses*, com registro de dados biográficos de vários escritores, embora nenhum registro sobre os poetas pesquisados. Mesmo não se tratando de literatura infantil, encontraram-se artigos e poemas de Amir Feijó Pereira, Antônio Hohlfeldt, Carlos Nejar, Josué Guimarães e Maria Dinorah. O poeta Mario Quintana possuía uma seção chamada *Caderno H* na página dois em todas as edições do suplemento, mas seus poemas não eram dirigidos ao público infantil.

O suplemento *Letras e Livros* foi sucedido pelo *Caderno de Sábado*. A primeira edição foi aberta com uma manchete de capa sobre os 75 anos de Mário Quintana, com uma dedicatória de Cyro Martins que saudava o aniversário do poeta. Mário Quintana continuou a publicar poemas na seção *Caderno H* em todas as edições do suplemento, sempre na última página. Em 21 de agosto de 1982, figuraram no encarte alguns dados biográficos de Mario Quintana que foram registrados na biografia do poeta. Os volumes foram pesquisados na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e no Museu Histórico Moysés Vellinho.

No jornal *Diário de Notícias*, cujos exemplares estão disponíveis no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, a pesquisa encontrou dificuldades, principalmente de acesso aos escritos, devido ao estado precário de conservação do

material, que apresentava folhas amareladas, gastas e que facilmente se rasgavam. Como o jornal se apresentava num formato grande, a virada de página tornou-se uma tarefa delicada e lenta. Outro aspecto que dificultou a pesquisa no acervo foi a limitação no número de exemplares liberados para pesquisa diária, o que tornou o trabalho desgastante. Em seus 64 anos de publicação, o jornal possui um acervo extenso demais para a pesquisa, e, assim, foram priorizadas algumas publicações. Cada ano eleito contemplava um mês de exemplares publicados, o que totalizou 14 encadernações, em média, contendo 30 exemplares cada.

A consulta ao jornal *Zero Hora* enfrentou as mesmas dificuldades encontradas na pesquisa ao *Diário de Notícias*: seu acervo é enorme, o que limitou a pesquisa a oito encadernações, contendo, em média, 30 exemplares cada. Os quatro jornais analisados não apresentaram dados biográficos dos poetas pesquisados, somente uma notícia sobre Mario Quintana.

Após o término do registro dos resultados encontrados nos jornais, iniciou-se o relato das informações obtidas nas revistas. Começou-se com a *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*, publicada num período de 26 anos, e dedicada ao professor, como um meio didático de apoio às aulas. A publicação, a partir do mês de setembro de 1951, passou a conter uma seção chamada *Poesia para o mês*, com poemas que abordavam temas como patriotismo, atividades escolares, dados históricos e festejos da escola. A coleção completa pode ser lida tanto na Biblioteca Central Irmão José Otão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, quanto na Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Outra revista pesquisada foi a *Revista Província de São Pedro*, publicação pioneira para difundir a cultura do Estado. Nas edições da revista, continuou-se lendo os poemas do Caderno H, de Mário Quintana.

A última a ser pesquisada foi a *Revista do Globo*, editada de 1929 até 1967, com 941 fascículos. Essa publicação possuía apenas alguns registros de artigos e poemas de Carlos Nejar, Maria Dinorah e Mario Quintana, cujos textos, muitas vezes, não eram dedicados ao público infantil. Os exemplares das revistas *do Globo* e *Província de São Pedro* podem ser lidos na Biblioteca Central Irmão José Otão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em meio impresso ou digitalizado.

Finalizada a pesquisa nas três revistas, não se chegou a qualquer registro dos poetas do *corpus* desta tese.

Ao término do levantamento de dados biográficos dos poetas, concluiu-se que a maior fonte de dados estava na própria obra do autor, nas contracapas de seus livros, muitas vezes, reservadas a esse tipo de conhecimento. Foi possível encontrar, desse modo, informações sobre todos os poetas em suas próprias publicações.

Num segundo momento, fez-se o levantamento bibliográfico das obras dos poetas para compor o *corpus* da tese. A pesquisa foi realizada em bibliotecas de escolas particulares e públicas, acervos de universidades e na Biblioteca Pública. A escolha das bibliotecas teve como critério seu acervo de literatura infantil e seu trabalho realizado com o gênero. Assim, foram visitadas oito instituições: biblioteca Central Irmão José Otão, DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul; Biblioteca Lucília Minssen e as bibliotecas das escolas: Colégio Metodista Americano, Colégio Marista Champagnat, Colégio Anchieta e Colégio Farroupilha.

Ao término da pesquisa bibliográfica em 2008, foi estabelecido contato com a biblioteca do Instituto de Educação General Flores da Cunha, onde recebeu-se a notícia do fechamento temporário do local por falta de bibliotecária e por motivo de reforma. Retomou-se o contato em 2010, e a informação recebida foi a de que a biblioteca estava em funcionamento, mas com restrições a pesquisadores de outras instituições. Após alguns trâmites, porém, a visitação foi liberada. Ainda assim, houve limitação na pesquisa ao acervo, que estava em organização, e cujos exemplares estavam fora de ordem. Foi possível encontrar obras de alguns dos poetas que fazem parte do *corpus* da tese: Lourenço Cazarré, Antônio Hohlfeldt, Maria Dinorah, Mario Quintana, Dilan Camargo, Carlos Urbim e Josué Guimarães. Os resultados obtidos não foram satisfatórios, pois os livros a serem pesquisados estavam espalhados, fora de ordem e dentro de caixas fechadas, o que restringiu a eficácia da procura. O arquivo com as fichas catalográficas, que facilitaria a pesquisa, não estava disponível, pois a nova bibliotecária estava trabalhando nele.

No ano de 2010, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no acervo da Prof. Dr. Vera Teixeira de Aguiar, onde foram encontrados mais de 1000 exemplares do gênero

poético, dos quais foram selecionados 20 publicações de poesia infantil gaúcha. Após a consulta à biografia dos poetas presente nas publicações, foram encontrados mais nove poetas gaúchos. No mesmo ano, foram consultados os catálogos das editoras Projeto, Salamandra, Paulus e Ática, nos quais foram localizados mais dois escritores e também mais seis obras de poesia infantil gaúcha.

O objetivo de pesquisa realizada é elaborar uma coletânea de poemas dedicados ao público infantil. Essa seleção de textos será apresentada ao final desta tese e terá como base as obras dos poetas gaúchos elencados durante o trabalho.

2.2 RESULTADOS

A pesquisa levantou 100 obras de poesia infantil, as quais constituíram o *corpus* da tese, elas são listadas a seguir em ordem de publicação: *Flores do Campo*: poesias infantis (1882); *Festas escolares*: poesias cívicas (1945); *O batalhão das Letras* (1948); *Pé de pilão* (1975); *Tuta a tartaruga:... e mais 4 histórias* (1977); *O dia da inauguração do mundo e outras estórias de Luiz Coronel* (1978); *Era uma vez um reino encantado* (1980); *Festa na floresta* (1980); *Aventuras do ABC* (1981); *Lili inventa o mundo* (1983); *O boi da cara preta* (1983); *Cantiga de estrela* (1984); *A jibóia Gabriela* (1984); *Sapo Amarelo* (1984); *Nariz de vidro* (1984); *Saturnino desce ao pampa* (1984); *O samba da girafa* (1985); *Mata-tira-tirarei* (1985); *Panela no fogo; barriga vazia* (1986); *Coração de papel* (1986); *Era um vento muito branco* (1987); *A briga da porta com a parede* (1987); *O embrulho do Getúlio* (1987); *Barco de sucata* (1987); *Desventuras do macaco golpista* (1987); *Doce de casa* (1987); *Zão* (1988); *O Esquilinho mágico* (1988); *O baú do gogó* (1988); *Tudo pode, nada pode* (1989); *Poesia sapeca* (1989); *Chapéu-de-vento* (1989); *As minhocas também amam e mamam* (1989); *A cara alegre da natureza* (1990); *Cochicho*: poemas musicados (1990); *Trem de Carretel* (1991); *A viagem da minhoca cirandeira* (1992); *Diário de um guri* (1992); *Avefauna: viva os bichos* (1992); *Ver de ver* (1992); *Vinte pontos de uma vez* (1992); *Giroflê, giroflá* (1992); *Pitangas e vagalumes* (1992); *O livro dos meses* (1992); *O grilo de Gina* (1993); *Vampiro Argemiro* (1993); *Ecocirandinha* (1993); *A bruxa do coração doce* (1994); *Sapato furado* (1994); *O sonho virado* (1994); *O elefante trombudo* (1994); *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* (1996); *Bicho poesia* (1997); *Saco de*

brinquedos (1997); *A Volta do bicho-poesia* (1997); *Abecedário alegre de Porto* (1998); *A torre da usina* (1998); *Bamboletras* (1998); *Saco de Mafagafos* (1998); *Astro lábio* (1998); *Pequenas observações sobre a vida em outros planetas* (1998); *O que não é parece* (1999); *Caderno de temas* (1999); *A árvore que dava sorvete* (1999); *Um elefante no nariz* (2000); *Sanduíche de poesias* (2000); *Minha sombra* (2001); *O fazedor de balões* (2001); *O barato é brincar* (2001); *A magia do brincadeiro* (2002); *111 poemas* (2003)³; *A menina dos cabelos que enroscam nos botões* (2003); *Balão vermelho* (2003); *Tem balas no trem bala* (2003); *Caixinha de surpresas* (2003); *Pirulito nas estrelas* (2003); *Procurando a ferradura da sorte* (2003); *Pingos de sorvete* (2003); *Criança não faz de conta* (2003); *É tudo invenção* (2003); *A galera tagarela* (2003); *Um menino qualquer* (2003); *Poesia das capitais* (2003); *A Pandorga da lua* (2003); *Cantigas de ninar vento* (2004); *O primeiro namorado* (2004); *Emburrado* (2005); *Mmmmmmonstros!* (2005); *Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância* (2005); *Bestiário* (2005); *Brincriar* (2007); *Circo mágico – poemas circenses para gente pequena, média e grande* (2007); *Um rinoceronte dobrado* (2008); *A moda genética* (2009); *Transpoemas* (2009); *Dez casas e um poste que Pedro fez* (2010); *A arca de haicais* (2010); *Poeplano* (2010); *Dever de casa* (2011); *Do alto do meu chapéu* (2011).

Foram encontrados 31 poetas gaúchos: Alexandre Brito, Amir Feijó Pereira, Antônio Carlos Hohlfeldt, Caio Riter, Carlos Nejar, Carlos Urbim, Celso Sisto, Dilan Deibal D'Ornellas Camargo, José Eduardo Degrazia, Josué Guimarães, Francisco Martins Cardoso Filho, Gláucia de Souza, Hebe Coimbra, Hermes Bernardi Jr., Jaime Vaz Brasil, Kalunga, José Fialho Dutra, Lilian Zieger, Lourenço Paulo da Silva Cazarré, Luiz de Martino Coronel, Luiz de Miranda, Luis Dill, Maria Dinorah Luz do Prado, Mário Augusto Franco de Oliveira, Mario de Miranda Quintana, Mara Regina Rösler, Paulina Vissoky, Ricardo Silvestrin, Sérgio Capparelli, Suzana Vargas e Walmir Ayala.

2.3 POETAS

³ A obra é uma coletânea do autor.



ALEXANDRE BRITO
(1959-)

Alexandre Brito nasceu em Porto Alegre no dia 13 de julho. Começou sua trajetória como poeta em Belo Horizonte nos anos de 1980. Em São Paulo, juntamente com o poeta e jornalista Fred Maia, participou ativamente das Edições Nômades, editora que publicava poemas em vários suportes (livro, pôster, cartão, postal, camiseta). Publicou uma série de jornais poéticos em 1990, 1991, 1992. Idealizou e coordenou como editor a coleção de poesia Petit-Poa (em sua primeira fase; formato das caixinhas). Também produziu eventos como o 2º Poetar e a 1ª Semana da Fotografia de Porto Alegre. Tem poemas publicados em diversas antologias e revistas especializadas. Seu primeiro livro infantil, *Circo Mágico*, foi lançado pela Editora Projeto em 2006. Ele integrou a Banda “Os Três Poetas” com Ricardo Silvestrin e Ricardo Portugal.

Obra:

Circo mágico – poemas circenses para gente pequena, média e grande (2007) – poemas que tratam de temas referentes a personagens e elementos do circo.



AMIR FEIJÓ PEREIRA
(1939 -)

Amir Feijó Pereira nasceu em Bagé. Formou-se em Letras e é pós-graduado como especialista em Administração Pública, Literatura Brasileira e Literatura Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É aposentado pelo estado no cargo de Assessor Administrativo e é professor de Português e Literatura da Língua Portuguesa. Pereira é membro efetivo da Casa do Poeta Rio-Grandense, a Capori, e sócio efetivo da Sociedade Partenon Literário, ambas de Porto Alegre, além de membro efetivo da Academia de Artes, Ciência e Letras Castro Alves, na qual desempenhou o cargo de bibliotecário. É, também, membro da Associação Ligia Averbuck, do Instituto Estadual do livro (IEL), no qual exerce a função de secretário, além de participar da Associação Gaúcha de escritores (AGE's), na função de diretor de acervo.

Obras:

O que não é parece (1999) – poemas sobre animais.

Sanduíche de poesias (2000) – poemas sobre animais.

O barato é brincar (2001) – poemas sobre animais.

A cara alegre da natureza (2002) – poemas sobre a natureza em situações inusitadas.



ANTÔNIO CARLOS HOHLFELDT
(1948 -)

Antônio Carlos Hohlfeldt nasceu em Porto Alegre em 22 de dezembro. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e fez mestrado e doutorado em literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor e jornalista, lecionou em cursos de Letras e Jornalismo no nível de graduação e escreveu para duas colunas semanais de literatura no jornal Diário do Sul. Hohlfeldt também foi relações públicas da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, diretor do teatro São Pedro e do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, e, ainda, trabalhou na Rádio Canadá, em Montreal. É autor de mais de dez livros de ficção infanto-juvenil e mais de 15 obras de ensaio, sua única produção poética infantil é *A briga da porta com a parede* (1987), além de se manter um professor ativo no meio acadêmico.

Obra:

A briga da porta com a parede (1987) – narrativa em forma de poesia que conta a história de uma briga entre porta e parede.



CAIO RITER
(1962 -)

Caio Riter nasceu em Porto Alegre em 24 de dezembro. Formou-se em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; foi licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA); é formado mestre e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi professor de Língua Portuguesa no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Porto Alegre, e ministrou oficinas literárias de narrativa no Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal do Rio Grande do Sul (SINTRAJUFE-RS). Ao longo dos anos, envolveu-se em vários projetos com o objetivo aproximar o leitor do escritor, além de já ter participado de 15 antologias. Das suas mais de 32 obras infanto-juvenis publicadas, o livro *Um menino qualquer* foi selecionado nesta tese. Cerca de 14 das suas obras já receberam premiações (Açorianos, Barco a Vapor e outros) e várias são integrantes de catálogos internacionais (Bolonha e White Ravens).

Obra:

Um menino qualquer (2003) – história em forma de poesia sobre um menino que vivia os sonhos dos outros até o dia em que aprendeu a sonhar seus próprios sonhos.



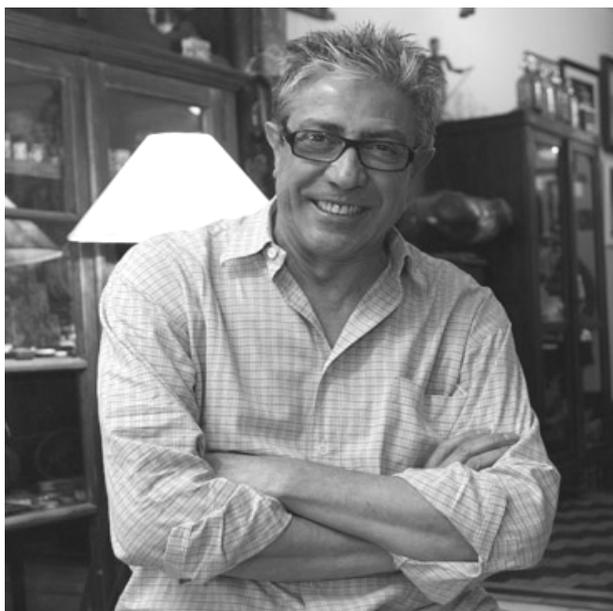
CARLOS NEJAR
(1939-)

Conhecido por **Carlos Nejar** no meio literário, o poeta Luiz Carlos Verzoni Nejar nasceu em Porto Alegre. Em 1962, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Após concurso público, assumiu o cargo de Promotor de Justiça em Pinheiro Machado, RS. Em 1960, organizou, com a ajuda de outros colaboradores, o “Diário de Notícias”. No mesmo ano, publicou seu primeiro livro, “Sélesis”. Foi premiado diversas vezes, tanto no Brasil quanto no exterior. Sua primeira publicação para criança foi a obra *Era um vento muito branco* (1987). Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1989, o “poeta do pampa brasileiro”, para uns, ou “poeta da condição humana”, para outros, possui uma obra cuja repercussão se faz sentir no Brasil e no exterior.

Obras:

Era um vento muito branco (1987) – poemas sobre o desenvolvimento do vento, em seu nascimento e crescimento.

Zão (1988) – poemas sobre ‘Zão’, nome do vento que habita cada ser e que o faz pensar sobre o mundo.



CARLOS URBIM
(1948-)

O poeta gaúcho **Carlos Urbim** nasceu em Santana do Livramento no dia 4 de fevereiro e mudou-se para Porto Alegre quando tinha 19 anos. Formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalhou na área por mais de 33 anos, dez deles como editor de cadernos do Jornal Zero Hora. Sua primeira obra de ficção para crianças, *Um Guri Daltônico*, foi lançada na Feira do Livro de 1984. O autor participou das antologias *Conversa com Verso*, organizada por Marô Barbieri e Christina Dias, e *Antologia do Sul – Poetas Contemporâneos do Rio Grande do Sul*, organizada por Dilan Camargo. Em 1995, *Um Guri Daltônico* ganhou versão em CD ROOM.

Obras:

Diário de um guri (1992) – poemas na forma de um diário sobre os dias de um menino.

Saco de brinquedos (1997) – poemas sobre brinquedos e brincadeiras de criança.

Caderno de temas (1999) – poemas sobre brincadeiras infantis.

Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância (2005) – poemas que lembram a infância através do olfato e do paladar, remetendo o leitor ao começo da vida.

Dever de casa (2011) – poemas sobre os sentimentos das crianças como matérias obrigatórias da vida.



CELSO SISTO
(1961-)

Celso Sisto nasceu no Rio de Janeiro em 16 de junho e vive, atualmente, em Cidreira, Rio Grande do Sul. Especializou-se em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente, é doutorando em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estreou na literatura em 1994, com o livro *Ver-ver-meu-pai*. Já publicou 36 livros para o público infantil e juvenil, sendo uma única publicação de poesia infantil, e ganhou vários prêmios como escritor e ilustrador (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Catálogo da Feira de Bolonha, Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e outros.). Celso Sisto é responsável pela formação de inúmeros contadores de histórias espalhados pelo país.

Obra:

Emburrado (2005) – poemas sobre as chateações de um menino em relação à escola e a seus familiares.



DILAN DEIBAL D'ORNELLAS CAMARGO
(1948-)

O escritor **Dilan Deibal D'Ornellas Camargo** nasceu em Itaqui no dia 31 de dezembro e passou a infância em Uruguaiana. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria em 1972. Na universidade, trabalhou como alfabetizador de adultos, militando no movimento estudantil. Fez especialização em Direito e Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1973/74 e também foi o primeiro presidente da Associação de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ao se formar mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1983, com uma dissertação sobre o *Estado Novo no Rio Grande do Sul*, o autor recebeu distinção máxima da banca examinadora. Seu primeiro livro de poesia para crianças é “*O embrulho do Getúlio*”, publicado em 1987. Dilan também escreve para adultos, além de ser compositor, com mais de 50 letras de músicas gravadas.

Obras:

O embrulho do Getúlio (1987) – poemas sobre surpresas e descobertas do mundo infantil a partir da situação de se abrir um embrulho.

Vampiro Argemiro (1983) – poemas sobre um vampiro e situações comuns do dia-a-dia.

Bamboletras (1998) – poemas sobre letras e palavras.

A galera tagarela (2003) – poemas sobre animais, guloseimas e situações do cotidiano da criança. Os personagens expõem opiniões e discutem os assuntos tratados.

Brinciar (2007) – poemas sobre brincadeiras infantis.

Poeplano (2010) - poemas sobre sentimentos, planos e vivências dos jovens.



FRANCISCO MARTINS CARDOSO FILHO
(1907- ?)

Conhecido como **Cardoso Filho**, seu nome completo é Francisco Martins Cardoso Filho nasceu em Porto Alegre. Formado em Jornalismo, sendo redator *O Repórter*.

Obra:

Festas escolares: poesias cívicas (1945) – poemas sobre sentimentos dedicados à pátria, soldados, bandeira, América e algumas homenagens a vultos conhecidos da história.



GLÁUCIA DE SOUZA
(1966-)

Conhecida no meio literário como **Gláucia de Souza**, **Gláucia Regina Raposo de Souza** nasceu no Rio de Janeiro, e mora em Porto alegre desde 1994. Formou-se em Português-Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1987, fez especialização em Literatura Infantil, Mestrado em Educação e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Publicou seu primeiro livro, *Saco de mafagafos*, em 1998.

Obras:

Saco de mafagafos (1998) – poema sobre brinquedos infantis.

Astro lábio (1998) – poemas que fazem referências a elementos da natureza.

Cantigas de ninar vento (2004) – cantigas.

Bestiário (2005) – poemas que fazem referência à temática da idade média.

Do alto do meu chapéu (2011) – poemas baseados nos *papercuts* de Hans Christian Andersen.



HEBE COIMBRA
(1948-)

Hebe Coimbra Guedes nasceu em Porto Alegre e já morou em Niterói e em Brasília. Formou-se em Letras na Universidade de Brasília (UnB) e, há muitos anos, mora no Rio de Janeiro, onde trabalha como professora de Português, revisora e leitora crítica de textos. Ao longo dos anos, teve vários livros publicados; entre eles, *Num pacato vilarejo*, que recebeu o selo altamente recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Pela editora Manati, organizou a antologia *Poesia essencial*, com poemas de Roseana Murray.

Obra:

O grilo da Gina (1993) – história em forma de poesia sobre a preocupação de Gina referente a ganhar peso.



HERMES BERNARDI JR.

(1965 -)

Hermes Bernardi Jr. nasceu em São José do Ouro no dia 19 de agosto. É autor de várias obras infantis; entre elas, estão narrativas, prosas poéticas, apólogos e poemas-brincadeiras, tendo sido seu primeiro livro de poesia infantil, *Abecedário Alegre de Porto Alegre*, publicado em 1998. Hermes também escreveu textos de teatro para a infância. Seu primeiro texto dramático, *Pé de sapato*, ganhou o prêmio Tibicuera de Teatro Infantil na categoria melhor dramaturgia. Aperfeiçoou a escrita com Luiz Antonio de Assis Brasil e foi para os Estados Unidos incentivar a leitura em famílias de latinos na Filadélfia e em Nova Iorque. Hermes também faz parte de vários projetos relacionados à leitura no Rio Grande do Sul, tais como a Colcha de Retalhos e o Tapete Mágico.

Obras:

Abecedário alegre de Porto (1998) – poemas sobre os pontos turísticos de Porto Alegre.

A torre da usina (1998) – história em forma de poesia contada na usina do Gasômetro com personagens baseados em escritores gaúchos já falecidos.

E um rinoceronte dobrado (2008) – história em forma de poesia que fala sobre uma caixa que guarda coisas do dia-a-dia.

Dez casas e um poste que Pedro fez (2010) – poemas que falam sobre casas que o menino Pedro construiu.

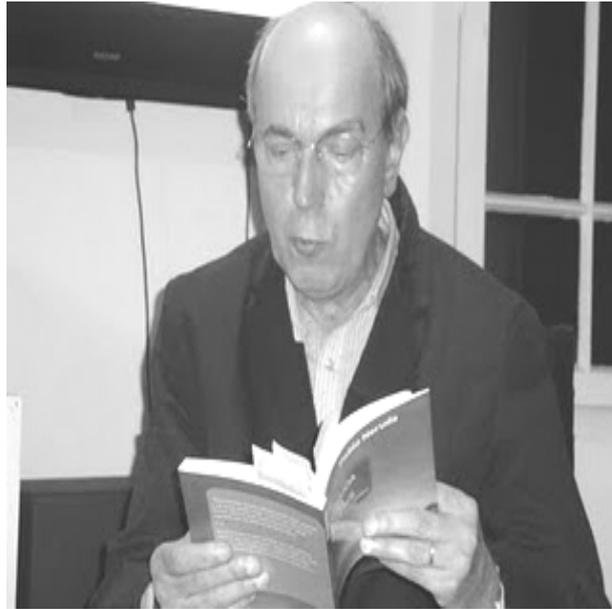


JAIME VAZ BRASIL
(1962-)

Jaime Vaz Brasil nasceu em Bagé em 30 de dezembro. Formou-se médico, psiquiatra e psicoterapeuta e tornou-se escritor e autor de diversas letras de canções. Tem vários artigos e ensaios publicados em antologias, revistas e jornais, além de mais 130 letras de músicas já gravadas. Já venceu 17 festivais de música como letrista e em parceria com diversos compositores; além desses prêmios, obteve outras 60 premiações secundárias. Possui seis livros publicados e recebeu vários prêmios literários; entre eles, o Prêmio Açorianos de Literatura e o Prêmio Felipe d'Oliveira. Alguns de seus poemas foram musicados, e há dois livros com poemas gravados em CD: "Os Olhos de Borges", musicado por vários compositores, e "Pandorga da Lua", musicado por Ricardo Freire.

Obra:

A pandorga da lua (2003) – poemas que falam de elementos do dia-a-dia.

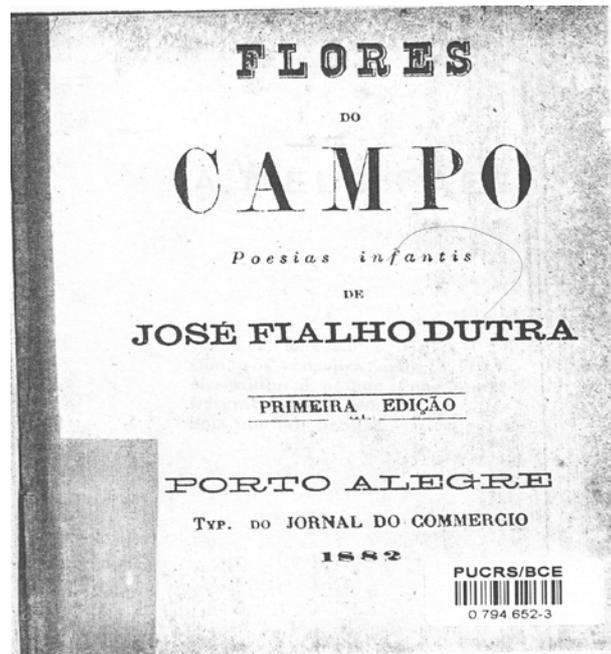


JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA
(1951-)

José Eduardo Degrazia nasceu em Porto Alegre. Formou-se em medicina e publicou dezenas de artigos e crônicas em jornais e revistas do Brasil e do exterior. Traduziu livros de Pablo Neruda e poetas latino-americanos e italianos; além de poeta, é também autor de contos curtos. Degrazia já foi premiado em várias categorias, incluindo poesia, conto, teatro e tradução.

Obra:

O samba da girafa (1985) – poemas sobre animais.

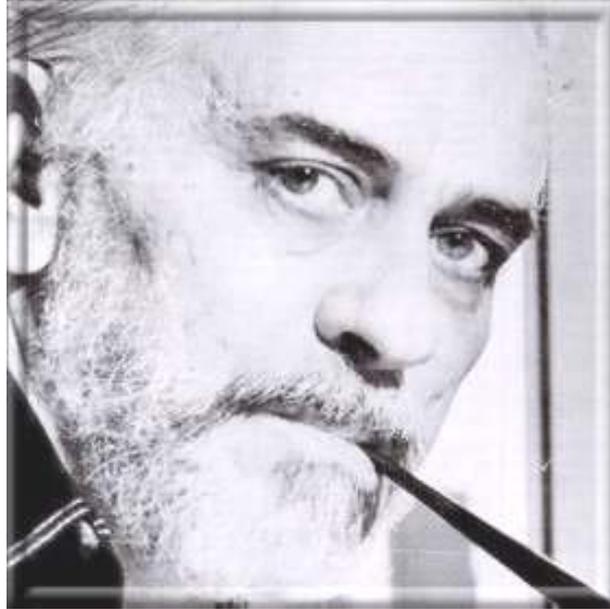


JOSÉ FIALHO DUTRA
(1855-?)

José Fialho Dutra nasceu em Bom Jesus em 29 de janeiro. Formou-se no curso de humanidades, na Universidade Gregoriana de Roma, 1868-1876. Professor de latim, italiano, retórica e filosofia em Porto Alegre.

Obra:

Flores do campo: poesias infantis (1882) - poemas que tratam sobre sentimentos dedicados a pais, Deus, pátria, mãe, irmã e algumas homenagens.

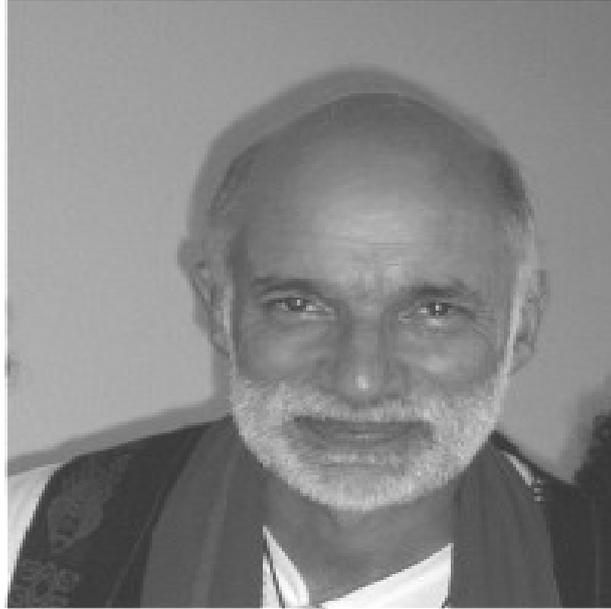


JOSUÉ GUIMARÃES
(1921-1986)

Josué Marques Guimarães nasceu em São Jerônimo em 7 de janeiro; morreu em Porto Alegre. Escreveu diferentes gêneros: conto, novela, literatura infanto-juvenil, teatro, crônica e reportagem jornalística. Em 1939, iniciou suas atividades nas revistas *O Malho e Vida Ilustrada*. Em 1944, no *Diário de Notícias*, exerceu funções de diretor, secretário de redação, colunista, cronista, editorialista, ilustrador e analista político. Durante o golpe de 1964, ficou refugiado em São Paulo, onde contribuiu em muitos periódicos, recorrendo a pseudônimos diferentes. Em 1971, começou a trabalhar no jornal *Zero Hora*. Foi vereador pelo PTB na cidade de Porto Alegre (1951). De seus nove livros infantis, apenas um é de poesia: *Era uma vez um reino encantado* (1980).

Obra

Era uma vez um reino encantado (1980) – história em forma de poesia que tem personagens dos contos de fadas e que narra a ameaça que a natureza sofre pelas agressões cometidas pelo homem.



KALUNGA
(1949-)

Conhecido por **Kalunga** no meio artístico, seu nome completo é Carlos Heráclito Mello Neves, e ele nasceu em 24 de outubro, em Jaguarão. Formou-se em Direito e em Letras e fez pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos. Participou, entre outros projetos, do Autor Presente, do Instituto Estadual do Livro, e do Adote Um Escritor, da Câmara Rio-grandense do Livro, ambos no Rio Grande do Sul. O escritor participou, além de feiras e atividades culturais em mais de 200 cidades gaúchas, de diversas atividades para motivação da leitura. Paralelamente ao seu show poético musical infantil, ele ministra palestras. Para o público infantil, publicou mais de quinze livros e gravou três CD's, além de ter algumas das suas histórias adaptadas para o teatro.

Obras:

A Criança não faz de conta (2003) – poemas que abordam o mundo infantil e retratam seu cotidiano.

O primeiro namorado (2004) – poemas que lembram a infância de forma bem humorada, utilizando o faz-de-conta tão presente nessa idade.

Kalunga fez parceria com Mara Regina Rösler em dois livros de poesia:

Trem de carretel (1991) – poemas sobre situações do dia-a-dia da criança.

A viagem da minhoca cirandeira (1992) – poemas sobre animais e flores.



LILIAN ZIEGER
(1958-)

Lilian Zieger nasceu em Porto Alegre em janeiro. Formou-se em Pedagogia com especialização em Supervisão e Alfabetização. Poeta, pedagoga e supervisora escolar, desde a adolescência escreve poesia, divulgando-a pela imprensa. Começou a escrever profissionalmente em 1987, com o livro *Asas da imaginação*; em seguida, em 1989, publicou *Gota d'água*, uma de suas obras mais conhecidas. Trabalhou na Prefeitura de Porto Alegre no cargo de supervisora escolar, na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e no Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) do Rio de Janeiro. Atuou em todos os níveis de ensino, da educação infantil ao ensino superior. Sua história profissional conta com inúmeras palestras e artigos.

Obras:

A bruxa do coração doce (1994) – poema sobre a história de uma bruxinha que só faz o bem porque tem o coração doce.

O sonho virado (1994) – poema em forma de história sobre um menino que pensa estar sonhando, mas que está, na verdade, acordado e vivenciando tudo.



LOURENÇO PAULO DA SILVA CAZARRÉ
(1953-)

Lourenço Paulo da Silva Cazarré nasceu em Pelotas. Formou-se em Jornalismo e viveu em Brasília. Profissionalmente, trabalhou como repórter, redator, editor e crítico de literatura. Começou a carreira de escritor em 1981, quando lançou a obra *Agosto, Sexta-feira, treze*; seu segundo romance foi *O caleidoscópio e a ampulheta* (1983). Em 1985, escreveu seu primeiro livro para o público juvenil: *Despertar dos amantes*. Dedicou-se, em especial, ao conto, gênero em que lançou *Enfeitiçado por todos nós* (1984) e *Noturnos do amor e da morte* (1989); por esse último trabalho, foi incluído entre os melhores contistas brasileiros. Das suas 36 obras publicadas, algumas delas receberam prêmios literários importantes, sendo sua única obra de poesia infantil *Desventuras do macaco golpista* (1987).

Obra:

Desventuras do macaco golpista (1987) – a obra apresenta-se como poesia narrativa, ela trata sobre a preocupação dos animais da floresta com o rei que estava meio esquisito, e sobre o macaco esperto que queria destronar o rei leão através de um grande plano.



LUIS DILL
(1965-)

Conhecido como **Luis Dill** no meio literário, **Luís Augusto Campello Dill** nasceu em Porto Alegre em 04 de abril. Formou-se em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e, como jornalista, atuou em imprensa, jornal, rádio, televisão e internet. Começou a publicar em 1990, quando lançou a novela policial juvenil *A caverna dos diamantes*. Publicou 27 livros, além de já ter participado de diversas coletâneas. Recebeu o prêmio literário Açorianos da categoria 'contos' pelo livro *Tocata e fuga* (Bertrand Brasil). O autor participa de feiras do livro, seminários literários, diversos encontros com leitores e oficinas literárias em todo Rio Grande do Sul.

Obra:

A arca de haicais (2005) – composto por haicai sobre animais.



LUIZ CORONEL
(1938-)

Conhecido como **Luiz Coronel**, **Luiz de Martino Coronel** nasceu em Bagé em 16 de julho. Formou-se em Direito, Sociologia e Política e, após graduado, exerceu a magistratura no Rio Grande do Sul de 1965 até 1970. Autor de várias músicas regionalistas, declamou por mais de uma década poemas na TV e publicou diversos textos poéticos no jornal. Possui cerca de 30 obras publicadas, recebeu prêmios no Brasil, na Espanha e no México e teve suas edições traduzidas para o inglês e alemão.

Obras:

O dia da inauguração do mundo e outras estórias de Luiz Coronel (1978) – poemas que misturam temáticas sobre animais, folclore e a criação do mundo.

Saturnino desce ao pampa (1984) – três poemas em forma de história: o primeiro fala sobre um menino que veio de Saturno visitar os pampas gaúchos; o segundo apresenta as letras do alfabeto; o terceiro conta sobre uma eleição realizada na floresta com os animais.

O Esquilinho mágico (1988) – história em forma de poesia que fala sobre um esquilinho que passeia em lugares do Rio Grande do Sul, aprendendo sobre folclore gaúcho e experimentando algumas comidas típicas. Livro produzido em uma edição especial pela Cia. Zaffari de Supermercados através de um projeto incentivado pela lei Sarney.

Avefauna: viva os bichos (1992) – poemas sobre animais.



LUIZ DE MIRANDA
(1945-)

Luiz de Miranda nasceu em Uruguaiana. Durante sua vida, morou em Buenos Aires, Santiago do Chile, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1963, iniciou sua carreira literária com uma colaboração no jornal *A Platéia*, de Santana do Livramento. Depois de 1964, envolveu-se intensamente no movimento de resistência ao regime militar. Nesse período, iniciou sua formação acadêmica, passando pelos cursos de Zootecnia, Teologia e Filosofia, além de viajar pela América e consolidar sua relação com as letras. Seus poemas já foram publicados em revistas e cadernos de cultura e seus trabalhos foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol.

Obras:

Livro dos meses (1992) – poemas que falam sobre os meses do ano.

Poesia das capitais (2003) – poemas que abordam as capitais do Brasil.



MARA REGINA RÖSLER
(1950-)

Mara Regina Rösler nasceu em Santo Ângelo, no dia 16 de março. Formou-se em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras Dom Bosco (FFCLDB), especialista em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestre em Linguística e Letras pela mesma Universidade (1982 e 1986). Participou de programas de relações internacionais em diferentes países, notadamente, Itália, Espanha e Canadá. Foi co-autora de publicação no Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (SEC/RS) e possui 20 livros publicados, além de artigos, capítulos de livros e trabalhos técnicos para graduação. Foi Reitora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e pró-reitora da Universidade Castelo Branco (UCB).

Obra:

O elefante trombudo (1994) – história em forma de poesia sobre uma festa no céu que tem como convidados os animais.



MARIA DINORAH LUZ DO PRADO
(1925-2007)

Maria Dinorah Luz do Prado nasceu em Porto Alegre no dia 13 de maio e faleceu em 15 de dezembro na mesma cidade. Passou a infância em Torres e, aos 11 anos, veio para Gravataí. Formou-se em Letras pela Faculdade de Porto-Alegrense e, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especializou-se em Língua Portuguesa e Literatura Infantil; mais tarde, formou-se mestre com a dissertação *A Literatura infantil de Érico Veríssimo*. Seu primeiro livro de poesia foi *Alvorecer*. A primeira produção literária de Maria Dinorah destinada às crianças surgiu nos anos de 1960, com a Editora Tabajara, e era vinculada à escola, tendo caráter paradidático. Em 1973, lançou a Coleção Pirulin, a partir da qual ficou conhecida nacionalmente. Dinorah trabalhou como professora de português e alfabetizadora de 1965 de 1989.

Obras:

Cantiga de estrela (1984) – poemas que apresentam situações do dia-a-dia como, natal, recreio, brincadeiras, tombo.

Mata-tira-tirarei (1985) – poemas que falam sobre brincadeiras infantis.

Panela no fogo, barriga vazia (1986) – poemas que retratam a miséria vivida por algumas crianças.

Coração de papel (1986) – poemas que falam sobre emoções.

Tudo pode, nada pode (1989) – poemas que falam sobre o cotidiano.

Poesia sapeca (1989) – poemas divertidos.

Chapéu-de-vento (1989) – poemas curtos que falam sobre a natureza.

Vinte pontos de uma vez (1992) – história em forma de poesia sobre o menino Felipe e sua pipa, que acumulam amigos durante a trajetória divertida que vivenciam.

Giroflê, giroflá (1992) – poemas que retratam coisas antigas e novas através de brincadeiras e amizades da infância.

Pitangas e vagalumes (1992) – poemas que retratam o cotidiano infantil.

As três obras a seguir são compostas por poemas que apresentam o mundo de forma realista, através de tópicos como: desigualdades sociais, devastação ecológica e falta de comida, roupas e oportunidades.

Ver de ver (1992) – poemas que demonstram preocupação com os cuidados com o planeta.

Ecocirandinha (1993) – poemas que abordam o tema da ecologia com humor.

Barco de sucata (1987) – poemas cuja temática deixa evidente a preocupação social.



MARIO PIRATA
(1957-)

Conhecido como **Mario Pirata**, Mario Augusto Franco de Oliveira nasceu em Porto Alegre em 19 de agosto e formou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui formação multidisciplinar: estudou filosofia, música, dança e teatro. Ele coordenou, de 1982 a 1985, um programa de educação popular em Alvorada. É o criador da “Roda de Poesia” e realiza espetáculos de poesia em diversos teatros e espaços culturais em todo o Estado. Realizou palestras, oficinas e apresentações em escolas, feiras, congressos, praças e eventos diversos. Desde 1985, como artesão, expõe cartões com pinturas e poemas na Feira do Bom Fim, também conhecida como Brique da Redenção.

Obras:

As minhocas também amam e mamam (1981) – poemas que contam a história de uma minhoca.

Bicho poesia (1997) – poemas com temática sobre animais.

O fazedor de balões (2001) – poemas reinventados da poesia folclórica popular.

A magia do brincadeiro (2002) – poemas sobre elementos do dia-a-dia.

A volta do bicho-poesia (1997) – poemas com temática sobre animais.



MARIO QUINTANA
(1906-1994)

Mario de Miranda Quintana nasceu em Alegrete em 30 de julho e faleceu em Porto Alegre no dia 5 de maio. Aos sete anos, aprendeu a ler com seus pais por meio de reportagens do *Correio do Povo*; estudou na Escola Primária do Professor Antônio Cabral Beirão, de 1915 a 1918. Segundo Igreja (1991), Mário Quintana foi matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato, no ano de 1919, onde ficou por quatro anos, não concluindo o curso. Seus primeiros trabalhos foram publicados na revista *Hyloea*, órgão da Sociedade Cívica e Literária dos alunos do Colégio. Dedicou-se ao estudo de francês e italiano como autodidata. Mario Quintana manifestou-se como poeta em 1940, ao publicar *A rua dos cataventos*. A obra do autor reúne muitos livros de poesia publicados, além de quatorze antologias.

Obras:

Batalhão das letras (1948) – história em forma de poesia que fala sobre as letras do alfabeto.

Pé de pilão (1975) – história em versos sobre um menino e sua avó que, enfeitiçados por uma bruxa, apenas conseguem desfazer a maldade com a ajuda de Nossa Senhora.

Lili inventa o mundo (1983) – poemas sobre as descobertas da menina Lili no cotidiano.

Sapo Amarelo (1984) – poemas sobre elementos do dia-a-dia.

Nariz de vidro (1984) – poemas perpassados por temáticas de ternura e melancolia, com elementos de lirismo, nostalgia e humor irônico.

Sapato furado (1994) – poemas sobre o tema da morte que sugerem ao leitor pensar sobre a vida.



PAULINA VISSOKY
(1933-)

Paulina Vissoky nasceu em Porto Alegre. Formou-se em Jornalismo e foi professora universitária. Iniciou sua carreira na Literatura Infantil na década de 1950, escrevendo contos para crianças na Revista Cacique que, na época, era editada pela Secretaria de Educação. Participou de grupos de trabalho do curso *A arte de ler e contar história* e publicou, em 1977, sua primeira obra de poesia infantil, *Tuta, a tartaruga*, lançada na Feira do Livro, pela Globo.

Obras:

Tuta a tartaruga:... e mais 4 histórias (1977) – poemas sobre animais.

A menina dos cabelos que enroscam nos botões (2003) – poemas sobre a vida de uma menina em sua rotina diária: seus desenhos, passeios e familiares.

Balão vermelho (2003) – poemas sobre coisas que se movimentam com o ar.

Tem balas no trem bala (2003) – poemas sobre uma viagem de trem a vários lugares, com descrições das regiões e das situações por onde o trem passa.

Caixinha de surpresas (2003) – poemas com temática sobre animais.

Pirulito nas estrelas (2003) – poemas sobre elementos do dia-a-dia.

Procurando a ferradura da sorte (2003) – poemas sobre passeios com amigos em muitos lugares diferentes, resultando em divertidas brincadeiras.

Pingos de sorvete (2003) – poemas sobre brincadeiras infantis.



RICARDO SILVESTRIN
(1963-)

Ricardo Silvestrin nasceu em Porto Alegre no dia 17 de maio. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1985. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Viagem dos olhos*, em 1985, seu primeiro livro de contos, *Play*, em 2008 e seu primeiro romance, *O Videogame do rei*, em 2009. Escreve poesia para adultos e para crianças, tendo publicado seu primeiro livro para o público infantil em 1988: *Baú do Gogó*. Recebeu duas vezes o prêmio Açorianos por melhor livro do ano nas categorias poesia e literatura infantil. Foi incluído na Antologia Mundial de Haicais Frogpond, editada em Nova York. Foi vocalista e compositor das bandas *Os três poetas* e *Os ladinós*, e é integrante do grupo “PoETs”.

Obras:

O baú do gogó (1988) – poemas que valorizam alguns sons especificamente: nh, ç, ol, ss, z, na, etc.

Pequenas observações sobre a vida em outros planetas (1998) – poemas que propõem uma viagem imaginária por planetas inusitados.

É tudo invenção (2003) – poemas que tentam explicar o surgimento das coisas existentes no mundo.

Mmmmmmonstros! (2005) – poemas sobre os medos das crianças personificados por vários tipos de monstros.

Transpoemas (2008) – poemas sobre meios de transporte.

A moda genética (2009) – poemas sobre tecnologia e animais.



SÉRGIO CAPPARELLI
(1947-)

Sérgio Capparelli nasceu em Uberlândia no dia 11 de julho e estabeleceu-se em Porto Alegre em 1968. Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1970, fez doutorado em Comunicação pela Universidade de Paris e pós-doutorado pela Universidade de Grenoble na França. Seu primeiro livro foi *Favela S.A.*, lançado em 1973. Já escreveu mais de trinta livros e, além da obra dedicada ao público infanto-juvenil, possui vários estudos e ensaios publicados. Em 1983, lançou *O boi da cara preta*, seu primeiro livro de poesia infantil, pelo qual ganhou o Prêmio de Poesia/Literatura Infantil e Juvenil da Associação Paulista de Críticos de Arte. Várias de suas obras voltadas ao público infantil receberam Selo de Ouro e indicação de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Obras:

O boi da cara preta (1983) – poemas que lembram trava-línguas.

A jibóia Gabriela (1984) – poemas sobre as aflições e alegrias da criança.

33 Ciberpoemas e uma fábula virtual (1996) – poemas sobre a relação entre as pessoas e a tecnologia.

A árvore que dava sorvete (1999) – poemas com situações comuns do dia.

Um elefante no nariz (2000) – poemas com brincadeiras vindas do folclore e com temáticas de animais.

Minha sombra (2001) – poemas sobre animais.

111 poemas (2003) – coletânea.



SUZANA VARGAS
(1954-)

Suzana Kfuri Vargas nasceu em Alegrete. Publicou seu primeiro livro de poemas em 1979, com o nome de *Por um pouco mais*. Formou-se no curso de Letras em 1979 e tornou-se mestre com a dissertação *Leitura: uma aprendizagem de prazer*, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu primeiro livro de poemas infantis foi publicado em 1985 e intitulado *Doce de casa*. No ano de 1992, trabalhou no Sistema Nacional de Bibliotecas e iniciou sua participação como editora da Revista *Poesia Sempre*. Em 1993, iniciou o projeto *Rodas de Leitura*, que idealizou e coordenou no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro. Em 1996, fundou a *Estação das Letras*, espaço que se destina à realização de cursos e oficinas na área de Literatura e à produção de eventos de leitura, seminários e palestras.

Obras:

As duas obras são livros para se ler, ver e brincar. Na primeira parte da obra, os poemas tratam sobre o cotidiano. A parte posterior são poemas em forma de música, que a criança pode tocar em seu instrumento musical de brinquedo.

Cochicho: poemas musicados (1990) – poemas sobre o cotidiano da criança.

Doce de casa (1987) – poemas sobre as partes da casa.



WALMIR AYALA
(1933-1991)

Walmir Ayala nasceu em Porto Alegre no dia 4 de janeiro e faleceu no Rio de Janeiro em 28 de agosto. Formou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul em 1954. Em 1955, publicou seu primeiro livro de poesia, *Face dispersa*, financiado pelo seu pai. Em 1956, transferiu residência para o Rio de Janeiro, onde se dedicou a vários gêneros literários: poesia, conto, romance, teatro, literatura infantil, diário íntimo, crônica e crítica (de artes plásticas, literatura e teatro). Dedicou-se intensamente ao jornalismo: de 1962 a 1968, assinou, no Jornal do Brasil, uma coluna sobre literatura infantil. Autor de mais de uma centena de livros, conquistou vários prêmios nacionais de poesia, ficção e literatura infantil. Tem livros publicados em Portugal, Espanha e Argentina, e poemas, contos e ensaios traduzidos para o inglês, espanhol, francês, italiano e alemão.

Obras:

Festa na floresta (1980) – poemas sobre animais.

Aventuras do abc (1981) – poemas sobre as letras do alfabeto.

Diante do material encontrado, faz-se necessário uma seleção das obras por tendências temáticas, a fim de auxiliar na escolha da leitura do poema. Sabe-se que a maneira como o poema atua na compreensão de mundo da criança depende da aproximação do leitor com a obra e da forma como o poeta elaborou seu texto. Por isso, o conteúdo, a organização estética, a forma de estrutura do texto e o tema do poema são elementos que garantem a comunicação com o leitor.

3 OS POEMAS INFANTIS DO RIO GRANDE DO SUL

“A poesia é uma janela aberta para despertar a sensibilidade infantil, que às vezes está adormecida em sonhos, podendo levar a criança a crescer plena de consciência, de amor pelo seu próximo e pelo universo.”

Patrícia Bins

3.1 TENDÊNCIAS TEMÁTICAS

As 100 obras encontradas durante a pesquisa estão organizadas segundo a tendência que melhor as caracteriza. Isso significa que a maior parte dos poemas que compõem uma obra obedecem a um tema comum, que identifica, portanto, a obra como um todo. É claro que, em alguns casos, há poemas que fogem à tendência geral e não são considerados.

Como inspiração de modelo de composição poética infantil chama atenção o tema folclore, com registro de cinco obras da temática, sendo a primeira publicada em 1992. Outro aspecto relevante apresenta-se na quantidade pequena de poemas dentro da obra que abordam a temática através de brincadeiras e cantigas infantis. São as obras: *Giroflê, giroflá* (1992); *Saco de brinquedos* (1997); *Saco de mafagafos* (1998); *Cantigas de ninar vento* (2004); *Brincriar* (2007).

Com respeito aos sentimentos, os livros falam sobre tristeza, esperança, ternura, melancolia, lirismo, nostalgia, humor irônico, amizade, desejo, amor, medo, surpresa e namoro. A temática apresentou edições em praticamente todos os anos, com intervalos pequenos de interrupção entre uma publicação e outra, fato que demonstra que os escritores preferem esses temas. A maior quantidade de livros apresenta-se nesta temática, totalizando trinta e nove obras: *Flores do Campo: poesias infantis* (1882); *Festas escolares: poesias cívicas* (1945); *Pé de pilão* (1975); *Lili inventa o mundo* (1983); *A jibóia Gabriela* (1984); *Saturnino desce ao pampa*

(1984); *Mata-tira-tirarei* (1985); *Nariz de vidro* (1984); *Coração de papel* (1986); *Era um vento muito branco* (1987); *O embrulho do Getúlio* (1987); *Doce de casa* (1987); *Zão* (1988); *Vinte pontos de uma vez* (1992); *Livro dos meses* (1992); *O grilo da Gina* (1993); *O elefante trombudo* (1994); *O sonho virado* (1994); *A bruxa do coração doce* (1994); *Abecedário alegre de Porto* (1998); *A torre da usina* (1998); *Caderno de temas* (1999); *O fazedor de balões* (2001); *Um menino qualquer* (2003); *A menina dos cabelos que enroscam nos botões* (2003); *Mmmmmmonstros!* (2005); *Dever de casa* (2011); *A galera tagarela* (2003); *A Criança não faz de conta* (2003); *Tem balas no trem bala* (2003); *Procurando a ferradura da sorte* (2003); *Pingos de sorvete* (2003); *O primeiro namorado* (2004); *Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância* (2005); *Emburrado* (2005); *Circo Mágico – poemas circenses para gente pequena, média e grande* (2007); *E um rinoceronte dobrado* (2008); *Poeplano* (2010).

A temática seguinte é uma das menos praticadas nas obras elencadas; ela trata dos problemas sociais, com temas referentes, a miséria infantil, esperteza dos políticos, diferenças sociais e cuidados com o planeta. Das seis publicações assinaladas quatro são obras da poetisa Maria Dinorah, portanto foi quem mais aventurou-se em desenvolver o tema para o público infantil: *Panela no fogo, barriga vazia* (1986); *Desventuras do macaco golpista* (1987); *Barco de sucata* (1987); *Ver de ver* (1992); *Ecocirandinha* (1993); *Pequenas observações sobre a vida em outros planetas* (1998); *Poesia das capitais* (2003).

A preferência temática pela vida cotidiana aparece em vinte e sete livros, que falam de brincadeiras, pontos turísticos, uso de tecnologias, brigas e jogos: *Batalhão das letras* (1948); *Aventuras do abc* (1981); *Vampiro Argemiro* (1983); *Sapo amarelo* (1984); *Cantiga de estrela* (1984); *A briga da porta com a parede* (1987); *O baú do gogó* (1988); *O Esquilinho mágico* (1988); *Tudo pode, nada pode* (1989); *Poesia sapeca* (1989); *Cochicho: poemas musicados* (1990); *Trem de carretel* (1991); *Diário de um guri* (1992); *Pitangas e vagalumes* (1992); *Sapato furado* (1994); *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* (1996); *Bamboletras* (1998); *A árvore que dava sorvete* (1999); *Um elefante no nariz* (2000); *A magia do brincadeiro* (2002); *111 poemas* (2003); *A Pandorga da lua* (2003); *Pirulito nas estrelas* (2003); *É tudo invenção* (2003); *O primeiro namorado* (2004); *Bestiário* (2005); *Transpoemas* (2008); *Do alto do meu chapéu* (2011).

O aproveitamento na criação poética da tendência referente aos animais percebe-se em dezoito obras, distribuídas entre diversos poetas. As obras falam de diversos animais: *Tuta a tartaruga:... e mais 4 histórias* (1977); *O dia da inauguração do mundo e outras estórias de Luiz Coronel* (1978); *Festa na floresta* (1980); *O boi da cara preta* (1983); *O samba da girafa* (1985); *Avefauna: viva os bichos* (1992); *A viagem da minhoca cirandeira* (1992); *Bicho poesia* (1997); *A volta do bicho-poesia* (1997); *O que não é parece* (1999); *Sanduíche de poesias* (2000); *O barato é brincar* (2001); *Minha sombra* (2001); *A cara alegre da natureza* (2002); *Caixinha de surpresas* (2003); *A arca de haicais* (2005); *A moda genética* (2009); *Dez casas e um poste que Pedro fez* (2010).

Sobre a temática referente à natureza poucos livros foram registrados, apenas seis, que abordam o tema sobre a destruição da natureza, tempo, estações do ano e ar: *Era uma vez um reino encantado* (1980); *Chapéu-de-vento* (1989); *Livro dos meses* (1992); *Astro lábio* (1998); *Balão vermelho* (2003).

A separação do material auxilia na análise, pois sinaliza um caminho a ser percorrido.

3.2 POEMAS EM FOCO

De todos os poemas encontrados, foi escolhido para análise um conjunto representativo das diferentes temáticas exercidas pela poesia infantil. Os textos encontram-se separados por tendências temáticas, em uma análise que privilegia **aspecto sonoro, condensamento e força das palavras, imaginação e lacunas que a voz ficcional silencia**. A categorização das obras foi realizada a partir da tendência temática à qual a maioria dos poemas se inclina; no entanto, é possível encontrar poemas que caracterizam outras tendências dentro de uma mesma obra. Cada temática possui cinco poemas que exemplificam os aspectos já mencionados.

Os poemas a seguir pertencem à temática **folclore**:

Emoção

Abre a boca
colher de sopa.

Fecha os olhos
uma surpresa.
Limpa o prato
tem sobremesa.

Um estampido
tapa os ouvidos.

Falta um pedaço
apressa o passo.
Assoa o nariz
um chafariz.

Estende a mão
muita emoção.
(CAMARGO, 2002, p. 6)

Na leitura do poema “Emoção”, salienta-se, em nível fônico, a presença das assonâncias /e/ e /o/ e da aliteração do som /ss/ e /ç/. Nas palavras ‘boca-sopa’, ‘surpresa-sobremesa’, ‘estampido-ouvidos’, ‘pedaço-passo’, ‘nariz – chafariz’, ‘mão-emoção’, aparece a ligação combinatória por rima das sílabas finais e o leitor tem sua atenção voltada ao som dos fonemas, que, durante a leitura, reiteram o sentido do texto e reforçam a musicalidade. As palavras ‘boca’, ‘sopa’, ‘prato’, ‘sobremesa’, ‘pedaço’ facilitam a criação de imagens, pois levam o leitor a recriar o texto na mente. Uma lacuna deixada na leitura aparece no verso ‘Estende a Mão’ e a criança precisa preencher a ideia com uma sugestão criada por ela, pois o poema não completa a informação.

A mnemonia apresenta-se como uma parlenda que deseja ensinar a marchar, marca a cadência e ensina os números, porém sinaliza uma brincadeira de criança típica do folclore popular, como no poema recolhido pelo folclorista Veríssimo de Melo:

um, dois, feijão com arroz,
três, quatro, feijão no prato,
cinco, seis, feijão pra nós três,
sete, oito, feijão com biscoito,
nove, dez, feijão com pastéis.
(MELO, 1985, p.47)

O próximo poema lembra uma parlenda:

Cadê?

Cadê a minhoca do meu anzol?
O mar afogou.
Cadê esse mar que brilhava ao sol?
A estrela afastou.
Cadê essa estrada onde não andei?
Tá dançando o rock.
Cadê esse rock que eu não dancei?
Desmaiou de choque.
Cadê esse choque não senti?
O toucinho escondeu.
Cadê o toucinho que estava aqui?
O gato comeu.
(DINORAH, 1997, p.14)

Chamam atenção no aspecto fônico, a assonância, com as vogais /e/ e /o/, e a aliteração, com as consoantes /nh/, /l/ e /qu/. A ligação combinatória acontece com a repetição da palavra ‘cadê’ nos versos principais, através da anáfora. No primeiro e no segundo versos, as imagens ‘minhoca’, ‘anzol’ e ‘mar’ representam a principal ideia da primeira pergunta, ao falar sobre uma pescaria frustrada. Os demais versos se organizam da mesma forma, compostos por uma pergunta, no primeiro verso, e a solução, no verso seguinte, como aparece nos exemplos: o mar, que a estrela afastou; a estrada, que dança rock; rock, que desmaiou com choque; o toucinho, que o gato comeu. A palavra ‘cadê’ dá ritmo ao poema, e as perguntas que compõem os versos principais possibilitam à criança completar os vazios deixados ao final de cada verso.

A imagem textual proporcionada pela palavra ‘cadê’ remete o leitor a uma brincadeira folclórica conhecida pelas crianças. A parlenda funciona da seguinte forma: na palma da mão da criança, o adulto coloca o dedo indicador e o dedo médio e faz perguntas para criança responder; a cada pergunta, os dedos vão caminhando pelo braço. As perguntas são feitas até que os dedos cheguem à axila da criança para fazer cócegas, momento em que se acaba a brincadeira.

Ding-din-ding Seu João manco,
Ding-din-ding quem mancou?
Ding-din-ding foi a pedra.

Ding-din-ding cadê a pedra?
Ding-din-ding está no mato.
Ding-din-ding cadê o mato?
Ding-din-ding o fogo queimou.
Ding-din-ding cadê o fogo?
Ding-din-ding a água apagou.
Ding-din-ding cadê a água?
Ding-din-ding o boi bebeu.
Ding-din-ding cadê o boi?
Ding-din-ding foi buscar milho.
Ding-din-ding para quem?
Ding-din-ding para a galinha.
Ding-din-ding cadê a galinha?
Ding-din-ding está pondo.
Ding-din-ding cadê o ovo?
Ding-din-ding o padre bebeu.
Ding-din-ding cadê o padre?
Ding-din-ding está dizendo a missa.
Ding-din-ding cadê a missa?
Ding-din-ding já se acabou.
(MELO, 1985, p.45)

O poema “Canção de junto do berço”, ao estabelecer ligação afetiva com a criança, revela melodia semelhante à canção de ninar, que as mães cantam na hora de a criança dormir. Eis o poema:

Canção de junto do berço

Não te movas, dorme, dorme
O teu soninho tranquilo.
Não te movas (diz-lhe a Noite)
Que inda está cantando um grilo...

Abre os teus olhinhos de ouro
(O dia lhe diz baixinho).
É tempo de levatares
Que já canta um passarinho...

Sozinho, que pode um grilo
Quando já tudo é revoada?
E o dia rouba o menino
No manto da madrugada...
(QUINTANA, 2005, p. 15)

Ao se observar o poema, nota-se o aspecto fônico mais forte na assonância das vogais /e/ e /o/; quanto à aliteração, /nh/ aparece no diminutivo das palavras. A ligação combinatória aparece no uso de metáforas: /Que ainda está cantando um grilo// Abre os teus olhinhos de ouro// Que já canta um passarinho/. A criança, ao ouvir os versos,

mantém contato com as palavras por meio da melodia e dos sons que se repetem. /Não te movas, dorme, dorme/ dá ritmo ao poema e faz o leitor imaginar a canção de ninar, embalada pelo verso. O uso de palavras no diminutivo ‘olhinhos’, ‘baixinho’ estabelece uma relação mais afetiva com o leitor, característica típica das cantigas de ninar e provoca imagens na mente. As metáforas promovem a oportunidade de preencher os espaços com sentidos possíveis ou implícitos. O poema remete a criança às velhas canções de ninar, cantadas pelas mães na hora de dormir:

Embala, José, embala,
Que a Senhora logo vem:
foi lavar seu cuerinho
no riacho de Belém.
(MELO, 1985, p.28)

A criança pode brincar com as palavras quando lê o poema a seguir:

Radical

O rato Rodolfo rasgou
a roupa de seda roxa
do rei de Roma.
A rata Rafaela roeu
o roupão cor-de-rosa
da rainha Renata da Rússia.
E na floresta de Roraima
a Rita Ramos Ramalho
ria da raiz quadrada do poema.
(PIRATA, 2002, p. 17)

Quando o verso é lido mais rapidamente, ele requer o domínio da língua, devido à repetição de várias palavras escritas com a mesma letra: ‘rato’, ‘Rodolfo’, ‘rasgou’, ‘roxa’, ‘rei’, ‘Roma’, ‘rata’, ‘Rafaela’, ‘roeu’, ‘roupão’, ‘rosa’, ‘rainha’, ‘Rússia’, ‘Roraima’, ‘Rita’, ‘Ramos’, ‘Ramalho’, ‘ria’, ‘raiz’. Nesse caso, o aspecto fônico ganha destaque pela aliteração do som /r/. A ligação combinatória acontece com as palavras ‘rei’, ‘rato’, ‘roupão’, por anáfora. A sequência de palavras escritas com a letra /r/ promove o desafio durante a leitura do verso e cria as imagens necessárias ao

entendimento do poema, estimulando o leitor a completar o que não está dito claramente.

O poema citado anteriormente lembra um trava-língua como o seguinte:

Pedro tem o peito preto,
O peito de Pedro é preto;
Quem disser que o peito de Pedro não é preto.
Tem o peito mais preto do que o peito de Pedro.
(MELO, 1985, p.73)

O poema a seguir recorda uma roda cantada, fazendo referência ao folclore.

Se eu fosse

Se eu fosse de mel,
dava um dedo ao Joel.

Se eu fosse de alho,
dava um dente ao Amálio.

Se eu fosse de algodão,
dava um fio de cabelo pro Janjão.

Se eu fosse de farinha,
punha talco na orelha do Zequinha.

Mas sou de chocolate amendocrem,
e isso, eu não reparto com ninguém.
(DINORAH, 2002, p.10)

O aspecto fônico encontra-se na assonância das vogais /e/ e /o/ e na aliteração /l/, /lh/ e /m/. A ligação combinatória aparece nas últimas palavras dos versos, que rimam ‘mel-Joel’, ‘alho-Amálio’, ‘algodão-Janjão’, ‘farinha-Zequinha’, ‘amendocrem-ninguém’. O verso ‘Se eu fosse...’ conduz a criança ao mundo da fantasia, porque permite que ela se imagine sendo muitas coisas: ‘alho’, ‘mel’, ‘farinha’, ‘amendocrem’, ‘algodão’. A necessidade de entrar no mundo imagético incentiva a introspecção, porque o verso ‘Se eu fosse’ remete o leitor a pensamentos íntimos sobre quem ele poderia ou gostaria de ser, fazendo-o completar a ideia restante do verso. Os verbos ‘fosse’ e ‘dava’, nas três primeiras estrofes, marcam o início e a resposta do verso, e

promovem uma hipótese como ponto de partida de criação do leitor. As imagens do poema são reveladas pelas palavras: ‘mel’, ‘alho’, ‘algodão’, ‘farinha’, ‘amendocrem’.

O principal verso do poema, “Se eu fosse”, lembra a letra de uma cantiga de roda. A letra diz assim:

A canoa virou,
Por deixar de virar,
Por causa de Fulana,
Que não soube remar.
(MELO, 1985, p.213)

Segundo Melo (1985), as crianças brincam em roda cantando a música; depois da palavra “fulana”, substitui-se pelo nome de uma das crianças da roda, para completar o trecho da música; a que for escolhida vira de costas para roda, ao ter seu nome cantado. E assim sucessivamente, até a última. Depois todas batem palmas e pulam. A brincadeira estabelece uma relação com o poema através do folclore.

A próxima tendência temática refere-se a **sentimentos** e pode ser exemplificada com o poema seguinte:

Mãe

Mãe! São três letras apenas
As desse nome bendito:
Três letrinhas, nada mais...
E nelas cabe o infinito
E palavra tão pequena
- confessam mesmo os ateus –
É do tamanho do céu!
E apenas menor que Deus...
(QUINTANA, 2005, p.15)

Inclui-se o poema em tal temática porque ele fala sobre o amor de mãe e leva o leitor a pensar sobre a força que uma palavra tão pequena possui. A palavra ‘mãe’ ecoa em todos os versos e cria a imagem principal do poema, comparada ao tamanho do céu, proporcionando ao leitor a oportunidade de preencher a ideia que está incompleta, sobre o tamanho do amor de mãe. O poeta completa com o verso “É apenas menor que Deus.”, que reforça a proporção enorme

desse amor. O leitor pode, assim, construir significados a partir dos elementos explícitos. Mais um exemplo de poesia que explora a mesma temática encontra-se a seguir:

A porteirinha

Sete anos já fizeste
Quando fui te visitar
Fiquei encantado a olhar
- com o sorriso que me deste –
uma linda porteirinha em teus
dentes de rato.
Mas nem deves ficar triste,
deixa de lado o recato.
Deves até tirar retrato sorrindo
assim lindamente.
Fará bem a toda gente!
Num mundo tão mascarado.
O sorriso mais sincero é o
sorriso desdentado.
(QUINTANA, 2005, p.33)

O aspecto fônico ressalta-se através da assonância das vogais /e/ e /i/. As duas palavras ‘sorriso’ e ‘porteirinha’ criam a situação imagética do poema, e as últimas palavras dos versos na ligação combinatória rimam entre si e dão ritmo ao texto: ‘fizeste-deste’, ‘visitar-olhar’ e ‘recato-retrato’. A leitura do poema aciona os sentimentos íntimos do leitor: se adulto, incita recordações; se criança, estimula a pensar sobre a troca dos dentes de leite pelos dentes permanentes. Ao tratar de uma experiência comum a todos, chega a sentimentos íntimos vinculados às lembranças e ao que está por vir. Os dois últimos versos geram a possibilidade de preencher um espaço vazio, porque trazem uma ideia que não está completa.

O poema também pode trazer o medo como sentimento predominante. Durante sua leitura, o leitor constrói seu próprio monstro, com características, formas, cores que são elaboradas a partir das suas experiências de medo, sentimento tão comum na infância. Cita-se o exemplo:

O monstro do banheiro

Dessa vez
ele está lá,
o monstro do banheiro.

Vou abrir a porta
sem gritar
e o verei
de corpo inteiro.

- Um, dois, três e já:

É só chuveiro.
(SILVESTRIN, 2005, p. 10)

O aspecto fônico mais significativo está nas vogais /o/ e /e/ e na aliteração entre /nh/ e /ch/. A ligação combinatória aparece nas expressões ‘monstro do banheiro’ e ‘de corpo inteiro’ por meio de uma metáfora que faz lembrar que o segundo verso está se referindo ao anterior, em uma aproximação de sentidos. Através da leitura, a imaginação do leitor é estimulada, pois ele é incentivado a descobrir a informação, que é revelada somente no último verso do poema. Durante a leitura, o leitor deve construir aquele monstro atrás da cortina. Porém, depois de toda expectativa sobre como seria o monstro, o texto finaliza com uma surpresa para a criança, pois toda angústia foi desencadeada somente pelo chuveiro. Isso deixa um espaço a ser preenchido, afinal, a dúvida permanece: será que os monstros existem? A tensão acontece no oitavo verso, e o desfecho leva o leitor a pensar sobre seus próprios medos.

Um poema que pode ser exemplo de texto que fala de sentimentos e atinge o leitor pela emoção encontra-se no livro *Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância*, de Urbim (2005). A obra aborda assuntos que lembram a infância através de fatos felizes e amargos, aguçando o olfato e o paladar do leitor, como este poema exemplifica:

Feijão preto

Cheiro aconchegante
é o da cozinha de Dona Joana
às onze e meia da manhã.

Nessa hora iluminada
pelo sol quase a pino
ela canta uma marcha de carnaval
revira a colher de pau na feijoada
canta um ponto de umbanda
e prova o caldo na palma da mão.
Charque, linguiça, louro, toucinho
E os tenros grãos negros
Saem da panela fumegante
Como oferenda de Dona Joana
A todos os santos e orixás.

Quanto ao aspecto fônico, salienta-se a assonância com as vogais /a/ e /e/, e na aliteração com /nh/ e /ch/. O poema “Feijão preto” revela recordações da infância, especialmente cheirinho de feijão vindo da cozinha da mãe, e emociona ambos adultos e crianças. Ele relembra a hora do almoço, quando o feijão está cozinhando e inunda a casa com o cheiro dos temperos escolhidos pela cozinheira, que mexe a panela com uma colher de pau ‘e prova o caldo na palma da mão’, como diz o verso. Os versos proporcionam ao leitor imaginar o poema durante toda cerimônia de cozimento do alimento, com destaque para alguns elementos: ‘hora’, ‘iluminada’, ‘sol’, ‘marcha de carnaval’, ‘revira a colher’; e conclui dizendo que todo trabalho feito com muita dedicação é ‘oferenda de Dona Joana’.

O próximo exemplo é de um poema que se passa numa rua da capital gaúcha:

Rua da praia

Eu fui passear
Na rua da Praia
O vento soprou
Subiu minha saia

Falou a me olhar
Um guri atrevido:
- Com pernas tão lindas
Para que vestido?

Fiquei sem saber
Então o que fazer:
Dar nele um xingão
Ou lhe agradecer?
(KALUNGA, 2003, p. 16)

Os versos possuem algumas assonâncias: ‘Eu fui passear’ repete as vogais /e/ e /u/, e a pronúncia das vogais realça quem foi passear a menina que se denomina no poema por eu. ‘Na rua da Praia’, repete a vogal /a/, o verso chama a atenção do leitor sobre o lugar em que a cena acontece, por ser o nome da rua. Em ‘O vento soprou’, a vogal /o/ proporciona um efeito na leitura que lembra o uivo do vento, ao pronunciar as palavras. Em ‘Subiu minha saia’, /u/, e /i/ reforçam o efeito da saia subindo, através do vento que começou a soprar no verso anterior e nesse verso foi tão forte que levantou a

saia. Em ‘Falou a me olhar’, os sons /a/ e /o/, em ‘Um guri atrevido’, os sons /u/ e /i/, em ‘Com pernas tão lindas’, os sons /o/ e /a/, em ‘Para que vestido?’, os sons /e/, em ‘Fiquei sem saber’, os sons /i/ e /e/, em ‘Então o que fazer’, os sons /e/, /o/ e /a/, em ‘Dar nele um xingão’, os sons /a/ e /e/ e em ‘Ou lhe agradecer?’, os sons /e/ e /a/ dão maior expressividade à mensagem que o menino quer reforçar, a de que a saia levanta com o vento. A ligação combinatória mostra-se através da rima da última palavra do segundo e do último versos de cada estrofe: ‘Praia-saia’, ‘atrevido- vestido’, ‘fazer-agradecer’. O leitor durante a leitura estabelece um dinamismo aos fatos que estão acontecendo e dá vida às palavras ao imaginar as cenas na mente. Os dois últimos versos do poema, ‘Dar nele um xingão’ ‘ou lhe agradecer?’, convidam o leitor a completar a resposta, levando-o a pensar qual seria a melhor solução para o que aconteceu.

A próxima tendência temática é voltada para os **problemas sociais**; cita-se o exemplo:

Apelo sem retorno

Garoto
de mãos marcadas,
delinquente por carência,
faz do caminho uma arena,
e da distância uma ausência.

Já nasceu de mal com a vida
E o mundo virou-lhe as costas.
É um apelo sem retorno,
tem perguntas,
sem respostas.

Colhendo brasas maduras,
o ódio,
é o único seu.
Assalto, briga e revolta,
foram lições que aprendeu.

Em mar de cacos de vidro
roendo sombras e azar,
navega morte, o garoto,
que não sabe navegar.
(DINORAH, 1997, p.13)

O aspecto fônico apresenta-se com a assonância das vogais /a/ e /o/ e na aliteração dos sons /m/ e /n/. A ligação combinatória aparece na rima das palavras

‘carência-ausência’, ‘costas-perguntas-respostas’ e ‘azar-navegar’. O poema aborda a temática social ao falar da situação de pobreza das crianças carentes, que necessitam trabalhar e, por isso, têm as “mãos marcadas”. Todas as imagens possibilitam ao leitor imaginar a construção da cena na mente, note-se: ‘mãos marcadas’, ‘delinqüente por carência’, ‘caminho uma arena’, ‘distância uma ausência’, ‘nasceu mal com a vida’ e ‘mundo virou-lhe as costas’. O próprio título sugere que o caminho das crianças carentes apresenta-se como um apelo sem retorno, porque ‘... o mundo virou-lhe as costas’; esse verso possibilita ao leitor preencher o espaço que ficou vazio durante a leitura, a fim de se tentar entender os motivos desse apelo sem retorno.

A seguir, analisa-se outro poema da temática dos **problemas sociais**:

Desistência

O menino tonho
Mexendo no lixo
Achou um sonho
E pôs-se a sonhar

Com queijo de nuvens,
Bolachas de estrela,
Pastéis de luar.

O sonho era duro
E estava mofado.
E ele desistiu
De sonhar acordado.
(DINORAH, 1997, p. 22)

As palavras centrais do poema terminam com rimas: ‘menino-tonho-sonho-lixo-duro-mofado-acordado’. Elas estabelecem sentido no texto e dão ritmo à leitura. Percebe-se a aliteração no som /nh/. A ligação combinatória acontece por anáfora, com a repetição da palavra ‘sonhar’. A imagem do poema constrói-se com as palavras, ‘menino’, ‘sonho’ e ‘lixo’. O poema fala da miséria vivida pelas crianças marginalizadas, que procuram comida no lixo da cidade, mas que, ao contrário de encontrar algo bom para comer, como sonham, conseguem apenas comidas mofadas. O texto apresenta uma realidade triste e leva o leitor a pensar sobre ela.

Cita-se outro exemplo:

Recreio

A marmita
encardida e fria
com seus grãos de mistério
e anti-poesia

é o único recreio
do menino bóia- fria.
(DINORAH, 1997, p.12)

As vogais /a/ e /i/ sobressaem-se no aspecto fônico do poema por assonância. A ligação combinatória ocorre por meio da rima do substantivo ‘marmita’, que vem precedida por dois adjetivos, ‘encardida’ e ‘fria’, e revelam uma imagem triste. A temática do poema “Recreio” fala sobre a criança que trabalha e que possui como recreio o almoço numa marmita suja e fria.

Eis outro exemplo:

Mapa

Tinha tanto remendo
a calça do Raimundo,
que ele estudava nela
a geografia do mundo.
(DINORAH, 1997, p.5)

O aspecto fônico acentua-se pela aliteração do som nasal /n/. A rima ocorre nos 1º, 2º e 4º versos, nas últimas palavras, com a sílaba /do/ fixando a ligação combinatória. O texto apresenta a pobreza infantil, relatada através da falta de roupa adequada à criança. O poema fala de um menino chamado Raimundo, que veste trapos remendados, no lugar de roupas dignas. A imagem é gerada pelas palavras ‘remendo’, ‘Raimundo’ e ‘mundo’, favorecendo ao leitor o entendimento do texto.

Eis mais um exemplo de **problemas sociais**:

Prece

Meu Menininho
Jesus Cristinho,
que está lá em cima,

não mais permita
que se repita
Hiroshima!

Jesus Cristinho,
pelos meninos
do meu Brasil,
não mais permita
que se repita
Chernobyl!

Meu Menininho
Jesus Cristinho,
peço também
que acabe a fome
que nos consome.
Amém!
(DINORAH, 1999, p.32)

O aspecto fônico mais significativo encontra-se no som /nh/, pela aliteração que forma o diminutivo das palavras. A ligação combinatória acontece por anáfora através da repetição das palavras 'Jesus Cristinho'. O poema "Prece" apresenta-se na forma de uma oração e faz um pedido especial ao Menino Jesus, para que acabe com a guerra e a fome do mundo e, portanto, aborda duas temáticas sociais. Os versos '/não mais permita//que se repita/' fazem a introdução ao pedido feito logo a seguir e constroem a imagem do que será dito na sequência.

Outra tendência temática apresenta a **vida cotidiana** e situações comuns do dia-a-dia:

A invenção da piada

Sorriso
é algo
precioso.
E quando
o sorriso
vira risada,
a vida
fica mais
engraçada.
Assim pensava
o inventor
da piada.

Queria era ver
todo mundo sorrir.
Mais nada.
(SILVESTRIN, 2003, p. 5)

No aspecto fônico, salienta-se a aliteração do som /s/. A ligação combinatória se dá por anáfora, com a palavra ‘sorriso’. A imagem que descreve melhor o poema apresenta-se na palavra ‘sorriso’, que combina com outras com som de /s/ e /z/, tais como: ‘precioso’, ‘risada’, ‘pensava’, ‘sorrir’. O poema “A invenção da piada” possui intenções menos explícitas e não somente quer fazer pensar sobre como surgiu a piada. As palavras dizem mais do que elas mesmas; aparece o sorriso que vira risada e que deixa a vida mais engraçada, como se o leitor estivesse todo o tempo ouvindo uma piada engraçada. Parece que, mesmo depois de terminada a leitura do poema, continua ecoando aquela risada no ouvido do leitor.

O poema a seguir promove uma brincadeira com as palavras, mas, ao contrário daquele citado anteriormente, não apresenta comprometimento com o sentido lógico da estrutura, causando um efeito de *nonsense* para o leitor:

Jogar pelada

incendiar a palha
da palavra
atrapalhada.
Roubar carinho
das meninas,
pular o muro do vizinho.
Comer queijo e goiabada.
Cuidar da asa do passarinho.
Beber na goteira
da telha furada,
ganhar cafuné da namorada.
(PIRATA, 1989, p. 2)

O aspecto fônico acentua-se por meio da aliteração dos sons /lh/ e /nh/. A ligação combinatória acontece por rima na última sílaba da palavra, no final dos versos: ‘palha-atrapalha’, ‘carinho-vizinho’ e ‘goteira-furada-namorada’. A temática da vida cotidiana aparece em diferentes situações do poema, que mistura diversos momentos e proporciona uma série de imagens: ‘incendiar a palha’, ‘roubar carinho das meninas’, ‘comer queijo e goiabada’, ‘cuidar da asa do passarinho’, ‘beber água na goteira’,

‘ganhar cafuné da namorada’. Em cada situação distinta, aparece um substantivo responsável pela imagem do verso: ‘palha’, ‘meninas’, ‘muro’, ‘queijo e goiabada’, ‘passarinho’, ‘telha’ e ‘namorada’. Isso facilita para o leitor construir os significados a partir das imagens que as palavras suscitam.

Em muitos poemas é possível observar a forma como a palavra é capaz de materializar os sons. Eis um exemplo:

Bolinha de ping-pong

Daqui-*pra-lá-de-lá-pra-cá*
A bolinha de ping-pong
Na mesa fica a girar.

De-lá-pra-cá-daqui-pra-lá
A bolinha de ping-pong
Onde estava já não está.

Daqui-*pra-lá-de-lá-pra-cá*
A bolinha de ping-pong
Sumiu. Quem vai procurar?

De-lá-pra-cá-daqui-pra-lá
A bolinha de ping-pong
Quebrou.

E o jogo acabou.
(KALUNGA, 2003, p. 18)

O aspecto fônico salienta-se na presença da assonância das vogais /a/, /o/ e /i/ nos versos. É possível imaginar, durante a leitura, a bolinha de ping-pong indo de um lado para outro da rede. Esse efeito ocorre por meio da ligação combinatória com a repetição do verso ‘A bolinha de ping-pong’, por anáfora. O leitor constrói a imagem do jogo acontecendo até a bolinha ser perdida e a brincadeira acabar.

O poema explora uma brincadeira de criança, o que se reflete no ritmo imposto pelas palavras do texto. Quando o poema “Bolinha de ping-pong” é lido em voz alta, percebe-se que o ritmo ditado pelas palavras representa o movimento da bolinha, que vai e volta, e, ao final, se perde. Mesmo durante a leitura silenciosa, percebe-se a musicalidade e o aspecto sonoro, e a articulação das palavras, que transportam o leitor para dentro do jogo. É interessante, nesse poema, ler com os olhos e com os ouvidos, pensando-se na organização sonora e visual proporcionada pelo texto.

Apresenta-se o poema a seguir como mais um exemplo:

O telefone toca

Mas se à sala, o telefone tilinta
É a amiga, Raíssa, do prédio
Quer combinar brincadeiras
Pra à tardinha inventar.

Um jogo de memória
Um brinquedo de esconder
Um quebra-cabeça difícil
Não se nega pra valer.

A Bibi que tanto, que tudo ouve
Com as meninas quer brincar
Espera, Bibi, espera!
Um menino também quer entrar.

É o Dudu, bem risonho
Com suas botas famosas
Pisando forte nas escadarias
Com firmeza pra não cair.

Nosso grupo já está formado
Temos que escolher um brinquedo
Que agrada a cada um e a todos
Isso já não é segredo!

Mas... e se os pingos de chuva fossem
Flocos de sorvete? Que bom seria viver
Morar numa casinha branca ou iglu
Coberta de folhas coloridas e vistosas
Para esperar o sol, lá atrás, nascer.
(VISSOKY, 2003g, p. 3)

O aspecto fônico sobressai na aliteração dos sons /br/, /tr/ e /gr/. A ligação combinatória apresenta-se por rima nos 2º e 4º versos de cada estrofe: ‘esconder-valer’, ‘brincar-entrar’ e ‘viver-nascer’. Aparecem múltiplos assuntos da vida cotidiana no poema citado, tais como atender o telefone e diversas brincadeiras de criança. Destaca-se o verso ‘Flocos de sorvete?’, que remete o leitor à imagem de pingos de chuva, em uma relação de significado entre os flocos de chocolate do sorvete que lembram pingos, assim como na expressão ‘Pisando forte’, que se conecta com ‘botas famosas’, que por serem botas famosas reforçam marcas fortes no chão por onde passam.

Lendo o poema “Taco”, pode-se imaginar uma brincadeira de taco:

Taco

Esses
Guris
não enchem
o saco
quando jogam
taco

A moçada
Entusiasmada
bota uma lata aqui
outra lá.

- Joga a bola,/ não enrola!

E dê-lhe
Tacada
na calçada
ensolarada.
(URBIM, 1999, p. 12)

O som nasal /n/ caracteriza o aspecto fônico por meio da aliteração em, ‘enchem’, ‘quando’, ‘entusiasmada’, ‘enrola’ e ‘ensolarada’. Note-se que a ligação combinatória acontece por rima nas últimas palavras do verso, que ora terminam em /m/, ora terminam em /a/. Para a criança, o ato de brincar é a principal atividade na infância; portanto, aquilo que a remete ao brinquedo provoca sua simpatia. Durante a leitura do poema “Taco”, imagina-se uma lata em cada lado, uma bola jogada e uma tacada dada. A brincadeira de taco não é um brinquedo muito conhecido da criança deste século; é interessante, no entanto, reviver brincadeiras já esquecidas, a fim de que se tornem conhecidas.

A próxima tendência trata do tema referente a **animais**. Cita-se a seguir um poema que exemplifica a temática:

Aves e pássaros

O Quero-Quero
faz tal
lero-lero
que nem quero
contar.
Com sua antena
de penas.

Quero-Quero
adivinha
quem vinha
me visitar.
Quero-Quero

amigo quando ela

chegar na cancela
deixa comigo
eu também
sei cantar.

Bem-te-vi,
Bem-te-vi,
quem passou por aqui?
Bem-te-vi,
Bem-te-vi,
quem passou
por ali?
Maria
fugia
[...]
(CORONEL, 1978, p. 26).

O aspecto fônico é acentuado pelas vogais /a/ e /o/, em uma ligação por assonância. As palavras ‘Bem-te-vi’ e ‘Quero-Quero’ dão ritmo aos versos, formam a ligação combinatória por anáfora e proporcionam a sensação de ouvir o canto dos pássaros, por meio da imagem sonora que remetem ao leitor. O poema fala sobre dois pássaros, o bem-te-vi e o quero-quero, um que espera a visita do outro. O quero-quero faz muito lero-lero, mas quando decide voar, visita muitos lugares, vai ao encontro do bem-te-vi e ambos começam a cantar. Através do som do canto dos pássaros, representado pelos próprios nomes, eles se chamam para voar por todos os lugares. Pode-se ouvir o canto do pássaro cada vez que seu nome é dito.

Mais um exemplo consta a seguir:

Grilo cri-cri

Grilo cri-cri
quando cantas
eu sei
que estás aí.

Grilo cri-cri
vem cantar
no meu canteirinho
vem cantar o teu cri-cri
pra eu ganhar um dinheirinho.

Grilo cri-cri
vem trazer a tua sorte
pra bater na minha porta.

Canta, canta

bem mais alto
canta, canta, sem parar
que eu vou te acompanhar.

Cri-cri, cri-cri
Grilo, grilo
Onde estás?
Ainda estás aí?
(CAMARGO, 2001, p.6)

A vogal /i/ marca a assonância do aspecto fônico. Ao ler o poema “Grilo cri-cri”, o leitor fica com a impressão de escutar o cri-cri dos grilos, como em uma onomatopeia. A melodia do poema transforma as palavras num grilo cricrilando. Essa impressão permanece durante todo o texto, pois a melodia é reforçada pelo som /cri-cri/, em alguns versos. As palavras que compõem o verso perdem sua autonomia e se agrupam para formar imagens. Por exemplo, ao ler a seguinte estrofe do poema: ‘/Canta, canta// bem mais alto//canta, canta, sem parar// que eu vou te acompanhar//’, o leitor sabe que o canto referido nos versos é o de um grilo. Caso os versos fossem lidos separadamente, não teriam esse sentido. Ao isolar cada palavra, não se percebe a referência ao grilo; somente lendo os versos num todo, percebe-se que eles fazem sentido e formam a imagem de um grilo cantor.

Eis outro exemplo que explora a mesma temática:

O bode

Quem pode,
pode,
quem não pode
se sacode.

Quando começa
o pode
não pode,
esteja certo:
é bode.

O bode
tem barba
mas não tem bigode.

Não incomode
o bode
que o bode
explode.

Lá vai o bode

com nossas culpas
por desertos
e promontórios.

O bode
está cansado
de ser bode expiatório.
(CORONEL, 1992, p. 60)

O aspecto fônico encontra-se nas vogais /o/ e /e/. A segmentação do texto através da ligação combinatória se dá para produzir a rima. No poema citado, acontecem rimas consoantes, que misturam vogais e consoantes na sua composição, tais como a palavra ‘pode’, que ora rima com ‘bode’, ora rima com ‘bigode’. Os fonemas finais são marcados pela terminação **ode**, nas palavras ‘**bode**’, ‘**pode**’, ‘**bigode**’, ‘**sacode**’, ‘**incomode**’, ‘**explode**’, que formam rimas ricas, pois pertencem a classes gramaticais diferentes, no caso, substantivos e verbos. O autor monta uma brincadeira com as palavras ao escolher aquelas que causam riso, como ‘bode’ e ‘bigode’. É engraçado imaginar um bode de barba sem bigode, e esse trocadilho agrada a criança, porque lembra uma brincadeira estabelecida pelo jogo das palavras.

Eis mais um exemplo:

A vaca tresloucada

Uma vaca tresloucada
Foi à praia passear.
Usava bolsa de palha,
Luvas, óculos e malha.
Na cabeça, um chapéu
Sobre a cara, um longo véu.
Juntou um monte de estrelas
E colocou nas orelhas.
Resolveu dar uma esnobada
E dançou uma lambada.
(RÖSLER, 1993, p. 15)

O aspecto fônico salienta-se na assonância com as vogais /a/ e /o/. A ligação combinatória ocorre com as últimas palavras dos versos, por rima: ‘palha-malha’, ‘chapéu-véu’, ‘estrelas-orelhas’, ‘esnobada-lambada’. O poema “A vaca tresloucada” fala da personagem vaca, que sai do seu habitat natural para desempenhar um papel esquisito e, dessa forma, subverte a realidade. O leitor faz um pacto de leitura com o

texto, entra no jogo e substitui uma situação real por uma de faz-de-conta. Ele participa do jogo e vive as emoções descritas durante a leitura; no entanto, sabe que tais situações não estão acontecendo, pois ele não vai ver uma vaca passeando de bolsa, luva, óculos e chapéu na rua. A criança, por estar familiarizada com a brincadeira, deixa-se levar facilmente e entra no jogo promovido pelas palavras com naturalidade e envolvimento.

Cita-se o último exemplo referente à temática sobre animais:

A arara arara

A arara ficou uma arara
com o esporte gavião
que voando bem baixinho
comeu todo o seu pão.

Vai embora, Gavião,
vai embora já daqui.
Vê se arruma trabalho
E compra um pão pra ti.
(KALUNGA, 2003, p.16)

As terminações /o/ e /i/ dão ritmo ao poema. O verso ‘A arara ficou uma arara’ explica o título do poema: na primeira vez em que a palavra aparece, a palavra é um substantivo que representa uma ave; na segunda vez, apresenta-se como adjetivo, e classifica a arara como furiosa, estado emocional causado pelo gavião que roubou seu pão. As palavras ‘gavião-pão’ e ‘daqui-pra ti’ formam a imagem do poema ao centralizarem as ideias principais.

A última temática desenvolve o tema **natureza**; cita-se o exemplo a seguir:

Vento minuano

Vento minuano!
Vento velho
vento estranho
tem mais de mil anos
o minu a a a a no...

Vem dos Andes
vem de antes
vem do fundo das cavernas
nasceu no primeiro inverno.

Estufa panos
assopra enganos
é o vento carpinteiro
vento arteiro, frioleiro
gela cavalos e cavaleiros.

Por três dias e três noites
assobia nas coxilhas
bate-bate seu açoite
cisca-cisca, apaga trilhas.

Quando sopra ela anuncia
tempo seco inverno afora
mas espalha estripulias
enquanto não vai embora.
(CAMARGO, 1987, p.25-26)

As vogais /e/ e /a/ representam o vento através da constante assonância. O poema mostra a repetição das palavras ‘vento’, ‘vem’, ‘minuano’ durante o desenvolvimento, em uma ligação combinatória. A repetição por anáfora dá a ideia de um vento que vem passando e deixando tudo muito gelado, devido a gradação das palavras relacionadas ao frio como, ‘Andes’, ‘inverno’ e ‘frioleiro’. Durante a leitura do poema, através do som da sílaba /vem/, o leitor ouve o vento soprando no ouvido. A palavra ‘vento’ e ‘vem’ promove uma brincadeira e favorece a visualização da imagem de movimento do vento para o leitor.

Eis mais um exemplo:

Chuva de verão

Assim que recebe
os primeiros pingos
a terra exala, agradecida
cheiro de esperança.

Chuva de fevereiro na infância
é um pátio materno
ondulado pelas gotas grossas

Nos galhos da árvore maior
um menino inebriado
pelo cheiro quente do chão
se protege do dilúvio

Depois do aguaceiro
há de soltar barquinhos
no arroio da sarjeta.
(URBIM, 2005, p. 2)

O aspecto fônico salienta-se pelas palavras chaves do poema ‘cheiro’ e ‘chuva’, pela aliteração /ch/. A ligação combinatória é vista na palavra ‘cheiro’, que é repetida duas vezes, por anáfora. O poema “Chuva de verão” oportuniza o experimento de algumas sensações ao ser lido, pois aguça os sentidos durante a leitura. O leitor tem o olfato aguçado na primeira estrofe, através das palavras que o estimulam a sentir o cheiro que exala da terra durante os primeiros pingos de chuva. Outro momento semelhante, que aguça o tato, é quando o texto fala da brincadeira de soltar barquinho de papel na sarjeta, depois de uma chuvarada.

O próximo poema utiliza a mesma temática da natureza relacionada à chuva:

Chuva

A chuva plic
Na grade ploc
Balança plic
O mundo ploc

Balança o prédio
Atrasa o carro
que vira barco
na correnteza

Balança plic
A casa ploc
E eu só plic
Sem sair ploc

[...]

(VARGAS, 1988, p.29)

O som do /pl/ evidencia o aspecto fonológico por meio da aliteração. Na ligação combinatória, o poema utiliza-se das onomatopeias ‘plic’ e ‘ploc’, que representam o barulho que as gotas de chuva fazem ao tocar as coisas. Elas dão ritmo ao poema, que vai sendo lido como uma chuva que cai, e estimulam a imaginação do leitor, que pode imaginar a chuva materializada através dos sons.

Aqui a temática da natureza também está presente no poema a seguir:

A lua

A lua cheia vagueia
De barco sobre o Guaíba.

Em silêncio, preocupada,
Debruça-se na amurada

Buscando sinais antigos
De outras luas nas águas.
(CAPPARELLI, 2003, p.126)

O aspecto fônico salienta-se pela assonância que aparece nas vogais /u/ e /a/. O poema aborda o tema natureza sob a perspectiva da lua. A ligação combinatória ocorre com a palavra 'cheia', que rima com 'vagueia', e com o par 'preocupada' e 'amurada'. A imagem que se tem ao ler o poema é de uma lua que se apresenta como um barco e que flutua sobre as águas do rio Guaíba.

Outro exemplo da temática encontra-se a seguir:

O sol e a lua

O sol vai dormir na rua
depois que aparece a lua?

Se ele é tão forte,
alto e graúdo,

por que não põe
amarelo em tudo?

Quando eu tiver uma tela,
o sol vou pintar de branco
e a lua vai ser amarela.
(BRASIL, 2003, p. 10)

Salienta-se, no nível fônico, a presença de assonância das vogais /a/ e /o/. A ligação combinatória aparece na repetição das palavras 'lua' e 'sol'. O poema fala do sol e da lua e sobre a força do sol. Ele questiona a força do sol e o motivo pelo qual o astro não se mantém no céu o tempo inteiro, já que, mesmo sendo tão grande e forte, acaba sendo substituído pela lua em determinado momento do dia. O poema termina propondo a igualdade entre sol e lua, ao dizer que vai pintar o sol de branco e a lua de amarelo. A palavra 'rua' faz referência à 'lua', e, após o questionamento, parte central do poema, chega-se à solução: tanto o sol quanto a lua são importantes.

A poesia é lúdica, é uma brincadeira com as palavras. É um jogo de múltiplos sentidos que se renova a cada nova leitura. Isso ocorre no encontro do leitor com as palavras do poema, e cada leitura é sempre um novo encontro. Apesar de a poesia ser

comparada ao brinquedo, quando destinada à criança, ela se diferencia porque cada leitura proporciona uma nova brincadeira. A criança, para desenvolver o gosto pela poesia, deve ler para conhecer e identificar o que melhor se aproxima do seu gosto; ela deve ler para ter estímulo para novas leituras; ler para pensar, ler para imaginar. Assim, é importante que os pequenos tenham a seu alcance uma coletânea de poemas separados por temas que poderão conduzir melhor sua leitura e suas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer as considerações finais, faz-se necessário lembrar a primeira obra de poesia infantil de que se tem registro no Rio Grande do Sul, intitulada *Flores do campo: poesias infantis*. ‘Infantil’, no entanto, a obra possui apenas como subtítulo, pois se trata de poemas que não apresentam características formais ou temáticas que indiquem preocupação com o leitor infantil, como demonstra o seguinte texto:

Ao diretor do meu colégio

Epigrama

Deixei o teto
Que o meu nascer saudou;
Deixei a Pátria
Que tanto me encantou

Deixei amigos;
Deixei irmãos saudosos;
D’amor opressos
Deixei meus Pais bondosos.

Mas neste asilo
E a casa e pátria achei;
Aqui piedosos
Outros irmãos e outro pai saudei⁴.
(DUTRA, 1882, p. 29)

O poema trata de situações comuns no dia-a-dia de pessoas adultas, pois fala de saudades ao deixar a pátria, os amigos, os irmãos; fala sobre a experiência de ir morar em um novo lugar e passar a aceitar o novo rumo da vida como sua nova pátria. A criança terá dificuldades em identificar seu próprio mundo, pois ela não está

⁴ Foi realizada a atualização ortográfica.

preocupada com os sentimentos expressos no poema. Pode-se perceber como o poema não foi elaborado tendo em vista o pequeno leitor.

De certa forma, mesmo tendo sido lançada 63 anos depois de *Flores do campo*, outra publicação mantém semelhante estrutura, pois também não demonstra consideração pelo mundo da criança. Trata-se da obra publicada em 1945 por Francisco Martins Cardoso Filho, intitulada *Festas escolares: poesias cívicas*, cujo poema cita-se a seguir:

Soldados do Brasil
Na terra ou no Céu azul anil,
Soando a hora fatal,
Lutam, sem temor, os soldados do Brasil!
A pátria deposita igual e inteira fé
Nos homens de Marinha Nacional,
Herdeiros de Barroso e de Tamandaré⁵!
(CARDOSO FILHO, 1945, p. 13)

Apesar do distanciamento de tempo entre a publicação de 1882 e a de 1945, em “Soldados do Brasil”, pode-se notar a mesma temática relacionados à pátria: soldados, guerra, nacionalismo. Mais uma vez, não se trata do mundo da criança, ou seja, a temática não é do interesse dela e as chances de agradar o leitor mirim são remotas.

Tais obras, que ainda não retratam o mundo infantil, têm o mérito de apresentar, no século XIX e na primeira metade do século XX, a intenção de produzir poesia para a criança, público até então desconsiderado. A análise desse material deve levar em conta, portanto, o contexto de época de sua criação e valorizar seu pioneirismo.

No que tange aos poemas para infância no Rio Grande do Sul, as publicações citadas anteriormente marcam, pois, o início da produção do gênero. Porém, somente com a estreia de Mario Quintana, em 1948, com a obra *O batalhão das letras*, nasce a preocupação com o leitor infantil. Os poemas desse livro falam com a criança e de seu

⁵ Foi realizada a atualização ortográfica

mundo, apesar de também evidenciarem forte apelo pedagógico na forma como estão estruturados. Veja-se no trecho a seguir:

O batalhão das letras

Aqui vão todas as letras,
Desde o A até o Z,
Pra você fazer com elas
O que esperam de você...

Aí vem o Batalhão das Letras
E, na frente, a comandá-la,
O A, de pernas abertas,
Montando no seu cavalo.

Com um B se escreve BALÃO,
Com um B se escreve BEBÊ,
Com um B os menininhos
Jogam BOLA e BILBOQUÊ.

Com um C se escreve CACHORRO,
Confidente das CRIANÇAS
E que sabe seus amores,
Suas queixas e esperanças.
[...]
(QUINTANA, 1997)

Nota-se, ao se ler o poema de Mario Quintana, que a criança passa a existir nas intenções de elaboração do texto, que compara o alfabeto a um batalhão de letras, fazendo-se uma referência lúdica. Os poemas dessa obra exploram nos versos palavras que fazem parte do mundo da criança, tais como: balão, bilboquê, cachorro, bola e bebê. A partir da produção de Mario Quintana, percebe-se que os poemas passam a ser dirigidos e pensados ao pequeno leitor, embora carregados ainda de forte apelo pedagógico.

Somente a partir de 1975, com a publicação de *Pé de pilão*, também de Mario Quintana, a poesia infantil passa a se dirigir à criança sem intenções pedagógicas, considerando o pequeno e seu mundo, tratando de assuntos do interesse infantil e demonstrando preocupação com a linguagem lúdica. Note-se o trecho a seguir:

Pé de pilão

O pato ganhou sapato,
Foi logo tirar retrato.

O macaco retratista
Era mesmo um grande artista.

Disse ao pato: “Não se mexa
Para depois não ter queixa.”

E o pato, duro e sem graça
Como se fosse de massa!

“Olhe pra cá direitinho:
Vai sair um passarinho.”

O passarinho saiu,
Bicho assim nunca se viu.

Com três penas no topete
E no rabo apenas sete.

[...]
(QUINTANA, 1999)

A partir da obra *Pé de pilão*, os poemas infantis surgem em um grande crescente sem traços pedagógicos e demonstrando preocupação em falar com a criança. Os poemas passam, então, a se ocupar em falar de coisas do mundo dos pequenos e a investir na musicalidade, marca principal do gênero.

A importância de se dirigir à criança sem intenções pedagógicas cresce e o número de obras com tal objetivo começa a aumentar a partir de 1975, havendo cerca de quatro obras editadas por ano, em média, no Rio Grande do Sul. Pode-se sublinhar que a produção para infância no Rio Grande do Sul cresce desde 1975, com publicações praticamente anuais. A estrutura da poesia infantil mantém as características referentes a ritmo, estrofe, verso, rima e ritmo; porém, tem incorporado, com o tempo, algumas particularidades próprias das produções infantis, com contribuições de poetas que entendem o mundo da criança. Escreve Aguiar (2001):

No momento em que os escritores adultos começam a entender o mundo da criança, seus textos passam a cultivar temas e linguagens que tocam a sensibilidade infantil, sem menosprezá-la ou protegê-la. Sendo, pois, uma criação artística por excelência, a poesia garante sua qualidade estética quando não trai o pequeno leitor, querendo ensinar-lhe algo como se fosse um instrumento de aprendizagem puro e simples. (p. 109)

A poesia infantil passa a privilegiar a brincadeira com as palavras, considerando-se, na elaboração do poema, o lúdico como intenção essencial, como diz José Paulo Paes: “Poesia/é brincar com palavras/como se brinca/com bola, papagaio, pião.” Numa entrevista dada à Revista da Cultura, Hélder Pinheiro (2010) salienta a importância da leitura que acontece com o simples objetivo de se brincar com as palavras:

A questão central é a musicalidade. E ela se dá dos mais diversos modos: assonâncias, aliterações, rimas e repetições de palavras são alguns dos procedimentos. Mas também há outros aspectos: uma poesia mais conceitual, com imagens mais abstratas, no geral, tende a não encantar muito a criança. No entanto, muitas vezes ela adora o som, embora não entenda nada do sentido. Portanto, tema e forma (ou estrutura) devem sempre vir bem casados, para que a significação seja sempre mais rica. Também a poesia para crianças não deve ser muito longa. Há que se ter cuidado também com o vocabulário: palavras muito rebuscadas muitas vezes tornam qualquer poema pernóstico. Não acho que deva haver facilitação, mas também nada de querer ensinar vocabulário a partir de poesia - o que até pode acontecer, mas naturalmente.

Quanto às particularidades da poesia infantil, o aspecto sonoro do texto apresenta-se como a característica mais importante. A ênfase na melodia tem como objetivo agradar a criança e, quando o poema é destinado ao público infantil, brinca com palavras, sons e sentidos, em comunhão com o ludismo. A poesia fala com a criança quando revela o mundo de forma lúdica e estimula a inventividade dela, promovendo o exercício da imaginação. O condensamento e a força das palavras expressam ideias e deixam vazios que serão preenchidos automaticamente pelo leitor.

Em relação à forma como se entende a poesia para criança, Mario Quintana (1994) escreveu o seguinte texto falando sobre o poema:

Os poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...
(p.18)

Chama a atenção que alguns poetas, ao longo dos anos, tenham publicado somente uma obra de poesia infantil: Antônio Carlos Hohlfeldt, José Eduardo Degrazia, Lourenço Cazarré, Alexandre Britto, Celso Sisto e Jaime Vaz. Paulina Vissoky, por sua vez, publicou sua primeira obra em 1977 e, depois de vinte e seis anos, editou sete obras em 2003, em duas coleções intituladas “Pequenos sonhadores” e “Brincando com a poesia.” Também com um intervalo grande entre a primeira publicação e as demais, há Luiz Coronel, Luiz de Miranda, Hermes Bernardi Jr. e Dilan Camargo. Alguns poetas como Ricardo Silvestrin, Sérgio Capparelli, Carlos Urbim, Gláucia de Souza e Mario Pirata, no entanto, continuam produzindo regularmente até os dias de hoje. Kalunga começou escrevendo em parceria com Mara Regina Rösler, na década de 1990, e retomou sua produção, porém, de forma independente, em 2003.

Destaca-se outro elemento em relação às publicações infantis no Rio Grande do Sul: o fato de as edições serem feitas em Porto Alegre na sua grande maioria, o que comprova que existem muitas produções poéticas infantis no Estado. Pode-se concluir que a criança gaúcha possui um amplo acervo de livros poéticos para desenvolver o gosto pela leitura; trata-se de um material produzido tendo em vista o pequeno leitor, que é estimulado pela musicalidade promovida pela brincadeira com as palavras dos poemas.

Quanto à temática, a maioria das obras dedicadas à criança, neste levantamento, é composta por poemas com temas referentes a sentimentos. Com o crescimento da produção do gênero, surgem outras temáticas, tais como folclore, vida cotidiana, inserção no social, natureza e animais. Ainda assim, pode-se observar o grande interesse dos poetas pela temática dos sentimentos, sobre a qual a pesquisa encontrou trinta e nove obras. Apresentando-se como segunda preferência, aparece o tema referente à vida cotidiana, com vinte e sete obras; em terceiro lugar, fica a temática sobre animais, com dezoito livros. As temáticas menos praticadas tratam sobre natureza, inserção social e folclore.

No que diz respeito à coletânea e ao catálogo elaborado no final da tese, desejava-se que motive professores a trabalhar em sala de aula com poesia, uma vez que possam

ter em mãos uma lista de obras com referências suficientes para serem encontradas sugestões de leitura. Quanto à coletânea, que ela possa beneficiar tanto os professores quanto os alunos, através de uma seleção disponível de poemas elaborados segundo um tema específico. Pensa-se que conhecer o tema do poema facilita a identificação da turma com assuntos de seu interesse. Além disso, entender os efeitos que os textos causam no leitor auxilia o professor a conduzir seu trabalho em sala de aula, na medida em que ele pode prever repercussões lúdicas, pedagógicas, líricas, nonsense ou de humor.

Deseja-se que o professor possa escolher um poema para ler com a turma, sem pensar em uma obra didático-pedagógica, ou porque tem intenção de ensinar conteúdos, ou deseja doutrinar a criança segundo padrões sociais, com objetivo de inculcar comportamentos adequados. Ao contrário, que ele possa privilegiar uma obra que respeite a perspectiva infantil, a temática do cotidiano dos pequenos, as figuras de linguagem, os jogos sonoros e, principalmente, o aspecto lúdico, pois, assim, o professor terá maiores chances de ser um formador de leitores de poesia.

REFERÊNCIAS

OBRAS TEÓRICAS E CRÍTICAS

ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís. Poesia brasileira para crianças: Uma ciranda sem fim. In: RECHOU, Blanca-Ana Roig; LÓPEZ, Isabel Soto; RODRÍGUEZ, Marta Neira. *A poesia infantil no século XXI (2000-2008)*. Galícia: Xerais de Galícia, 2009. p. 195-217

AGUIAR, Vera Teixeira. *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira. A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira. In: ZILLES, Urbano (Org.). *Gratidão de ser: homenagem ao Irmão Elvo Clemente*. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

AGUIAR, Vera Teixeira. A literatura infanto-juvenil no Rio Grande do Sul: das origens à realização. In: *Letras de Hoje*. N° 36. Porto Alegre: Junho de 1979.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BACHELARD, Gastón. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Biografia do autor. Disponível em: <www.kalungashow.com.br> Acesso em: 18 ago. 2008.

Biografia do autor. Disponível em: <www.ricardosilvestrin.com.br> Acesso em 25 set. 2008.

Biografia do autor. Disponível em: <www.mariadinorah.com.br> Acesso em 25 abr. 2008.

Biografia do autor. Disponível em: < www.mariopirata.com.br> Acesso em 19 jul. 2009.

Biografia do autor. Disponível em: <www.artistasgauchos.com.br> Acesso em: 19 abril 2010.

Biografia do autor. Disponível em: < www.caioriter.com> Acesso em 28 de fev. 2011.

Biografia do autor. Disponível em: <www.luisdill.com.br> Acesso em: 21 março 2011.

BORDINI, Maria da Gloria. *Para a poesia infantil ser poesia*. Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 13 de Marc. 2011.

BORDINI, Maria da Glória. A poesia que chega às escolas. In: *Poesia e escola*. Disponível em: < www.170116Poesiaescola.pdf> Acesso em 17 de out. de 2011.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

CAMARGO, Luis. *A poesia infantil no Brasil*. Disponível em: <www.blocosonline.com.br/literatura/prosa> Acesso em 27 de agos. 2011.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. São Paulo: USP, 1995.

_____. *Dicionário crítico de escrituras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CHAVES, Flavio Loureiro. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CUNHA, Léo. *Poesia e humor para crianças*. Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 13 de Marc. 2011.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética: a idéia e o ideal*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

IGREJA, Francisco. *Dicionário de poetas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1991.

ISER, Wolfgang. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção Hans Robert Jauss...* et. al.; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KIRCHOF, Edgar Roberto. *Poesia infantil e valor literário: um ponto de vista semiótico*. Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 14 de Marc. 2011.

LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa 1978.

MARCHI, Diana Maria. *A literatura infantil gaúcha: uma história possível*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

OBBERG, Sílvia. *Como vai a poesia? Uma conversa com mediadores de leitura*. Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 13 de Marc. 2011.

PAES, José Paulo. *Poesia para crianças*. Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 14 de Marc. 2011.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia infantil: diga sim!* Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/poesia-infantil-diga-sim-539395.shtml>> Acesso em 16 de out. de 2011.

PONDÉ, Glória. *Poesia e folclore para a criança.* Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 13 de Marc. 2011.

PONDÉ, Glória. *Poesia para crianças: a mágica da eterna infância.* Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 14 de Marc. 2011.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *O mono gramático.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PORTO ALEGRE, Apolinário. *Partenon Literário* (ensaio lítero-histórico). Porto Alegre: Thurmman, 1962.

QUINTANA, Mário: *Poesia completa:* organização Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

SALEM, Nazira. *História da literatura infantil.* São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SOARES, Antônio, NUNES, Margarida. (Org.). *Autores gaúchos.* Porto Alegre: Caravela, 2007, 1992, 1987, 1990 e 1991.

TREVISAN, Armindo. *Reflexões sobre a poesia.* Porto Alegre: In Press, 1993.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil, transitoriedade do leitor e do gênero. In: *Letras de Hoje.* N° 36. Porto Alegre: Junho de 1979.

_____. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. & LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil brasileira: história e histórias.* São Paulo: Ática, 1991.

OBRAS LITERÁRIAS

AYALA, Walmir. *Aventuras do ABC*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

AZEVEDO, Ricardo. *Dezenove poemas desengonçados*. São Paulo: Ática, 2003.

BEBIANO, Elza. *Coisas de crianças*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

BILAC, Olavo. *Olavo Bilac: obra reunida / organização Alexei Bueno*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BERNARDI, Hermes. *Abecedário alegre de Porto Alegre*. Porto Alegre: CV, 1998.

_____. *E um rinoceronte dobrado*. Porto Alegre: Projeto, 2008.

BRASIL, Jaime Vaz. *A pandorga da lua*. Porto Alegre: WS, 2003.

BRITO, Alexandre. *Circo mágico – poemas circenses para gente pequena, média e grande*. Porto Alegre: Projeto, 2007.

CAMARGO, Dilan. *O embrulho do Getúlio*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *O vampiro Argemiro*. Porto Alegre: Projeto, 2001.

_____. *Bamboletras*. Porto Alegre: Projeto, 2002.

CAPPARELLI, Sérgio. *A árvore que dava sorvete*. Porto Alegre: Projeto, 1999.

_____. *Minha sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *O boi da cara preta*. Porto Alegre: L&PM, 2003a.

_____. *A jibóia Gabriela*. Porto Alegre: L&PM, 2003b.

_____. *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2003c.

_____. *33 ciberpoemas e uma fábula virtual*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

CAZARRÉ, Lourenço Paulo da Silva. *Desventuras do macaco golpista*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

CARDOSO Filho, Francisco Martins. *Festas escolares: poesias cívicas*. Porto Alegre: Riachuelo, 1945.

COIMBRA, Hebe. *O grilo de Gina*. Belo Horizonte: Formato, 1993.

CORONEL, Luiz. *O dia da inauguração do mundo e outras estórias de Luiz Coronel*. Porto Alegre: Garatuja, 1978.

_____. *Avefauna: viva os bichos*. Porto Alegre: Tchê, 1992.

CORSALETTI, Fabrício. *Zôo*. São Paulo: Hedra, 2005.

DEGRAZIA, José Eduardo. *O samba da girafa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

DILL, Luis. *A arca de hacais*. Porto Alegre: WS, 2005.

DINORAH, Maria. *Barco de sucata*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. *Ecocirandinha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

_____. *Mata-tira-tirarei*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

_____. *Poesia Sapeca*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

DUTRA, José Fialho. *Flores do campo: poesias infantis*. Porto Alegre: Jornal do Commercio, 1882.

GUIMARÃES, Josué. *Era uma vez um reino encantado*. Porto Alegre: WS, 2005.

HOHLFELDT, Antônio. *A briga da porta com a parede*. São Paulo: FTD, 1987.

KALUNGA. *A criança não faz de conta*. Belo Horizonte: Miguilim, 2003.

_____. *O primeiro namorado*. Caxias do Sul: Maneco, 2004.

LALAU. *Japonesinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2008.

LISBOA, Henriqueta. *O menino poeta*. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais, 1975.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MIRANDA, Luiz de. *Livro dos meses*. São Paulo: FTD, 1992.

_____. *Poesia das capitais*. São Paulo: FTD, 2003

MORAES, Vinicius. *A arca de Noé*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MURRAY, *Fruta no ponto*. São Paulo: FTD, 1986.

_____. *Classificados poéticos*. Belo Horizonte: Miguilim, 1991.

_____. *Manual da delicadeza: de A a Z*. São Paulo: FTD, 2001.

NEJAR, Carlos. *Era um vento muito branco*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

ORTHOF, Sylvia. *A poesia é uma pulga*. São Paulo: Atual, 1992.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Uma letra puxa a outra*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

_____. *Vejam como eu sei escrever*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Lé com crê*. São Paulo: Ática, 2004.

PAIXÃO, Fernando. *Dia brinquedo*. São Paulo: Ática, 2004.

PEREIRA, Amir Feijó. *Sanduíche de poesia*. Porto Alegre: AGE, 2000.

_____. *O barato é brincar*. Porto Alegre: AGE, 2001.

PIRATA, Mário. *As minhocas também amam e mamam*. Porto Alegre: Sulina, 1989.

_____. *Bicho poesia*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *A magia do brincadeira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002

_____. *O fazedor de balões*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

QUINTANA, Mário. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005.

_____. *Sapato furado*. São Paulo: Global, 2006.

RITER, Caio. *Um menino qualquer*. Porto Alegre: WS, 2003.

ROCHA, Ruth. C. *Palavras, muitas palavras*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

RÖSLER, Mara R.& KALUNGA. *Trem de carretel*. Santo Ângelo: URI, 1991.

_____. *A viagem da minhoca cirandeira*. Santo Ângelo: URI, 1993.

SEBEN, Paulo. Encadeadinho. In: AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.). *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto, 1997.

SILVESTREIN, Ricardo. *Pequenas observações sobre a vida em outros planetas*. Porto Alegre: Projeto, 1998.

_____. *É tudo invenção*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Mmmmmmonstros!* São Paulo: Salamandra, 2005.

SISTO, Celso. *Emburrado*. São Paulo: Paulus, 2005.

SOUZA, Gláucia de. *Saco de mafagafos*. Porto Alegre: Projeto, 1998.

URBIM, Carlos. *Saco de brinquedos*. Porto Alegre: Projeto, 1997.

_____. *Caderno de temas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

_____. *Diário de um guri*. Porto Alegre: Projeto, 2000.

_____. *Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância*. Porto Alegre: WS, 2005.

VARGAS, Suzana. *Doce de casa*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

_____. *Cochicho: poemas musicados*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

VISSOKY, Paulina. *Pirulito nas estrelas*. Porto Alegre: Imprensa livre, 2003d.

_____. *A menina dos cabelos que enroscam nos botões*. Porto Alegre: Imprensa livre, 2003e.

_____. *Balão vermelho*. Porto Alegre: Imprensa livre, 2003f.

_____. *Tem balas no trem bala*. Porto Alegre: Imprensa livre, 2003g.

ZIEGER, Lilian. *A bruxa do coração doce*. Porto Alegre: kuarup, 1994.

ANEXOS

ANEXO 1

POESIA INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL

ANTOLOGIA

FOLCLORE

Era uma vez um reino encantado

Então ouvi bem, naquele chão repleto,
O retumbar das patas de um petiço
gordo, lustroso, bem roliço,
carregando a figura mirrada e triste
do Negrinho do
Pastoreio.
Os duendes da floresta, com receio
o miravam de longe,
enquanto protegiam dos intrusos
fauna e flora,
missão que cumpriam, noite e dia,
contra males, ruínas e abusos.

Josué Guimarães

Era uma vez um reino encantado.

Porto Alegre: WS, 2005.

p.11

-----Efeito lúdico-----

Mata-tira-tirarei

Ó, meu belo castelo
Onde foi que te deixei?
Num sapato cor-de-rosa
que em bandeira transformei?

Numa fita de cabelo
onde o encontro aprisioneiei?

Num menino de olhos verdes,
se era príncipe eu não sei?

Onde foi que te deixei,
ó, meu belo castelo,
mata-tira-tirarei?

Maria Dinorah
Mata-tira-tirarei.
Porto Alegre: L&PM, 1998.
p.47

-----Efeito lúdico-----

Vaca amarela

Vaca amarela
fez côco na panela,
cabrito mexeu, mexeu,
quem falar primeiro
comeu o côco dela.

Vaca amarela,
sutiã de flanela,
cabrito coseu, coseu,
quem se mexer primeiro
pôs o sutiã dela.

Vaca amarela
fez xixi na gamela,
cabrito mexeu, mexeu,
quem rir primeiro
bebeu o xixi dela.

Vaca amarela
cuspiu da janela,
cabrito mexeu, mexeu,
quem piscar primeiro
lambeu o cuspe dela.

Sérgio Capparelli
O boi da cara preta.
Porto Alegre: L&PM, 2003.
p.42

-----Efeito humorístico-----

Bia e pio

Pio, sem pios,
dizia pra Bia:
“Pingam na pia
pencas de pingos!”

Bia arrepia:
“O bico do pinto
é pingue de pios
e piam na pia
pingos e pingos.”

E Pio arrepia:
“Pingam da pipa
pingos de pinga
e bicam a pipa
os pintos aos pios.”

E Bia, na pia,
espia o Pio:
e na nuca a penugem
já se arrepia.

Pio, sem pios,
também arrepia:
com os pingos da pia
e os de Bia.

Ah, Pio e Bia!

Sérgio Capparelli
111 poemas para crianças.
Porto Alegre: L&PM, 2003.
p. 101

-----Efeito humorístico-----

Mistério

Quem foi que atirou
o pau no gato
e deixou a canoa virar?

Quem buscou água no tororó
e mandou o jacaré sentar
na cadeira da vovó?

Quem foi que viu
o quartel pegar fogo
e o Cravo beijar a Rosa?

Foi a poesia, foi a poesia
que caiu feito um balão
na palma da minha mão.

Mario Pirata

O fazedor de balões.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

p.29

-----Efeito de nonsense-----

Música pra valer

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Quem bate, primeiro, é ela
Quem bate, depois, sou eu...

Dança, dança na roda
Vai pulando, pra dançar
Sacode os braços ligeiros
É hora de balançar...

Vamos todos brincar de roda
Meia volta, vamos dar
Quem quiser chegar primeiro
Pula, pula, até cansar...

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Quem bate, primeiro, é ela
Quem bate, depois, sou eu...
Bate, bate pirulito

pi

ru

li

to

Paulina Vissoky

Pirulito nas estrelas.

Porto Alegre: Imprensa livre, 2003.

p.3

-----Efeito de nonsense-----

Saco de mafagafos

Saco de mafagafos
É saco sem fundo,
Que a gente nem sabe
(nem faz diferença)
Se dentro do saco
Cabe ou não cabe
coisa da gente
ou coisa do mundo.

Dentro do saco
De mafagafos
De tudo cabe um tanto:
Cabe um pouco de coentro
Cabe pena de pato
E mesinha de centro.

No saco de mafagafos,
cabe prato e talher
cumbuca, faca, garfo, colher...
E até um sonho louco
De uma nega maluca
Que jogava sinuca.

E se a gente cutuca
Mais no fundo no saco
Aparece um ninho
De sete mafagafinhos.

Gláucia de Souza
Saco de mafagafos.
Porto Alegre: Projeto, 1998.
p.5

-----Efeito lírico-----

Cinco marias

Cinco pedrinhas
Que são encontradas
Aí mesmo na rua

Um, dois, três
Quem não acerta
Joga outra vez

Na hora do quatro
São todas juntas!

Depois vem a ponte
Das cinco marias
(cinco alegrias!)

Lindas, graciosas
São pedras preciosas.

Carlos Urbim
Saco de brinquedos.
Porto Alegre: Projeto, 1997.
p. 20

-----Efeito lírico-----

SENTIMENTOS

O que gosto de fazer
com a Vovó ou com a titia
é no chalé da Praça XV
no lambe-lambe
tirar fotografia.
A titia só faz careta,
E a Vovó sem dentadura, ah!
É a maior alegria.

Hermes Bernardi
Abecedário alegre de Porto Alegre.
Porto Alegre: CV, 1998.
p.16

-----Efeito lúdico-----

José ou Luís

Bem-me-quer
mal-me-quer
será o Luís?
Será o José?

Bem-me-quer
(Talvez José)
Mal-me-quer
(Talvez Luís)

Mal-me-quis,
bem-me-quis
Foi o José?
Foi o Luís?

Quem me diz
que me quer
Seja o José
Seja o Luís
é certo que será meu bem
pelos séculos dos séculos
amém.

Sérgio Capparelli
A jibóia Gabriela.
Porto Alegre: L&PM, 2003.
p. 30

História de vovozinha

Coralina
É uma velhinha
Que tece muita meinha
Que gosta de conversinha

Um dia é ti ti ti
No outro é ta ta tá
Fala muito com a vizinha
que nem chega a reparar

Cora Cora Coralina
Chega de meia fiar
Chega de tanto falar
E dá um beijo na menina

O tempo ó, Coralina
O tempo é muito guloso
Come logo suas horas
Não sabe o que é gostoso

O tempo, Coralininha
Não sabe ser carinhoso.
(VARGAS, 1988, p. 33)

Suzana Vargas
Doce de casa.
Rio de Janeiro: Record, 1988.
p. 33

-----Efeito humorístico-----

O grilo de Gina

Gina
é uma gata angorá
que fazia ginásticas
regimes
não tomava guaraná.
Gina era gata grã-fina
que tinha grilo de engordar.

Na geladeira de Gina
não tinha gostosuras
gulodices.
Só água, agrião e gergelim.
Ah, e em cima
tinha um pingüim.

Mas que agonia!
Gina grunhia, gemia:
- Ai, vida sem gosto,
sem alegria!

Até que o gato Gaspar
o galanteador do lugar
bom de garfo e de guitarra
vendo gata graciosa
elegante, glamurosa
começa a Gina agradar.

Que agrados! Imagina...
Goiaba, geléia, gelatina
figo, manga, graviola
e o amor de Gaspar e Gina
urgente, urgente germina.

Gina engorda engorda engorda.
Agora não é gata glamurosa.
Mas a vida
Gina acha tão gostosa...

Hebe Coimbra
O grilo de Gina.
Belo Horizonte: Formato, 1993.
p.3

Um menino qualquer

O menino tinha um cachorro. Nem alto nem baixo. Nem gordo
Nem magro. Nem bonito nem feio. Era um bicho assim-assim,
que roía osso assim-assim, como qualquer outro cachorro vira-
latas. Mas era muito legal. E quando latia, cantava baixinho,
fazia miau-miau.

Não assustava ladrão.
Não batia nos gatos
nem perseguia ratos.
Ficava deitado no sol,
ronronando assim-assim.
Não uivava pra lua,
não saía pra rua,
nem comia carne crua.
Rimava bacia com melancia
e fazia poesia.
Esse era o cão do menino.
Mas, cá pra nós,
pra que serve um cachorro
assim tão assim-assim?

Cão que canta
não desafina,
acerta o ritmo
e vira bailarina.

E o cachorro, agora bailarina,
foi dançar lá na esquina.

Caio Riter
Um menino qualquer.
Porto Alegre: WS, 2003.
p. 08

Janeiro

Janeiro é verão
Do Oiapoque ao Chuí
O sol reina como bandeira
Sobre as praias azuis do país
Mas não se é menos ou mais feliz
A felicidade vive no coração
De todos e de nenhum
Conforme os barulhos da paixão
É a ave que se solta
Ligeira e livre
Sobre os janeiros da vida.

Luiz de Miranda
Livro dos meses.
São Paulo: FTD, 1992.
p. 7

Era um vento muito branco

E era a primeira
luz
que o vento Zão
levava
para o ninho
da manhã,
Com os filhotes
de velhos ventos.
Tão velhos
que brilhavam.

E Zão deixou
de crescer,
ter forma
de nuvem.

Começou a ser
igual
a todos os ventos,
misturou-se
com eles
num sopro geral,
imperioso.

E ninguém soube
mais de onde
vinha ou
para onde
voava.

Carlos Nejar
Era um vento muito branco.
Rio de Janeiro: Globo, 1988.
p. 37

Ela faltou à aula e me deixou na jaula

Hoje ela não veio
e a aula ficou vazia.
Que droga! Que pena!
Não vai haver magia,
não vai mais ter poema,
porque meu olhar de fantasia
vira, sem ela,
uma grande pirataria!

Celso sisto
Emburrado.
São Paulo: Paulus, 2005.
p. 26

PROBLEMAS SOCIAIS

Planeta Argh!

Depois da explosão atômica
no planeta Argh!
só ficaram as baratas.

Barata longa, curta,
quadrada, chata.

Barata voadora, rastejante,
de casaco, de gravata

com bigode, cavanhaque
um sapato em cada pata.

E ninguém mata!

Ricardo Silvestrin

Pequenas observações sobre a vida em outros planetas.

Porto Alegre: Projeto, 1998.

p. 21

Hai cai do terceiro mundo

Criança dormindo na rua.
Quem finge que não vê,
acaba não vendo que finge.

Mario Pirata

O fazedor de balões.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

p. 22

O macaco convoca assembléia

Um rei assim explosivo
não amedronta ninguém.
Agora é definitivo:
Ele parece um neném.
Que vive fazendo pum pum
não é mais assustador,
não amedronta bicho algum,
não pode ser o imperador.

O macaco tinha por meta
enrolar todo o mundo,
usando seus dons de poeta
para destronar Raimundo
(esse é o nome do leão)
sem fazer revolução.

Lourenço Paulo da Silva Cazarré
Desventuras do macaco golpista.
Porto Alegre: Tchê, 1987.
p. 29

-----Efeito humorístico-----

Semelhança

O lixo
é como bicho:
bem tratado é lorde
Maltratado, morde.

Maria Dinorah
Ecocirandinha.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
p. 3

-----Efeito humorístico-----

Pescador

O pequeno pescador
pensa o rio
céu virado

e o sol
peixe encantado

que vai morder o anzol
e transformá-lo
em doutor.

Maria Dinorah

Barco de sucata.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

p. 19

-----Efeito de nonsense-----

O muro

O muro
da mansão
era tão alto,

que Juquinha pensava
ser ele a divisa
entre o céu
e o asfalto.

Maria Dinorah

Barco de sucata.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

p. 14

Brasília

A mão de Oscar Niemeyer
pousa encantada no Planalto.
Ave de mil vôos, de mil ternuras,
levanta do chão o edifício alto.
Disfarce
 Genialmente
 a concreta,
 alvura da pedra.

A cidade é criada do seu olho mágico,
já nasce amada.

O poder mora ao lado,
às vezes isolado
 nos escaninhos dos partidos.
Todos tão velhos,
 idos para o fim da história.
E a pátria espera dos seus filhos
 o amor mais gentil
para que nasça um país
 para todos,
um novo Brasil.

Luiz de Miranda
Poesia das capitais.
São Paulo: FTD, 2003
p.14

Liberato

Liberato
tem um amigo rato.

juntos
enfrentam perigos,
comem no mesmo prato.

Num colchão
de terra e grama,
dividem a mesma cama.

E sob a luz
das estrelas,
acendem as mesmas velas.

Quando o rato
tem insônia,
resolve dançar um tango.
E a flauta do Liberato
vai completando
o fandango.

É um barato
a amizade do rato
com Liberato.

E só dá certo
porque nenhum tem casa,
nem queijo,
nem sapato.

Maria Dinorah

Barco de sucata.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

p. 10

VIDA COTIDIANA

A briga da porta com a parede

Certo dia, era de tarde,
brigavam porta e parede.
Discutiam com alarde.
Eu as ouvia, cá da rede.

- Cala a boca, senão te acerto!
berrava tresloucada porta
com seu trinco semi-aberto
à parede quase morta
de medo, logo ali, perto.

- Cala a boca, que me bato!
diz a porta furibunda
- te derrubando todinha!
Quero te ver bem imunda
igualzinha a tua vizinha.

A parede, nem te ligo,
faz ouvidos de mercador.
Alheando-se ao perigo
promete saltar a janela
buscando por certo outro abrigo.

No meio da discussão
que se prolongava, afinal
ouviu-se do telhado um NÃO:
- Acabem essa briga infernal
que senão eu vou ao chão!

Antônio Hohlfeldt
A briga da porta com a parede.
São Paulo: FTD, 1987.
p.3

Poeta de criança

Permitam que me apresente
o nome? Não tem importância
Pode ser João o José
ou Dom Luis e Bragança
Tanto faz eu ser careca
ou no cabelo usar trança
E daí se eu sou magrela
ou tenha uma linda pança?
Permitam que eu me apresente
SOU POETA DE CRIANÇA!

Kalunga
O primeiro namorado.
Caxias do Sul: Maneco, 2004.
p. 11

Dom Queixote

Ele mesmo não se atura
quando se olha no espelho
a sua triste figura
não quer ver nem por conselho.

O que mais lhe tira o gosto
é o queixo maior que o rosto
por isso chamam o velhote
cavaleiro Dom Queixote

Trabalhou a fazer calo
nunca foi de ter fricote
fabricou o seu cavalo
com as tábuas de um caixote.

Não se queixa, o Dom Queixote
de não ser o de Cervantes
vai andando no seu trote
pelo amor segue adiante.

Não quer atacar moinhos
nem ser herói de epopéia
só quer achar nos caminhos
sua doce Dulcinéia.

Dilan Camargo

Bamboletras.

Porto Alegre: Projeto, 2002.

p.14

-----Efeito humorístico-----

Tableau

Nunca se deve deixar um defunto sozinho ou, se o fizermos, é recomendável tossir discretamente antes de entrar de novo na sala. Uma noite em que eu estava a sós com uma dessas desconcertantes criaturas, acabei aborrecendo-me (pudera!) e fui beber qualquer coisa no bar mais próximo. Pois nem queira saber... Quando voltei, entrei inopinadamente na sala, estava ele sentado no caixão, comendo sofregamente uma das quatro velas que o ladeavam! E só Deus sabe o constrangimento em que nos vimos os dois, os nossos míseros gestos de desculpa e os sorrisos amarelos que trocamos...

Mario Quintana

Sapato furado.

São Paulo: Global, 2006.

p.6

Aventuras do ABC

O H é uma escada
com um só degrau
parece um pirata
com pernas de pau.

que será que pensa
este H quadrada,
com seu ar de moço
empertigado?

será que ele anda de
frente ou de lado?

H de Haveria
H de Haverá
ele empurra as horas
para o-que-será.

Walmir Ayala
Aventuras do ABC.
São Paulo: Melhoramentos, 1981.
p. 13

O arquiteto Anacleto

Parede de vento,
tijolo de espuma.

Nova
parede de vento,

novo
tijolo de espuma...

E o arquiteto Anacleto
nunca fez casa nenhuma.

Jaime Vaz Brasil
A pandorga da lua.
Porto Alegre: WS, 2003.
p. 20

-----Efeito de nonsense-----

O sono e o pesadelo

É o travesseiro-travesso
que põe a cor no meu sonho?

Por que às vezes é tão doce
e outras é tão medonho?

Se eu não gostar do que sonho
um dia peço um novelo

e vou atacar com nó cego
o olho do pesadelo

Jaime Vaz Brasil
A pandorga da lua.
Porto Alegre: WS, 2003.
p.13

Lembranças
Daqui e dali
reúno lembranças!
Um rio que ri,
um monge de tranças.
A gata Sofia
com sete gatinhos.
A noite vadia
cantando os sapinhos.

Vestida de zorro
Gritando o Alaor:
Socorro! Socorro!
Um rato! Que horror!

A gaita esquisita
Do Zé-Tudo-Toca.
O laço de fita
da amiga dondoca.
Marrecos, estrelas,
lembranças sem fim,
que bom poder vê-las
passando por mim!
(DINORAH, 1997,

Maria Dinorah
Barco de sucata.
Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997
p. 11

ANIMAIS

Brincadeira

Berra bezerro

pintando de pinta,

brinca de pinto

com bico de pato,

babando no prato

com pinta de pinto.

Amir Feijó Pereira
Sanduíche de poesia.
Porto Alegre: AGE, 2000.
p. 10

-----Efeito lúdico-----

O quadro dos três cavalos

Há três cavalos
num campo verde
sob uma lua
Arcaica.

Há três cavalos
que pastam
e se entreolham
numa moldura.

Há três cavalos
que pairam
sobre o branco
da tela.

Há três cavalos
que moram
na parede
de uma sala.

,

José Eduardo Degrazia

O samba da girafa.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

p. 22

A caça as baratas

A barata se antena
que na cozinha
não tem veneno...
só tem doces e comidas
que valem a pena.

A barata sai do buraco
em que se esconde.
e espia se não vem o homem...

Que maravilha a liberdade
da barata...

A barata mata a sua fome
nos desvãos do que o homem come.

Mas repentinamente o homem chega
com a chinela pronta
e a barata corre tonta
sem saber o lado certo.

Até que o homem a cerca
para o golpe mais certo
mas antes que num zup
a chinela desça
a barata se enfia
embaixo da pia.

José Eduardo Degrazia

O samba da girafa.

Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

p.8

-----Efeito humorístico-----

Treino musical

O ato no dó
arranhou o gogó.

A garnisé no ré
cocoricô olhando pro pé.

O mico espichando o mi,
imitava o palhaço Cricri.

A girafa emitindo o fá
engasgou-se sem bafafá.

O caracol
suspirou a clave do sol.

A lagarta quase tosse no lá,
pois sabe que agora não dá.

O cisne esgoelou mais o si
ao mostrar-se seguro de si.

Amir Feijó Pereira
O barato é brincar.
Porto Alegre: AGE, 2001.
p. 6

-----Efeito humorístico-----

A arca de hacaís

O boi mastiga, mastiga
Come tanto tempo
Que leva as horas na barriga.

Exercício de mosca
É fazer
Piruetas na rosca.

Luis Dill
A arca de hacaís.
Porto Alegre: WS, 2005.
p. 47

-----Efeito de nonsense-----

Bicho-poesia

Quantos beijos
Carrega
O pequenino Beija-Flor?

A zebra tira o pijama
Quando vai para cama?

Alguém me diga,
Alguém me diz:
O tamanduá,
Com aquele nariz,
Come formiga
E é feliz?

O porco-espinho
Coitadinho
Não gosta de carinho.

A cigarra
Toca gaita
Ou toca guitarra?

A girafa
Toma refrigerante
No copo ou na garrafa?

Papagaio
Papafoia

Para ficar grande
Maior do que o urso
Terá o elefante
Feito algum curso?

O chimpanzé
Chamado Zeca
É chimpanzé
Ou chimpanzeca?

O gato mia
Debaixo da pia
Porque está
Com a barriga vazia?

Como faz o jacaré
Para cortar
A unha do pé?

Quando o sapo
Entra no buraco,
Onde mora o rato,
É para bater papo?

Quem aparece
É o bicho–poesia
Quando o poeta
Fala da bicharada?

Mario Pirata
Bicho poesia.
São Paulo: Paulinas, 1997.
p.2

A tartaruga

O relógio
da tartaruga
marca décadas
e séculos.

Ouçã a batida.

E separe, se possível,
onde termina a pedra,
onde começa a vida.
(CORONEL, 1992,)

Luiz Coronel
Avefauna: viva os bichos.
Porto Alegre: Tchê, 1992.
p. 11

O rato Roque

O rato Roque
roque roque
rói o queijo
roque roque
rói a cama
roque roque
o pé da mesa
roque roque
rói o pão
roque roque
o coração
roque roque
de Tereza
roque roque
rói o choro
roque roque
da criança
roque roque
rói os sonhos
roque roque
de Antonio
roque roque
rói a noite
roque roque
rói o dia
roque roque
rói o tempo
roque roque
rói a hora
roque roque
e o vestido
roque roque
de Maria
roque roque
rói a rua
roque roque
rói o beijo
roque roque
rói a lua.

Sérgio Capparelli
O boi da cara preta.
Porto Alegre: L&PM, 2003.
p.52

NATUREZA

O barquinho

Vai e vem
Nas ondas do mar
Vai e vem
Mas não sai do lugar.

Barquinho é lancha
agora é navio.
Pirata ataca
na margem do rio.

Vai o barquinho
sem rumo e sem proa
vira a bacia
cai na lagoa.

Mara Regina Rösler.& Kalunga
Trem de carretel.
Santo Ângelo: URI, 1991.
p.17

-----Efeito lúdico-----

A chuva da primavera

Vrum, vrum, vrum, vem o vento
De chuva, vrum, vrum chegando
Das nuvens, de longe, distantes
Torrentes de água carregadas...

Cai água, em breve, do alto
É chuva que vem do céu
Derramando, pingando lento
Pim, pim, pim, no meu telhado

No jardim da primavera
As flores se abrem ligeiro
- Vem chuva, molhar bem depressa
Minhas rosas, orquídeas primeiro

As aves, também, bebem água
Da chuva que cai em profusão
- Vem, vem o pica-pau gritando
Mas da água, não tem medo, não!

No jardim da primavera
As crianças brincam faceiras
É tempo de folguedos
Derramando alegria de vida inteira...
Pim, pim, pim,
Pim,

Pim.

Paulina Vissoky

Balão vermelho.

Porto Alegre: Imprensa livre, 2003.

p. 8

-----Efeito lúdico-----

Historinha de praia

O mar
a areia
o sol
sereia

O céu
o azul
o banho
nu.

A bola
a pipa
a tia
Rita.

O pão
o queijo
meu gato
um beijo.

Mamãe
zangada.

O chinelo
a bunda
a palmada.

Suzana Vargas
Cochicho: poemas musicados.
Rio de Janeiro: José Olympio, 2003
p. 17

As fases da lua

A lua
Aluada
Estuda
Tabuada.

A lua
Luneta
Estuda
Opereta.

A lua
De mel
Estuda
O céu

A lua
Lunática
Estuda
Gramática.

Sérgio Capparelli
111 poemas para crianças.
Porto Alegre: L&PM, 2003.
p.135

-----Efeito humorístico-----

Visão

Olhei pro céu
vi uma
estrelinha
metida
em confusão.

no edifício
mais alto,
coitadinha!

enganchou
uma ponta
na antena
de televisão.

Carlos Urbim
Caderno de temas.
Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
p. 21

-----Efeito de nonsense-----

Planeta Samba

O vento assobia,
a árvore requebra,
o mar balança.

No Planeta Samba,
todo mundo tem gingado.

A chuva batuca,
o rio desfila,
a nuvem dança.

No Planeta Samba,
todo mundo é bem chegado.

Ricardo Silvestrin

Pequenas observações sobre a vida em outros planetas.

Porto Alegre: Projeto, 1998.

p. 18

-----Efeito de nonsense-----

Olivia via

Olívia
vinha
livre e sozinha
pela Via Láctea.
O que via
Olívia
com tanta alegria
ninguém
adivinha.

Leve e lívida
descobria Olivia
a origem do universo?
Ou será que só ouvia
o poeta dizer um verso?

Dilan Camargo
O vampiro Argemiro.
Porto Alegre: Projeto, 2001.
p 9

-----Efeito lírico-----

Vento no moinho

O vento foi ao moinho,
Num cavalo alazão,
Saber o peso da mó
E a resistência do grão.

O vento foi ao moinho
Com um ramo de alecrim.

O trigo, que era trigo,
Maduro, na plantação,
Agora não é mais trigo,
Era trigo; agora, pão.

O vento foi ao moinho
Com uma flor de jasmim.

O vento, que era vento,
Na crina do alazão.
O vento deixou de ser vento,
Era vento; agora, não.

O vento foi ao moinho,
Com um ramo de alecrim.

E você, em um canteiro,
Que era uma flor em botão,
Agora, desabrochou,
Dentro do meu coração.

Sérgio Capparelli
Minha sombra.
Porto Alegre: L&PM, 2002.
p. 37

ANEXO 2

POESIA INFANTIL NO RIO GRANDE DO SUL CATÁLOGO

A - Apresentação por data:

DATA	OBRA	AUTOR	LOCAL	EDITORA
1882	<i>Flores do campo: poesias infantis</i>	Dutra, José Fialho	Porto Alegre	Commercio
1945	<i>Festas escolares: poesias cívicas</i>	Cardoso Filho, Francisco	Porto Alegre	Riachuelo
1948	<i>O batalhão das letras</i>	Quintana, Mário	São Paulo	Globo
1975	<i>Pé de pilão</i>	Quintana, Mário	Porto Alegre	Garatuja
1977	<i>Tuta a tartaruga: ... e mais 4 histórias</i>	Vissocky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
1978	<i>O dia da inauguração do mundo e outras estórias de Luiz Coronel</i>	Coronel, Luiz	Porto Alegre	Garatuja
1980	<i>Era uma vez um reino encantado</i>	Guimarães, Josué	Porto Alegre	L&PM
1980	<i>Festa na floresta</i>	Ayala, Walmir	São Paulo	Melhoramentos
1981	<i>Aventuras do ABC</i>	Ayala, Walmir	São Paulo	Melhoramentos
1983	<i>Lili inventa o mundo</i>	Quintana, Mário	Porto Alegre	Mercado Aberto
1983	<i>O boi da cara preta</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre	L&PM
1984	<i>Cantiga de estrela</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	Mercado Aberto
1984	<i>A jibóia Gabriela</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre	L&PM
1984	<i>Sapo amarelo</i>	Quintana, Mário	Porto Alegre	Mercado Aberto
1984	<i>Nariz de vidro</i>	Quintana, Mário	São Paulo	Moderna
1984	<i>Saturnino desce ao pampa</i>	Coronel, Luiz	Porto Alegre	L&PM
1985	<i>O samba da girafa</i>	Degrazia, José Eduardo	Porto Alegre	Mercado Aberto
1985	<i>Mata-tira-tirarei</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	L&PM
1986	<i>Panela no fogo; barriga vazia</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	L&PM
1986	<i>Coração de papel</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	Moderna
1987	<i>Era um vento muito branco</i>	Nejar, Carlos	Porto Alegre	Globo
1987	<i>A briga da porta com a parede</i>	Hohlfeldt, Antonio Carlos	São Paulo	FTD
1987	<i>O embrulho do Getúlio</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre	Projeto
1987	<i>Desventuras do macaco golpista</i>	Cazarré, Lourenço	Porto Alegre	Tchê
1987	<i>Barco de sucata</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	Mercado Aberto
1987	<i>Doce de casa</i>	Vargas, Suzana	Rio de Janeiro	Record
1988	<i>Zão</i>	Nejar, Carlos	São Paulo	Melhoramentos
1988	<i>O esquilincho mágico</i>	Coronel, Luiz	Porto Alegre	Tchê
1988	<i>O baú do gogó</i>	Silvestrin, Ricardo	Porto Alegre	Sulina
1989	<i>Tudo pode, nada pode</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	Sulina
1989	<i>Poesia sapeca</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	L&PM
1989	<i>Chapéu-de-vento</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	Tchê
1989	<i>As minhocas também amam e mamam</i>	Pirata, Mario	Porto Alegre	Sulina
1990	<i>A cara alegre da natureza</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre	AGE
1990	<i>Cochicho: poemas musicados</i>	Vargas, Suzana	Rio de Janeiro	José Olympio
1991	<i>Trem de carretel</i>	Kalunga	Santo Ângelo	URI
1992	<i>A viagem da minhoca cirandeira</i>	Kalunga	Santo Ângelo	URI
1992	<i>Diário de um guri</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre	Projeto
1992	<i>Avefauna: viva os bichos</i>	Coronel, Luiz	Porto Alegre	Tchê
1992	<i>Ver de ver</i>	Dinorah, Maria	São Paulo	FTD
1992	<i>Vinte pontos de uma vez</i>	Dinorah, Maria	Belo Horizonte	Lê
1992	<i>Giroflê, giroflá</i>	Dinorah, Maria	Belo Horizonte	Lê
1992	<i>Pitangas e vagalumes</i>	Dinorah, Maria	Belo Horizonte	Lê
1992	<i>Livro dos meses</i>	Miranda, Luiz de	São Paulo	FTD
1993	<i>O grilo de Gina</i>	Coimbra, Hebe	Belo Horizonte	Formato
1993	<i>Vampiro Argemiro</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre	Projeto
1993	<i>Ecocirandinha</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre	Mercado Aberto

1994	<i>A bruxa do coração doce</i>	Zieger, Lilian	Porto Alegre	Kuarup
1994	<i>Sapato furado</i>	Quintana, Mário	São Paulo	FTD
1994	<i>O sonho virado</i>	Zieger, Lilian	Porto Alegre	Kuarup
1994	<i>O elefante trombudo</i>	Rösler, Mara	Porto Alegre	Mercado Aberto
1996	<i>33 ciberpoemas e uma fábula virtual</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre	L&PM
1997	<i>Bicho poesia</i>	Pirata, Mario	São Paulo	Paulinas
1997	<i>Saco de brinquedos</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre	Projeto
1997	<i>A volta do bicho-poesia</i>	Pirata, Mario	Porto Alegre	Paulinas
1998	<i>Abecedário alegre de Porto Alegre</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre	CV
1998	<i>A torre da usina</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre	CV
1998	<i>Bamboletras</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre	CV
1998	<i>Saco de mafagafos</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre	Projeto
1998	<i>Astro lábio</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre	Projeto
1998	<i>Pequenas observações sobre a vida em outros planetas</i>	Silvestrin, Ricardo	Porto Alegre	Projeto
1999	<i>O que não é parece</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre	Alcance
1999	<i>Caderno de temas</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre	Mercado Aberto
1999	<i>A árvore que dava sorvete</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre	Projeto
2000	<i>Um elefante no nariz</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre	L&PM
2000	<i>Sanduíche de poesias</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre	AGE
2001	<i>Minha sombra</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre	L&PM
2001	<i>O fazedor de balões</i>	Pirata, Mario	Porto Alegre	Mercado Aberto
2001	<i>O barato é brincar</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre	AGE
2002	<i>A magia do brincadeira</i>	Mario Pirata	Porto Alegre	Mercado Aberto
2003 ⁶	<i>A menina dos cabelos que enroscam nos botões</i>	Vissoky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
2003	<i>Balão vermelho</i>	Vissoky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
2003	<i>Tem balas no trem bala</i>	Vissoky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
2003	<i>Caixinha de surpresas</i>	Vissoky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
2003	<i>Pirulito nas estrelas</i>	Vissoky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
2003	<i>Procurando a ferradura da sorte</i>	Vissoky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
2003	<i>Pingos de sorvete</i>	Vissoky, Paulina	Porto Alegre	Imprensa Livre
2003	<i>Criança não faz de conta</i>	Kalunga	Belo Horizonte	Miguilim
2003	<i>É tudo invenção</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo	Ática
2003	<i>A galera tagarela</i>	Camargo, Dilan	Passo Fundo	UPF
2003	<i>Um menino qualquer</i>	Riter, Caio	Porto Alegre	WS
2003	<i>Poesia das capitais</i>	Miranda, Luiz de	São Paulo	FTD
2003	<i>A pandorga da lua</i>	Brasil, Jaime Vaz	Porto Alegre	WS
2004	<i>Cantigas de ninar vento</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre	Paulus
2004	<i>O primeiro namorado</i>	Kalunga	Caxias do Sul	Maneco
2005	<i>Emburrado</i>	Sisto, Celso	Porto Alegre	Paulus
2005	<i>Mmmmmmonstros!</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo	Salamandra
2005	<i>Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre	WS
2005	<i>Bestiário</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre	Projeto
2007	<i>Circo mágico: poemas circenses para gente pequena, média e grande</i>	Britto, Alexandre	Porto Alegre	Projeto
2007	<i>Brinçar</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre	Projeto
2008	<i>E um rinoceronte dobrado</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre	Projeto
2008	<i>Transpoemas</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo	Cosac Naify
2009	<i>A moda genética</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo	Ática
<hr/>				
2003	<i>111 poemas para crianças</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre	Projeto (Coletânea)

2010	<i>Dez casas e um poste que Pedro fez</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre	Projeto
2010	<i>Poeplano</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre	Projeto
2010	<i>A arca de haicais</i>	Dill, Luís	Porto Alegre	WS
2011	<i>Dever de casa</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre	Projeto
2011	<i>Do alto do meu chapéu</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre	Projeto

B- Apresentação por autor:

AUTOR	DATA	OBRA	LOCAL	EDITORA
Ayala, Walmir	1980	<i>Festa na floresta</i>	São Paulo	Melhoramentos
Ayala, Walmir	1981	<i>Aventuras do ABC</i>	São Paulo	Melhoramentos
Bernardi Jr, Hermes	1998	<i>Abecedário alegre de Porto Alegre</i>	Porto Alegre	CV
Bernardi Jr, Hermes	1998	<i>A torre da usina</i>	Porto Alegre	CV
Bernardi Jr, Hermes	2008	<i>E um rinoceronte dobrado</i>	Porto Alegre	Projeto
Bernardi Jr, Hermes	2010	<i>Dez casas e um poste que Pedro fez</i>	Porto Alegre	Projeto
Brasil, Jaime Vaz	2003	<i>A pandorga da lua</i>	Porto Alegre	WS
Brito, Alexanre	2007	<i>Circo mágico: poemas circenses para gente pequena, média e grande</i>	Porto Alegre	Projeto
Camargo, Dilan	1987	<i>O embrulho do Getúlio</i>	Porto Alegre	Projeto
Camargo, Dilan	1993	<i>Vampiro Argemiro</i>	Porto Alegre	Projeto
Camargo, Dilan	1998	<i>Bamboletras</i>	Porto Alegre	CV
Camargo, Dilan	2003	<i>A galera tagarela</i>	Passo Fundo	UPF
Camargo, Dilan	2007	<i>Brincriar</i>	Porto Alegre	Projeto
Camargo, Dilan	2010	<i>Poeplano</i>	Porto Alegre	Projeto
Capparelli, Sérgio	1983	<i>O boi da cara preta</i>	Porto Alegre	L&PM
Capparelli, Sérgio	1984	<i>A jibóia Gabriela</i>	Porto Alegre	L&PM
Capparelli, Sérgio	1996	<i>33 ciberpoemas e uma fábula virtual</i>	Porto Alegre	L&PM
Capparelli, Sérgio	1999	<i>A árvore que dava sorvete</i>	Porto Alegre	Projeto
Capparelli, Sérgio	2000	<i>Um elefante no nariz</i>	Porto Alegre	L&PM
Capparelli, Sérgio	2001	<i>Minha sombra</i>	Porto Alegre	L&PM
Cardoso Filho, Francisco	1945	<i>Festas escolares: poesias cívicas</i>	Porto Alegre	Riachuelo
Cazarré, Lourenço	1987	<i>Desventuras do macaco golpista</i>	Porto Alegre	Tchê
Coronel, Luiz	1988	<i>O esquilincho mágico</i>	Porto Alegre	Tchê
Coronel, Luiz	1992	<i>Avefauna: viva os bichos</i>	Porto Alegre	Tchê
Degrazia, José Eduardo	1985	<i>O samba da girafa</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Dill, Luís	2010	<i>A arca de haicais</i>	Porto Alegre	WS
Dinorah, Maria	1984	<i>Cantiga de estrela</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Dinorah, Maria	1985	<i>Mata-tira-tirarei</i>	Porto Alegre	L&PM
Dinorah, Maria	1986	<i>Panela no fogo; barriga vazia</i>	Porto Alegre	L&PM
Dinorah, Maria	1986	<i>Coração de papel</i>	Porto Alegre	Moderna
Dinorah, Maria	1987	<i>Barco de sucata</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Dinorah, Maria	1989	<i>Tudo pode, nada pode</i>	Porto Alegre	Sulina
Dinorah, Maria	1989	<i>Poesia sapeca</i>	Porto Alegre	L&PM
Dinorah, Maria	1989	<i>Chapéu-de-vento</i>	Porto Alegre	Tchê
Dinorah, Maria	1992	<i>Ver de ver</i>	São Paulo	FTD

Dinorah, Maria	1992	<i>Vinte pontos de uma vez</i>	Belo Horizonte	Lê
Dinorah, Maria	1992	<i>Giroflê, giroflá</i>	Belo Horizonte	Lê
Dinorah, Maria	1992	<i>Pitangas e vagalumes</i>	Belo Horizonte	Lê
Dinorah, Maria	1993	<i>Ecocirandinha</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Dutra, José Fialho	1882	<i>Flores do Campo: poesias infantis</i>	Porto Alegre	Commercio
Guimarães, Josué	1980	<i>Era uma vez um reino encantado</i>	Porto Alegre	L&PM
Hohlfeldt, Antonio Carlos	1987	<i>A briga da porta com a parede</i>	São Paulo	FTD
Kalunga	1991	<i>Trem de carretel</i>	Santo Ângelo	URI
Kalunga	1992	<i>A viagem da minhoca cirandeira</i>	Santo Ângelo	URI
Kalunga	2003	<i>Criança não faz de conta</i>	Belo Horizonte	Miguilim
Kalunga	2004	<i>O primeiro namorado</i>	Caxias do Sul	Maneco
Miranda, Luiz de	1992	<i>Livro dos meses</i>	São Paulo	FTD
Miranda, Luiz de	2003	<i>Poesia das capitais</i>	São Paulo	FTD
Nejar, Carlos	1987	<i>Era um vento muito branco</i>	Porto Alegre	Globo
Nejar, Carlos	1988	<i>Zão</i>	São Paulo	Melhoramentos
Pereira, Amir Feijó	1990	<i>A cara alegre da natureza</i>	Porto Alegre	AGE
Pereira, Amir Feijó	1999	<i>O que não é parece</i>	Porto Alegre	Alcance
Pereira, Amir Feijó	2000	<i>Sanduíche de poesias</i>	Porto Alegre	AGE
Pereira, Amir Feijó	2001	<i>O barato é brincar</i>	Porto Alegre	AGE
Pirata, Mario	1989	<i>As minhocas também amam e mamam</i>	Porto Alegre	Sulina
Pirata, Mario	1997	<i>Bicho poesia</i>	São Paulo	Paulinas
Pirata, Mario	1997	<i>A volta do bicho-poesia</i>	Porto Alegre	Paulinas
Pirata, Mario	2001	<i>O fazedor de balões</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Pirata, Mario	2002	<i>A magia do brincadeira</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Quintana, Mário	1975	<i>Pé de pilão</i>	Porto Alegre	Garatuja
Quintana, Mário	1983	<i>Lili inventa o mundo</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Quintana, Mário	1984	<i>Sapo amarelo</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Quintana, Mário	1984	<i>Nariz de vidro</i>	São Paulo	Moderna
Quintana, Mário	1994	<i>Sapato furado</i>	São Paulo	FTD
Riter, Caio	2003	<i>Um menino qualquer</i>	Porto Alegre	WS
Rösler, Mara	1994	<i>O elefante trombudo</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Silvestrin, Ricardo	1988	<i>O baú do gogó</i>	Porto Alegre	Sulina
Silvestrin, Ricardo	1998	<i>Pequenas observações sobre a vida em outros planetas</i>	Porto alegre	Projeto
Silvestrin, Ricardo	2003	<i>É tudo invenção</i>	São Paulo	Ática
Silvestrin, Ricardo	2005	<i>Mmmmmmonstros!</i>	São Paulo	Salamandra
Silvestrin, Ricardo	2008	<i>Transpoemas</i>	São Paulo	Cosac Naify
Silvestrin, Ricardo	2009	<i>A moda genética</i>	São Paulo	Ática
Sisto, Celso	2005	<i>Emburrado</i>	Porto Alegre	Paulus
Souza, Gláucia de	2004	<i>Cantigas de ninar vento</i>	Porto Alegre	Paulus
Souza, Gláucia de	1998	<i>Saco de mafagafos</i>	Porto Alegre	Projeto
Souza, Gláucia de	1998	<i>Astro lábio</i>	Porto Alegre	Projeto
Souza, Gláucia de	2005	<i>Bestiário</i>	Porto Alegre	Projeto
Souza, Gláucia de	2011	<i>Do alto do meu chapéu</i>	Porto Alegre	Projeto
Urbim, Carlos	1992	<i>Diário de um guri</i>	Porto Alegre	Projeto
Urbim, Carlos	1997	<i>Saco de brinquedos</i>	Porto Alegre	Projeto
Urbim, Carlos	1999	<i>Caderno de temas</i>	Porto Alegre	Mercado Aberto
Urbim, Carlos	2005	<i>Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância</i>	Porto alegre	WS
Urbim, Carlos	2011	<i>Dever de casa</i>	Porto Alegre	Projeto
Vargas, Suzana	1987	<i>Doce de casa</i>	Rio de Janeiro	Record
Vargas, Suzana	1990	<i>Cochicho: poemas musicados</i>	Rio de Janeiro	José Olympio
Vissocky, Paulina	1977	<i>Tuta a tartaruga:... e mais 4 histórias</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre
Vissocky, Paulina	2003	<i>A menina dos cabelos que enroscam nos botões</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre

Vissooky, Paulina	2003	<i>Balão vermelho</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre
Vissooky, Paulina	2003	<i>Tem balas no trem bala</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre
Vissooky, Paulina	2003	<i>Caixinha de surpresas</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre
Vissooky, Paulina	2003	<i>Pirulito nas estrelas</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre
Vissooky, Paulina	2003	<i>Procurando a ferradura da sorte</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre
Vissooky, Paulina	2003	<i>Pingos de sorvete</i>	Porto Alegre	Imprensa Livre
Zieger, Lilian	1994	<i>A bruxa do coração doce</i>	Porto Alegre	Kuarup
Zieger, Lilian	1994	<i>O sonho virado</i>	Porto Alegre	Kuarup

C - Apresentação por local de edição:

LOCAL	DATA	OBRA	AUTOR	EDITORA
Belo Horizonte	1992	<i>Vinte pontos de uma vez</i>	Dinorah, Maria	Lê
Belo Horizonte	1992	<i>Giroflê, giroflá</i>	Dinorah, Maria	Lê
Belo Horizonte	1992	<i>Pitangas e vagalumes</i>	Dinorah, Maria	Lê
Belo Horizonte	1993	<i>O grilo de Gina</i>	Coimbra, Hebe	Formato
Belo Horizonte	2003	<i>Criança não faz de conta</i>	Kalunga	Formato
Caxias do Sul	2004	<i>O primeiro namorado</i>	Kalunga	Miguilim
Passo Fundo	2003	<i>A galera tagarela</i>	Camargo, Dilan	UPF
Porto Alegre	1882	<i>Flores do campo: poesias infantis</i>	Dutra, José Fialho	Commercio
Porto Alegre	1945	<i>Festas escolares: poesias cívicas</i>	Cardoso Filho, Francisco	Riachuelo
Porto Alegre	1975	<i>Pé de pilão</i>	Quintana, Mario	Garatuja
Porto Alegre	1977	<i>Tuta a tartaruga...e mais 4 histórias</i>	Vissooky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	1978	<i>O dia da inauguração do mundo e outras estórias de Luiz Coronel</i>	Coronel, Luiz	Garatuja
Porto alegre	1980	<i>Era uma vez um reino encantado</i>	Guimarães, Josué	L&PM
Porto Alegre	1983	<i>Lili inventa o mundo</i>	Quintana, Mario	Mercado Aberto
Porto Alegre	1983	<i>O boi da cara preta</i>	Capparelli, Sérgio	L&PM
Porto Alegre	1984	<i>Cantiga de estrela</i>	Dinorah, Maria	Mercado Aberto
Porto Alegre	1984	<i>A jibóia Gabriela</i>	Capparelli, Sérgio	L&PM
Porto Alegre	1984	<i>Sapo amarelo</i>	Quintana, Mario	Mercado Aberto
Porto Alegre	1984	<i>Saturnino desce ao pampa</i>	Coronel, Luiz	L&PM
Porto Alegre	1985	<i>O samba da girafa</i>	Degrazia, José Eduardo	Mercado Aberto
Porto Alegre	1985	<i>Mata-tira-tirarei</i>	Dinorah, Maria	L&PM
Porto Alegre	1986	<i>Panela no fogo; barriga vazia</i>	Dinorah, Maria	L&PM
Porto Alegre	1986	<i>Coração de papel</i>	Dinorah, Maria	Moderna
Porto Alegre	1987	<i>Era um vento muito branco</i>	Nejar, Carlos	Globo
Porto Alegre	1987	<i>O embrulho do Getúlio</i>	Camargo, Dilan	Projeto
Porto Alegre	1987	<i>Desventuras do macaco golpista</i>	Cazarré, Lourenço	Tchê
Porto Alegre	1987	<i>Barco de sucata</i>	Dinorah, Maria	Mercado Aberto
Porto Alegre	1988	<i>O esquilinheiro mágico</i>	Coronel, Luiz	Tchê
Porto Alegre	1988	<i>O baú do gogó</i>	Silvestrin, Ricardo	Sulina
Porto Alegre	1989	<i>Tudo pode, nada pode</i>	Dinorah, Maria	Sulina
Porto Alegre	1989	<i>Poesia sapeca</i>	Dinorah, Maria	L&PM
Porto Alegre	1989	<i>Chapéu-de-vento</i>	Dinorah, Maria	Tchê
Porto Alegre	1989	<i>As minhocas também amam e mamam</i>	Pirata, Mario	Sulina

Porto Alegre	1990	<i>A cara alegre da natureza</i>	Pereira, Amir Feijó	AGE
Porto Alegre	1992	<i>Diário de um guri</i>	Urbim, Carlos	Projeto
Porto Alegre	1992	<i>Avefauna: viva os bichos</i>	Coronel, Luiz	Tchê
Porto Alegre	1993	<i>Vampiro Argemiro</i>	Camargo, Dilan	Projeto
Porto Alegre	1993	<i>Ecocirandinha</i>	Dinorah, Maria	Mercado Aberto
Porto Alegre	1994	<i>A bruxa do coração doce</i>	Zieger, Lilian	Kuarup
Porto Alegre	1994	<i>O sonho virado</i>	Zieger, Lilian	Kuarup
Porto Alegre	1994	<i>O elefante trombudo</i>	Rösler, Mara	Mercado Aberto
Porto Alegre	1996	<i>33 ciberpoemas e uma fábula virtual</i>	Capparelli, Sérgio	L&PM
Porto Alegre	1997	<i>Saco de brinquedos</i>	Urbim, Carlos	Projeto
Porto Alegre	1997	<i>A volta do bicho-poesia</i>	Pirata, Mario	Paulinas
Porto Alegre	1997	<i>Bicho poesia</i>	Pirata, Mario	Paulinas
Porto Alegre	1998	<i>Abecedário alegre de Porto Alegre</i>	Bernardi Jr, Hermes	CV
Porto Alegre	1998	<i>A torre da usina</i>	Bernardi jr., Hermes	CV
Porto Alegre	1998	<i>Bamboletras</i>	Camargo, Dilan	Projeto
Porto Alegre	1998	<i>Saco de mafagafos</i>	Souza, Glauca	Projeto
Porto Alegre	1998	<i>Astro lábio</i>	Souza, Glauca	Projeto
Porto Alegre	1998	<i>Pequenas observações sobre a vida em outros planetas</i>	Silvestrin, Ricardo	Projeto
Porto Alegre	1999	<i>O que não é parece</i>	Pereira, Amir Feijó	Alcance
Porto Alegre	1999	<i>Caderno de temas</i>	Urbim, Carlos	Mercado Aberto
Porto Alegre	1999	<i>A árvore que dava sorvete</i>	Capparelli, Sérgio	Projeto
Porto Alegre	2000	<i>Um elefante no nariz</i>	Dinorah, Maria	L&PM
Porto Alegre	2000	<i>Sanduíche de poesias</i>	Dinorah, Maria	Moderna
Porto Alegre	2001	<i>O fazedor de balões</i>	Nejar, Carlos	Globo
Porto Alegre	2001	<i>O barato é brincar</i>	Camargo, Dilan	Projeto
Porto Alegre	2002	<i>A magia do brincadeiro</i>	Pirata, Mario	Mercado Aberto
Porto Alegre	2003	<i>A menina dos cabelos que enroscam nos botões</i>	Vissoky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	2003	<i>Balão vermelho</i>	Vissoky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	2003	<i>Tem balas no trem bala</i>	Vissoky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	2003	<i>Caixinha de surpresas</i>	Vissoky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	2003	<i>Pirulito nas estrelas</i>	Vissoky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	2003	<i>Procurando a ferradura da sorte</i>	Vissoky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	2003	<i>Pingos de sorvete</i>	Vissoky, Paulina	Imprensa Livre
Porto Alegre	2003	<i>Um menino qualquer</i>	Riter, Caio	WS
Porto Alegre	2003	<i>A pandorga da lua</i>	Brasil, Jaime Vaz	WS
Porto Alegre	2004	<i>Cantigas de ninar vento</i>	Souza, Glauca de	Paulus
Porto Alegre	2005	<i>Emburrado</i>	Sisto, Celso	Paulus
Porto Alegre	2005	<i>Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância</i>	Urbim, Carlos	WS
Porto Alegre	2005	<i>Bestiário</i>	Souza, Glauca	Projeto
Porto Alegre	2007	<i>Circo mágico: poemas circenses para gente pequena, média e grande</i>	Brito, Alexandre	Projeto
Porto Alegre	2007	<i>Brinciar</i>	Camargo, Dilan	Projeto
Porto Alegre	2008	<i>E um rinoceronte dobrado</i>	Bernardi Jr, Hermes	Projeto
Porto Alegre	2010	<i>Dez casas e um poste que Pedro fez</i>	Bernardi Jr, Hermes	Projeto
Porto Alegre	2010	<i>Poeplano</i>	Camargo, Dilan	Projeto
Porto Alegre	2010	<i>A arca de haicais</i>	Dill, Luis	WS
Porto Alegre	2011	<i>Dever de casa</i>	Camargo, Dilan	CV
Porto Alegre	2011	<i>Do alto do meu chapéu</i>	Souza, Glauca	Projeto

Porto Alegre	2001	<i>Minha sombra</i>	Capparelli, Sérgio	L&PM
Rio de Janeiro	1987	<i>Doce de casa</i>	Vargas, Suzana	Record
Rio de Janeiro	1990	<i>Cochicho: poemas musicados</i>	Vargas, Suzana	Record
Santo Ângelo	1991	<i>Trem de Carretel</i>	Kalunga	URI
Santo Ângelo	1992	<i>A viagem da minhoca cirandeira</i>	Kalunga	URI
São Paulo	1948	<i>O batalhão das letras</i>	Quintana, Mario	Globo
São Paulo	1980	<i>Festa na floresta</i>	Ayala, Walmir	Melhoramentos
São Paulo	1981	<i>Aventuras do ABC</i>	Ayala, Walmir	Melhoramentos
São Paulo	1984	<i>Nariz de vidro</i>	Quintana, Mario	Moderna
São Paulo	1987	<i>A briga da porta com a parede</i>	Hohlfeldt, Antonio	FTD
São Paulo	1988	<i>Zão</i>	Nejar, Carlos	Melhoramentos
São Paulo	1992	<i>Ver de ver</i>	Dinorah, Maria	FTD
São Paulo	1992	<i>Livro dos meses</i>	Miranda, Luiz de	FTD
São Paulo	1997	<i>Bicho poesia</i>	Pirata, Mario	Paulinas
São Paulo	2003	<i>É tudo invenção</i>	Silvestrin, Ricardo	Atica
São Paulo	2003	<i>Poesia das capitais</i>	Miranda, Luiz de	FTD
São Paulo	2005	<i>Mmmmmmonstros!</i>	Silvestrin, Ricardo	Salamandra
São Paulo	2008	<i>Transpoemas</i>	Silvestrin, Ricardo	Cosac Naify
São Paulo	2009	<i>A moda genética</i>	Silvestrin, Ricardo	Ática
São Paulo	1994	<i>Sapato furado</i>	Quintana, Mario	FTD

D- Apresentação por editora:

EDITORA	DATA	OBRA	AUTOR	LOCAL
AGE	1990	<i>A cara alegre da natureza</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre
AGE	2000	<i>Sanduíche de poesias</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre
AGE	2001	<i>O barato é brincar</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre
Alcance	1999	<i>O que não é parece</i>	Pereira, Amir Feijó	Porto Alegre
Ática	2003	<i>É tudo invenção</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo
Ática	2009	<i>A moda genética</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo
Commercio	1882	<i>Flores do Campo: poesias infantis</i>	Dutra, Jose Fialho	Porto Alegre
Cosac Naify	2008	<i>Transpoemas</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo
CV	1998	<i>Abecedário alegre de Porto Alegre</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre
CV	1998	<i>A torre da usina</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre
CV	1998	<i>Bamboletras</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre
Formato	1993	<i>O grilo de Gina</i>	Coimbra, Hebe	Belo Horizonte
FTD	1987	<i>A briga da porta com a parede</i>	Antonio Carlos Hohlfeldt	São Paulo
FTD	1992	<i>Ver de ver</i>	Dinorah, Maria	São Paulo
FTD	1992	<i>O livro dos meses</i>	Miranda, Luiz de	São Paulo
FTD	1994	<i>Sapato furado</i>	Quintana, Mário	São Paulo
FTD	2003	<i>Poesia das capitais</i>	Miranda, Luiz de	São Paulo
Garatuja	1975	<i>Pé de pilão</i>	Quintana, Mário	Porto Alegre
Garatuja	1978	<i>O dia da inauguração do mundo e outras estórias de Luiz Coronel</i>	Coronel, Luiz	Porto alegre
Globo	1948	<i>O batalhão das letras</i>	Quintana, Mario	São Paulo
Globo	1987	<i>Era um vento muito branco</i>	Nejar, Carlos	Porto Alegre
Imprensa Livre	1977	<i>Tuta a tartaruga: ... e mais 4 histórias</i>	Vissocky, Paulina	Porto Alegre

Imprensa Livre	2003	<i>A menina dos cabelos que enroscam nos botões</i>	Vissooky, Paulina	Porto Alegre
Imprensa Livre	2003	<i>Balão vermelho</i>	Vissooky, Paulina	Porto Alegre
Imprensa Livre	2003	<i>Tem balas no trem bala</i>	Vissooky, Paulina	Porto Alegre
Imprensa Livre	2003	<i>Caixinha de surpresas</i>	Vissooky, Paulina	Porto Alegre
Imprensa Livre	2003	<i>Pirulito nas estrelas</i>	Vissooky, Paulina	Porto Alegre
Imprensa Livre	2003	<i>Procurando a ferradura da sorte</i>	Vissooky, Paulina	Porto Alegre
Imprensa Livre	2003	<i>Pingos de sorvete</i>	Vissooky, Paulina	Porto Alegre
José Olympio	1990	<i>Cochicho: poemas musicados</i>	Vargas, Suzana	Rio de Janeiro
Kuarup	1994	<i>A bruxa do coração doce</i>	Zieger, Lilian	Porto Alegre
Kuarup	1994	<i>O sonho virado</i>	Zieger, Lilian	Porto Alegre
L&PM	1980	<i>Era uma vez um reino encantado</i>	Guimarães, Josué	Porto Alegre
L&PM	1983	<i>O boi da cara preta</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre
L&PM	1984	<i>A jibóia Gabriela</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre
L&PM	1984	<i>Saturnino desce ao pampa</i>	Coronel, Luiz	Porto Alegre
L&PM	1985	<i>Mata-tira-tirarei</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
L&PM	1986	<i>Panela no fogo; barriga vazia</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
L&PM	1989	<i>Poesia sapeca</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
L&PM	1996	<i>33 ciberpoemas e uma fábula virtual</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre
L&PM	2000	<i>Um elefante no nariz</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre
L&PM	2001	<i>Minha sombra</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre
Lê	1992	<i>Vinte pontos de uma vez</i>	Dinorah, Maria	Belo Horizonte
Lê	1992	<i>Giroflê, giroflá</i>	Dinorah, Maria	Belo Horizonte
Lê	1992	<i>Pitangas e vagalumes</i>	Dinorah, Maria	Belo Horizonte
Maneco	2004	<i>O primeiro namorado</i>	Kalunga	Caxias do Sul
Melhoramentos	1980	<i>Festa na floresta</i>	Ayala, Walmir	São Paulo
Melhoramentos	1981	<i>Aventuras do ABC</i>	Ayala, Walmir	São Paulo
Melhoramentos	1988	<i>Zão</i>	Nejar, Carlos	São Paulo
Mercado Aberto	1983	<i>Lili inventa o mundo</i>	Quintana, Mário	Porto Alegre
Mercado Aberto	1984	<i>Cantiga de estrela</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
Mercado Aberto	1984	<i>Sapo amarelo</i>	Quintana, Mário	Porto Alegre
Mercado Aberto	1985	<i>O samba da girafa</i>	Degrazia, José Eduardo	Porto Alegre
Mercado Aberto	1987	<i>Barco de sucata</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
Mercado Aberto	1993	<i>Ecocirandinha</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
Mercado Aberto	1994	<i>O elefante trombudo</i>	Rösler, Mara	Porto Alegre
Mercado Aberto	1999	<i>Caderno de temas</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre
Mercado Aberto	2001	<i>O fazedor de balões</i>	Pirata, Mario	Porto Alegre
Mercado Aberto	2002	<i>A magia do brincadeira</i>	Pirata, Mario	Porto Alegre
Miguilim	2003	<i>Criança não faz de conta</i>	Kalunga	Belo Horizonte
Moderna	1984	<i>Nariz de vidro</i>	Quintana, Mário	São Paulo
Moderna	1986	<i>Coração de papel</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
Paulinas	1997	<i>Bicho poesia</i>	Pirata, Mario	São Paulo
Paulinas	1997	<i>A volta do bicho-poesia</i>	Pirata, Mario	Porto Alegre
Paulus	2004	<i>Cantigas de ninar vento</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre
Paulus	2005	<i>Emburrado</i>	Sisto, Celso	Porto Alegre
Projeto	1987	<i>O embrulho do Getúlio</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre
Projeto	1992	<i>Diário de um guri</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre
Projeto	1993	<i>Vampiro Argemiro</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre
Projeto	1997	<i>Saco de brinquedos</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre
Projeto	1998	<i>Saco de mafagafos</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre
Projeto	1998	<i>Astro lábio</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre
Projeto	1998	<i>Pequenas observações sobre a vida em outros planetas</i>	Silvestrin, Ricardo	Porto Alegre
Projeto	1999	<i>A árvore que dava sorvete</i>	Capparelli, Sérgio	Porto Alegre
Projeto	2005	<i>Bestiário</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre

Projeto	2007	<i>Circo mágico: poemas circenses para gente pequena, media e grande</i>	Brito, Alexandre	Porto Alegre
Projeto	2007	<i>Brinciar</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre
Projeto	2008	<i>E um rinoceronte dobrado</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre
Projeto	2010	<i>Dez casas e um poste que Pedro fez</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre
Projeto	2010	<i>Poeplano</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre
Projeto	2011	<i>Dever de casa</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre
Projeto	2011	<i>Do alto do meu chapéu</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre
Record	1987	<i>Doce de casa</i>	Vargas, Suzana	Rio de Janeiro
Riachuelo	1945	<i>Festas escolares: poesias cívicas</i>	Cardoso Filho, Francisco	Porto Alegre
Salamandra	2005	<i>Mmmmmmonstros!</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo
Sulina	1988	<i>O baú do gogó</i>	Silvestrin, Ricardo	Porto Alegre
Sulina	1989	<i>As minhocas também amam e mamam</i>	Pirata, Mario	Porto Alegre
Tchê	1987	<i>Desventuras do macaco golpista</i>	Cazarré, Lourenço	Porto Alegre
Tchê	1988	<i>O esquilinho mágico</i>	Coronel, Luiz	Porto Alegre
Tchê	1989	<i>Chapéu-de-vento</i>	Dinorah, Maria	Porto Alegre
Tchê	1992	<i>Avefauna: viva os bichos</i>	Coronel, Luiz	Porto Alegre
UPF	2003	<i>A galera tagarela</i>	Camargo, Dilan	Passo Fundo
URI	1991	<i>Trem de Carretel</i>	Kalunga	Santo Ângelo
URI	1992	<i>A viagem da minhoca cirandeira</i>	Kalunga	Santo Ângelo
WS	2003	<i>Um menino qualquer</i>	Riter, Caio	Porto Alegre
WS	2003	<i>A pandorga da lua</i>	Brasil, Jaime Vaz	Porto Alegre
WS	2005	<i>Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre
WS	2010	<i>A arca de haicais</i>	Dill, Luís	Porto Alegre